

J.M.
COETZEE

Infância



COMPANHIA DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

J. M. COETZEE

INFÂNCIA

Cenas da vida na província

Tradução

Luiz Roberto Mendes Gonçalves



ELES MORAM NUM CONJUNTO HABITACIONAL perto da cidade de Worcester, entre a estrada de ferro e a rodovia Nacional. As ruas do conjunto têm nomes de árvores, mas ainda não têm árvores. O endereço deles é avenida dos Choupos número 12. Todas as casas do conjunto são novas e idênticas. Estão situadas em grandes lotes de terra argilosa e vermelha onde nada cresce, separadas por cercas de arame. Em cada quintal há uma pequena edícula que consiste em um quarto e um banheiro. Apesar de não terem empregada, eles se referem àquilo como “o quarto de empregada” e “o banheiro de empregada”. Usam o quarto de empregada para guardar coisas: jornais, garrafas vazias, uma cadeira quebrada, um velho catre de couro.

No fundo do quintal, eles construíram um galinheiro e ali instalaram três galinhas, que deveriam lhes fornecer ovos. Mas as galinhas não produzem. A água da chuva, incapaz de se infiltrar na argila, forma poças no quintal. O galinheiro se transforma num lamaçal malcheiroso. As galinhas têm calombos feios nas pernas, que lembram pele de elefante. Fracas e infelizes, elas pararam de pôr. A mãe dele consultou a irmã em Stellenbosch, e ela disse que só voltarão a pôr se eles cortarem as cascas duras que ficam embaixo da língua. Então a mãe segura as galinhas entre os joelhos, uma a uma, aperta o papo até abrirem o bico, e com a ponta de uma faca de descascar legumes cutuca-lhes a língua. As galinhas gritam e se debatem de olhos arregalados. Ele tem arrepios e se afasta. Lembra-se da mãe batendo a carne para o ensopado no balcão da cozinha e cortando-a em cubos; lembra-se dos dedos ensanguentados dela.

As lojas mais próximas ficam a dois quilômetros, indo pela estrada monótona, ladeada de eucaliptos. Presa naquela casinha no conjunto habitacional, a mãe não tem o que fazer o dia inteiro além de varrer e

arrumar. Toda vez que sopra o vento, uma poeira fina de argila ocre penetra sob as portas, passa pelas frestas das janelas, por baixo dos beirais, através das juntas do forro. Depois de um dia inteiro de tempestade, alguns centímetros de terra se amontoam contra a fachada.

Eles compram um aspirador. Todas as manhãs a mãe arrasta o aspirador de quarto em quarto, sugando a poeira para a barriga roncadora, sobre a qual um duende vermelho e sorridente parece saltar uma barreira. Um duende, por quê?

Ele brinca com o aspirador, rasgando papel e vendo voar as tiras para dentro como folhas ao vento. Segura o tubo sobre uma trilha de formigas e as suga para a morte.

Worcester tem formigas, moscas, infestações de pulgas. Worcester fica a apenas cento e quarenta quilômetros da Cidade do Cabo, mas aqui tudo é pior. Ele tem um círculo de picadas de pulga nas pernas, acima das meias, e feridas nos lugares em que coçou. Certas noites não consegue dormir de tanta coceira. Não entende por que precisaram sair da Cidade do Cabo.

A mãe também está impaciente. Se pelo menos eu tivesse um cavalo, ela diz, poderia ir cavalgar pela savana. Um cavalo!, admira-se o pai. Você quer ser Lady Godiva?

Ela não compra um cavalo. Em vez disso, sem avisar ninguém, compra uma bicicleta, modelo feminino, de segunda mão, pintada de preto. É tão grande e pesada que, quando ele a experimenta no quintal, não consegue girar os pedais.

Ela não sabe andar de bicicleta; talvez também não saiba andar a cavalo. Comprou a bicicleta pensando que seria fácil sair pedalando. E agora não encontra ninguém para ensiná-la.

O pai não consegue esconder a satisfação. Mulheres não andam de bicicleta, ele diz. A mãe continua a desafiá-lo. Não quero ser uma prisioneira nesta casa, ela diz. Serei livre.

No começo, ele achou maravilhoso que a mãe possuísse uma bicicleta. Chegou a imaginar os três pedalando pela avenida dos Choupos — ela, ele e seu irmão. Mas agora, ouvindo as piadas do pai, que a mãe retribui apenas com um silêncio obstinado, começa a hesitar. Mulheres não andam de bicicleta — e se o pai tiver razão? Se a mãe não encontrar alguém disposto a ensiná-la, se nenhuma outra dona de casa de Reunion

Park tiver uma bicicleta, talvez as mulheres realmente não devam andar de bicicleta.

No quintal atrás da casa, a mãe tenta aprender sozinha. Com as pernas estendidas até o chão, ela roda pelo caminho que vai até o galinheiro. A bicicleta se inclina e para. Como o modelo não tem o cano do meio, ela não cai, só tropeça um pouco de um jeito bobo, agarrada ao guidom.

O coração dele se volta contra ela. Naquela noite junta-se ao pai na zombaria. Sabe muito bem que é traição. Agora a mãe está sozinha.

Mas ela acaba aprendendo a pedalar, mesmo que de modo hesitante, sem equilíbrio, esforçando-se para girar as pesadas catracas.

Ela faz suas expedições a Worcester de manhã, quando ele está na escola. Só consegue vê-la uma vez, rapidamente, com a bicicleta. Está usando uma blusa branca e saia escura. Desce a avenida dos Choupos em direção à casa. Os cabelos ondulam ao vento. Ela parece jovem, quase uma menina, jovem e viçosa e misteriosa.

Toda vez que o pai vê a pesada bicicleta preta encostada à parede, faz uma piada. Nas piadas os moradores de Worcester interrompem seus afazeres e olham espantados a mulher que passa esfalfando-se na bicicleta. *Créc, créc*, eles gritam, caçoando: Força! As piadas não têm a menor graça, mas ele e o pai sempre riem juntos. Quanto a sua mãe, ela nunca tem uma reação, não possui esse dom. “Podem rir se quiserem”, diz.

Então, certo dia, sem explicação, ela deixa de andar de bicicleta. Pouco depois a bicicleta desaparece. Ninguém diz uma palavra, mas ele sabe que ela foi derrotada, posta em seu devido lugar, e sabe que em parte a culpa é dele. Um dia vou me redimir, promete a si mesmo.

A lembrança da mãe na bicicleta não o abandona. Ela pedala pela avenida dos Choupos fugindo dele, fugindo em direção a seus próprios desejos. Ele não quer que ela vá. Não quer que tenha desejos próprios. Quer que esteja sempre em casa, esperando que ele volte. Nem sempre se alia ao pai contra ela: está muito mais inclinado a apoiar a mãe contra o pai. Mas nesse caso fica do lado dos homens.

ELE NÃO CONTA NADA para a mãe. Sua vida escolar é guardada em segredo absoluto. Ela não vai saber de nada, decide, a não ser o que estiver no boletim trimestral, que será impecável. Ele será sempre o primeiro da classe. Seu comportamento será sempre *muito bom*, e o aproveitamento, *excelente*. Enquanto o boletim dele for irretocável, ela não terá o direito de perguntar nada. É o contrato que ele estipula mentalmente.

Acontece que na escola os meninos são castigados. E acontece todos os dias. Mandam os meninos se abaixarem até tocar os dedos dos pés, e então são açoitados com uma vara.

Ele tem um colega na terceira série chamado Rob Hart, que a professora particularmente adora sorrir. A professora da terceira série é uma mulher nervosa de cabelos tingidos com hena, chamada srta. Oosthuizen. De algum lugar os pais dele a conhecem por Marie Oosthuizen: ela participa de peças de teatro e nunca se casou. Está claro que ela tem uma vida fora da escola, mas ele não consegue imaginá-la. Não consegue imaginar nenhuma professora tendo uma vida fora da escola.

A srta. Oosthuizen tem acessos de raiva, manda Rob Hart levantar da carteira e inclinar-se, e então lhe bate nas nádegas. Os golpes são rápidos e seguidos, quase sem dar tempo para o bambu ir e voltar. Quando a srta. Oosthuizen termina, Rob Hart fica com o rosto vermelho. Mas ele não chora; na verdade, talvez esteja corado apenas porque estava de cabeça para baixo. A srta. Oosthuizen, por outro lado, tem o peito arfante e parece à beira das lágrimas — das lágrimas e também de outras emanções.

Depois desses rompantes de paixão desenfreada, a classe toda se cala, e continua calada até o sino tocar.

A srta. Oosthuizen nunca consegue fazer Rob Hart chorar; talvez seja isso o que lhe provoca esses acessos de raiva e a faz espancá-lo com tanta força, com mais força do que bate em qualquer outro. Rob Hart é o mais velho da classe, quase dois anos mais velho que ele (o mais jovem); ele tem a sensação de que entre Rob Hart e a srta. Oosthuizen existe alguma coisa que não consegue decifrar.

Rob Hart é alto e bonito, com maneiras atrevidas. Embora Rob Hart não seja inteligente, correndo até o risco de repetir de ano, ele é fascinado pelo colega. Rob Hart faz parte de um mundo no qual ele ainda não descobriu um jeito de entrar: um mundo de sexo e porrada.

Quanto a ele, não sente vontade de ser espancado pela srta. Oosthuizen ou por qualquer outra pessoa. A própria ideia de ser surrado o faz encolher-se de vergonha. Faria qualquer coisa para escapar disso. Nesse sentido, é esquisito, e sabe disso. Vem de uma família esquisita e envergonhada, na qual não apenas não surram as crianças, como tratam as pessoas mais velhas pelo primeiro nome e ninguém vai à igreja e usam sapatos todos os dias.

Todos os professores da escola, homens e mulheres, têm uma vara de bambu que podem usar à vontade. Cada vara tem uma personalidade, um caráter conhecido pelos meninos, que falam sobre elas incansavelmente. Num espírito de profunda sabedoria, os meninos avaliam a personalidade das varas e o tipo de dor que produzem, comparam as técnicas de braço e de pulso dos professores que as aplicam. Ninguém menciona a vergonha de ser chamado, ter de se inclinar e ser açoitado no traseiro.

Sem experiência própria, ele não pode participar dessas conversas. Assim mesmo, sabe que a dor não é a principal coisa a ser considerada. Se os outros garotos podem suportá-la, então ele, que tem muito mais força de vontade, também pode. O que não poderá suportar é a vergonha. A vergonha será tão forte, pensa, tão apavorante que, quando for chamado, se agarrará à escrivaninha, recusando-se a ir. E isso será uma vergonha ainda maior: o fará ser discriminado, e também incitará os outros meninos contra ele. Se um dia acontecer de o chamarem para ser castigado, haverá uma cena tão humilhante que ele nunca mais poderá voltar à escola; no final, não haverá outra saída além do suicídio.

Então é isso o que está em jogo. É por isso que ele nunca faz um ruído na classe. Por isso que está sempre limpo, sempre faz a lição de casa, sempre sabe a resposta. Não arrisca um deslize. Se deslizar, se arrisca a levar uma surra; e caso seja espancado, caso lute para não ser espancado, dá na mesma: ele vai morrer.

O mais estranho é que bastará uma surra para quebrar o terrível feitiço que o domina. Ele sabe bem disso: se de alguma forma o levarem depressa ao espancamento, antes que tenha tempo de se transformar em pedra e resistir, se a violação de seu corpo for efetuada rapidamente, à força, ele conseguirá sair como um garoto normal, capaz de participar tranquilamente das conversas sobre os professores, suas varas e os diversos graus e sabores da dor que produzem. Mas por si mesmo não consegue vencer essa barreira.

Põe a culpa na mãe, por não bater nele. Ao mesmo tempo que ele se sente feliz por usar sapatos, retirar livros na biblioteca pública e não ter que ir à escola quando está resfriado — todas as coisas que o tornam diferente —, ele sente raiva da mãe por não ter filhos normais e não lhes dar uma vida normal. O pai, caso assumisse o comando, os transformaria numa família normal. Seu pai é normal em todos os sentidos. Ele é grato à mãe por protegê-lo da normalidade do pai, quer dizer, das ocasionais e ingênuas crises de raiva e das ameaças de surra. Ao mesmo tempo tem raiva da mãe por transformá-lo numa coisa esquisita, uma coisa que precisa ser protegida para continuar vivendo.

Dentre as varas, não é a da srta. Oosthuizen que mais o impressiona. A mais temível é a do sr. Lategan, o professor de marcenaria. A vara do sr. Lategan não é comprida e flexível, no estilo preferido pela maioria dos professores. Ao contrário, é curta e roliça, mais parecendo uma bengala ou um bastão que uma vara. Comenta-se que o sr. Lategan só a aplica nos garotos maiores, pois seria demais para um menino mais jovem. Comenta-se que o sr. Lategan e sua vara já fizeram até meninos do último ano choramingar e implorar perdão, urinar nas calças e cair em desgraça.

O sr. Lategan é um homem baixo com cabelo militar e bigode. Não tem um dos polegares: o toco é coberto por uma nítida cicatriz arroxeadada. O sr. Lategan quase não fala. Está sempre distante, tem um humor irritadiço, como se ensinar marcenaria para meninos pequenos

fosse uma função menor, que ele desempenha sem vontade. Na maior parte das aulas, fica junto à janela, olhando para o pátio, enquanto os meninos tentam serrar, medir e aplainar. Às vezes ele segura a vara grossa e a tamborila na perna enquanto ruminava. Quando faz a ronda de inspeção, aponta com desdém o que está errado, encolhe os ombros e segue em frente.

É permitido aos meninos fazer piadas sobre os professores e suas varas. Na verdade, esse é um campo em que os mestres admitem até certa provocação. “Faça-a cantar, senhor!”, os meninos pedem. O sr. Gouws desce o braço e sua longa vara (a mais comprida da escola, apesar de o sr. Gouws ser apenas o professor da quinta série), assobia no ar.

Ninguém brinca com o sr. Lategan. Existe um respeito pelo sr. Lategan, pelo que ele é capaz de fazer com sua vara a meninos que já são quase homens.

No Natal, quando o pai e os irmãos do pai se reúnem na fazenda, a conversa sempre gira em torno dos tempos de escola. Eles relembram os professores e suas varas; se lembram das frias manhãs de inverno quando a vara deixava vergões azulados em suas nádegas, e o ardor durava dias na memória da carne. Nas palavras deles, há uma nota de nostalgia e temor prazeroso. Ele escuta avidamente, mas disfarça quanto pode. Não quer que, numa pausa da conversa, virem para ele e lhe perguntem sobre o lugar que a vara ocupa em sua própria vida. Nunca foi açoitado e se envergonha profundamente disso. Não pode falar sobre varas do jeito descontraído e experiente desses homens.

Tem a sensação de ser defeituoso. Tem a sensação de que alguma coisa em seu interior está se rompendo lentamente: um muro, uma membrana. Tenta se controlar ao máximo para manter esse rompimento dentro de limites. Para mantê-lo nos limites, e não para impedi-lo: nada poderá impedi-lo.

Uma vez por semana, ele e a classe marcham pelo pátio até o ginásio, para a aula de EF — Educação Física. No vestiário põem camisetas e calções brancos. Então, sob a orientação do sr. Barnard, também vestido de branco, passam meia hora saltando sobre o cavalo, ou atirando a pesada bola de ginástica, ou pulando e batendo palmas sobre a cabeça.

Fazem tudo isso descalços. Dias antes ele teme ficar descalço para a EF, descalçar os pés sempre escondidos. Mas, quando tira os sapatos e as

meias, de repente não há mais problema. Precisa simplesmente se distanciar de sua vergonha, passar pelo desnudamento de modo ágil e apressado, e seus pés se tornam apenas pés, iguais aos de qualquer outro. Porém, em algum lugar próximo, a vergonha ainda paira, esperando para retornar, mas é uma vergonha particular, que os outros garotos jamais perceberão.

Seus pés são macios e brancos; fora isso, se parecem com os de todo mundo, mesmo com os dos meninos que não têm sapatos e vão à escola descalços. Ele não gosta da EF e de se despir para a aula, mas diz a si mesmo que é capaz de suportar, assim como suporta outras coisas.

Mas certo dia há uma mudança na rotina. Eles são mandados do ginásio para as quadras de tênis, onde vão aprender a jogar com raquetes de madeira. As quadras são um pouco afastadas; no trajeto ele precisa caminhar com atenção, escolhendo os lugares sem pedrinhas. Sob o sol de verão o saibro da quadra está tão quente que ele saltita de um pé para outro a fim de não se queimar. É um alívio voltar para o vestiário e calçar os sapatos novamente; mas à tarde ele mal consegue andar, e quando a mãe tira seus sapatos em casa, vê que as solas dos pés estão cheias de bolhas e sangrando.

Ele passa três dias em casa se recuperando. No quarto dia volta com um bilhete da mãe, um bilhete cujas palavras indignadas ele compreende e aprova. Como um guerreiro ferido reassumindo o posto nas fileiras, ele manca pelo corredor até a carteira.

“Por que você faltou?”, seus colegas sussurram.

“Não conseguia andar, estava com bolhas nos pés por causa do tênis”, ele responde.

Ele espera surpresa e simpatia; mas recebe risos. Mesmo os colegas que usam sapatos não levam muito a sério a história. De alguma forma eles também conseguiram ter pés rijos, pés que não empolam. Só ele tem pés macios, e começa a perceber que ter pés macios não é uma marca de distinção. Subitamente está isolado — ele e, por trás dele, a mãe.

NUNCA ENTENDEU qual era a posição do pai na casa. Na verdade, não fica claro com que direito o pai está lá. Numa casa normal, ele consegue entender, o pai é o chefe: a casa lhe pertence, a mulher e os filhos vivem sob seu comando. Mas no caso deles, assim como no das duas irmãs de sua mãe, são a mulher e os filhos que formam o núcleo, enquanto o marido não passa de um apêndice, alguém que contribui economicamente como se fosse um inquilino.

Desde que pode se lembrar, ele se sente o príncipe da casa, e vê a mãe como uma incentivadora dúbia e uma protetora ansiosa — ansiosa e dúbia porque, como ele sabe, uma criança não deve mandar. Se pode sentir ciúme de alguém, não é do pai, mas do irmão menor. Pois a mãe também o incentiva e, porque o irmão é inteligente mas não tanto quanto ele, nem tão ousado ou aventureiro, chega a favorecê-lo. Na verdade, ela parece rondar constantemente o irmão, pronta para afastar o perigo; enquanto, no caso dele, mantém-se um pouco atrás, esperando, ouvindo, pronta para vir se ele chamar.

Gostaria que ela agisse com ele da mesma forma que com o irmão. Mas deseja isso como um sinal, uma prova, nada mais. Sabe que terá um acesso de raiva se um dia ela começar a rondá-lo.

Costuma acuá-la nos cantos e exigir que confesse de quem gosta mais, dele ou do irmão. Ela sempre se esquivava. “Gosto dos dois do mesmo jeito”, afirma sorrindo. Mesmo as perguntas mais elaboradas — e se a casa pegasse fogo, por exemplo, e ela só tivesse tempo para salvar um dos dois? — não conseguem pegá-la. “Os dois”, ela diz. “Com certeza salvarei os dois. Mas a casa não vai pegar fogo.” Embora caçoe da falta de imaginação dela, ele a respeita pela constância tenaz.

Os ataques contra a mãe são uma das coisas que ele precisa manter cuidadosamente em segredo do mundo exterior. Só eles quatro sabem

das torrentes de desprezo que despeja sobre ela, tratando-a como uma inferior. “Se seus professores e seus amigos soubessem como você trata sua mãe...”, diz o pai, balançando um dedo ameaçador. Ele odeia o pai por enxergar com tanta clareza a brecha em sua armadura.

Gostaria que o pai lhe batesse, transformando-o num menino normal. Ao mesmo tempo sabe que se o pai ousasse lhe dar uma surra, só descansaria depois de se vingar. Se seu pai o surrasse, ele enlouqueceria: ficaria possuído, como um rato acuado, correndo de um lado para outro, mostrando as presas venenosas, perigoso demais para ser tocado.

Em casa, ele é um déspota irascível; na escola, um cordeiro manso e tímido. Senta-se na penúltima fila, a fila mais obscura, para não ser notado, e enrijece de medo quando começam as surras. Levando essa vida dupla, criou para si mesmo um fardo de impostura. Ninguém mais precisa tolerar algo semelhante, nem mesmo seu irmão, que no máximo é uma imitação dele, nervosa e desbotada. Na verdade, ele suspeita que no fundo o irmão seja normal. Ele está sozinho. Não pode esperar a ajuda de ninguém. Cabe a ele mesmo superar de alguma forma a infância, a família e a escola, criar uma nova vida em que não precisará mais fingir.

A infância, segundo a *Enciclopédia das Crianças*, é uma época de felicidade inocente, que se vive nas campinas entre flores e coelhos, ou junto à lareira absorto num livro de contos. É uma visão da infância totalmente alheia a ele. Nada do que vive em Worcester, em casa ou na escola, o faz pensar que a infância seja mais que uma fase de engolir a seco e suportar.

Como não existe clube de lobinhos em Worcester, permitem que ele ingresse na tropa dos escoteiros, apesar de ter só dez anos. Para a estreia como escoteiro, prepara-se minuciosamente. Vai com a mãe à loja para comprar o uniforme: chapéu de feltro duro, marrom, com a insígnia prateada, camisa, calção e meias cáqui, cinto de couro com a fivela dos escoteiros, ombreiras e presilhas para as meias verdes. Ele corta uma lasca de um metro e meio de choupo, retira a casca e passa a tarde com uma chave de fenda em brasa, gravando na madeira branca todo o

código Morse e os sinais de trânsito. Vai para a sua primeira reunião dos escoteiros com a lasca pendurada no ombro por um cordão verde que ele mesmo trançou. Ao fazer o juramento e a continência com dois dedos, é, sem dúvida, o que tem o uniforme mais impecável entre os novatos, é o “pés-macios”.

Ele descobre que, assim como na escola, ser escoteiro é passar por provas. Para cada prova que a pessoa passa, ela recebe um distintivo, que é costurado na camisa.

As provas são feitas numa sequência predeterminada. A primeira é a dos nós: nó de escota, nó duplo, nó de aboço, catau. Ele é aprovado, mas sem distinção. Não entende bem como alguém passa nas provas dos escoteiros com distinção, com excelência.

A segunda prova vale um distintivo de lenhador. Para passar, ele deve acender o fogo sem usar papel e gastando no máximo três fósforos. No terreno vazio ao lado da igreja anglicana, numa tarde de inverno com vento frio, ele arma uma pilha de gravetos e pedaços de casca, e depois, sob o olhar do líder da tropa e do chefe dos escoteiros, risca os fósforos um a um. O fogo não acende: a cada vez o vento apaga a chama minúscula. O chefe dos escoteiros e o líder da tropa vão embora. Eles não pronunciam as palavras “Você foi reprovado”, então ele não tem certeza se fracassou realmente. E se tiverem se afastado para debater, e decidam que por causa do vento a prova foi injusta? Ele espera que voltem. Espera que de qualquer jeito lhe deem o distintivo do lenhador. Mas nada acontece. Ele fica junto do monte de gravetos e nada acontece.

Ninguém volta a tocar no assunto. Foi a primeira prova que ele não passou na vida.

Todas as férias de junho os escoteiros vão para um acampamento. Com exceção de uma semana que passou no hospital, aos quatro anos, ele nunca ficou longe da mãe. Mas está decidido a ir com os escoteiros.

Há uma lista de coisas para levar. Uma delas é um saco de dormir. Sua mãe não tem um saco de dormir, nem sabe bem o que seja. Em vez disso lhe compra um colchão inflável de borracha vermelho. No acampamento, ele descobre que todos os meninos têm sacos de dormir adequados, cáqui. O colchão vermelho imediatamente o distingue dos

outros. Também é incapaz de fazer as necessidades num buraco fedorento cavado na terra.

No terceiro dia de acampamento, eles vão nadar no rio Breede. Embora ele, o irmão e o primo costumassem pegar o trem até Fish Hoek e passar tardes inteiras trepando nas pedras, fazendo castelos de areia e saltando as ondas quando viviam na Cidade do Cabo, ele não sabe nadar de verdade. Agora, como escoteiro, precisa atravessar o rio a nado e voltar.

Ele detesta os rios com sua água turva, a lama que se enfia entre os dedos do pé, as latas enferrujadas e os cacos de vidro em que se pode pisar; prefere a areia branca e limpa da praia. Mesmo assim mergulha e consegue atravessar, debatendo-se. Na margem oposta se agarra à raiz de uma árvore, acha um apoio para o pé e fica ali com água barrenta até a cintura, batendo os dentes.

Os outros meninos chegam e começam a nadar de volta. Ele fica sozinho. Não há o que fazer além de se atirar novamente na água.

No meio da correnteza, sente-se exausto. Desiste de nadar e tenta ficar de pé, mas o rio é fundo demais. Sua cabeça afunda. Ele tenta se reerguer, voltar a nadar, mas não acha forças. Afunda pela segunda vez.

Tem uma visão da mãe sentada numa cadeira de espaldar alto e reto, lendo a carta que relata a morte dele. O irmão está atrás, espiando por sobre o ombro dela.

A próxima coisa que percebe é que está deitado na margem do rio, e o líder da tropa, que se chama Michael e com quem ainda não teve coragem de falar, está montado sobre ele. Fecha os olhos, cheio de alívio. Foi salvo.

Depois disso, pensa em Michael durante semanas, como Michael arriscou a própria vida, mergulhando no rio para salvá-lo. Sente-se maravilhado pelo fato de Michael o ter notado, ter percebido que ele estava se afogando. Comparado a Michael (que está na sétima série e recebeu todas as insígnias, menos as mais avançadas, e será Escoteiro do Rei), ele é desprezível. Seria perfeitamente normal que Michael não o visse afundar, e mesmo que não notasse a falta dele até chegar ao acampamento. Nesse caso, tudo o que se exigiria é que Michael escrevesse a carta para sua mãe, a carta fria e formal começando com: “Lamentamos informar que...”.

A partir daquele dia, ele sabe que tem alguma coisa de especial. Deveria ter morrido, mas não morreu. Apesar de não a merecer, foi-lhe dada uma segunda vida. Ele estava morto, mas está vivo.

Não diz uma palavra à mãe sobre o que aconteceu no acampamento.

O GRANDE SEGREDO de sua vida escolar, o segredo que ele não conta para ninguém em casa, é que se tornou católico; para todos os efeitos, ele “é” católico.

É difícil discutir o assunto em casa, porque a família deles não “é” nada. São sul-africanos, é claro, mas mesmo a sul-africanidade é um pouco embaraçosa, e, portanto, não mencionada, pois nem todos os que vivem na África do Sul são sul-africanos ou sul-africanos de fato.

Em termos de religião, eles certamente não são nada. Nem na família do pai, que é muito mais tranquila e comum que a materna, as pessoas vão à igreja. Ele mesmo só esteve numa igreja duas vezes na vida: para ser batizado e para comemorar a vitória na Segunda Guerra Mundial.

A decisão de “ser” católico foi tomada no calor do momento. Em seu primeiro dia na nova escola, quando o resto da classe saiu para se reunir no pátio, ele e três outros novos alunos são retidos. “Qual é a sua religião?”, a professora pergunta a cada um. Ele olha para os lados. Qual é a resposta certa? Que religiões existem para escolher? É como entre russos e americanos? Chega a vez dele. “Qual é a sua religião?”, pergunta a professora. Ele está suando, não sabe o que dizer. “Você é cristão, católico romano ou judeu?”, ela insiste, impaciente. “Católico romano”, ele diz.

Quando termina o interrogatório, ele e outro menino, que disse ser judeu, são instruídos a esperar; os outros dois, que disseram ser cristãos, saem para o pátio.

Eles esperam para saber o que lhes acontecerá. Mas nada acontece. Os corredores estão vazios, e o prédio, silencioso; não se vê um professor.

Os dois saem pelo pátio e juntam-se aos outros meninos deixados para trás. É a temporada das bolas de gude; na estranha calma da quadra vazia, ouvindo arrulhos de pombos no ar e um canto distante e suave,

eles jogam as bolinhas de vidro. O tempo passa. Então ouvem o sino que encerra o culto. Os outros meninos voltam do salão, marchando em fileiras separadas por classe. Alguns parecem mal-humorados. “*Jood!*”, sibila para ele um menino africânder ao passar: “Judeu!”. Quando eles se juntam aos colegas, ninguém sorri.

O episódio o perturba. Espera que, no dia seguinte, ele e os outros novatos sejam retidos mais uma vez e possam fazer uma nova escolha. Então ele, que claramente cometeu um erro, poderá corrigi-lo e ser um cristão. Mas não há uma segunda chance.

Duas vezes por semana repete-se a separação de ovelhas e cabras. Enquanto os judeus e católicos são deixados para trás, os cristãos vão cantar hinos e ouvir sermões. Para se vingar disso, e para se vingar do que os judeus fizeram a Cristo, os meninos africânderes, grandes, valentões, às vezes pegam um judeu ou um católico e lhe aplicam murros no bíceps, golpes rápidos e maldosos com os nós dos dedos, ou lhe dão uma joelhada no saco, ou torcem seu braço atrás das costas até ele implorar perdão. “*Asseblief!*”, o menino choraminga: “Por favor!”. “*Jood!*”, eles sussurram em resposta. “*Jood! Vuilgoed!*”, “Judeu! Nojento!”.

Um dia, no intervalo do almoço, dois meninos africânderes o encurralam e o arrastam para o canto mais distante do campo de rúgbi. Um deles é grande e gordo. Ele diz: “*Ek is nie ‘n Jood nie*”, “Eu não sou judeu”. Oferece a bicicleta para que a usem a tarde toda. Quanto mais ele fala, mais o garoto gordo ri. Evidentemente, é disso que ele gosta: as súplicas, a humilhação.

Do bolso da camisa, o gordo tira algo, uma coisa que começa a explicar por que ele foi arrastado para aquele canto tranquilo: uma lagarta verde que se contorce. O colega dele segura seus braços nas costas; o gordo lhe aperta as juntas do maxilar até a boca abrir, então enfia o verme. Ele cospe o bicho já destroçado, já vertendo suas gosmas. O gordo o esmaga, esfregando-o sobre os lábios. “*Jood!*”, repete, limpando a mão no capim.

Naquela manhã fatídica, ele escolhera ser católico romano por causa de Roma, por causa de Horácio e seus dois companheiros, de espada na mão, capacete com penacho, uma coragem indômita no olhar, defendendo a ponte sobre o rio Tibre contra as hordas etruscas. Agora,

pouco a pouco, ele descobre com os outros meninos católicos o que realmente é ser católico apostólico romano. Ser católico não tem nada a ver com Roma. Os católicos nem sequer ouviram falar em Horácio. Os católicos vão ao catecismo nas tardes de sexta-feira; vão para a confissão; eles recebem a comunhão. É isso que os católicos fazem.

Os meninos católicos mais velhos o cercam e interrogam: ele vai ao catecismo, já se confessou e comungou? Catecismo? Confissão? Comunhão? Ele nem sabe o que significam essas palavras. “Eu ia, na Cidade do Cabo”, diz evasivamente. “Onde?”, perguntam. Ele não sabe o nome de nenhuma igreja na Cidade do Cabo, mas os outros também não sabem. “Venha ao catecismo na sexta”, ordenam-lhe. Quando ele não vai, os meninos informam ao padre que existe um apóstata na terceira série. O padre manda um recado: ele deve frequentar o catecismo. Ele desconfia que tenham forjado a mensagem, mas na sexta-feira seguinte fica em casa, acabrunhado.

Os meninos católicos mais velhos começam a deixar claro que não acreditam em suas histórias de ser católico na Cidade do Cabo. Mas agora ele foi longe demais, não há retorno. Se disser “Cometi um erro, na verdade eu sou cristão”, cairá em desgraça. Além disso, mesmo que tenha de suportar as provocações dos africânderes e os interrogatórios dos católicos verdadeiros, isso não vale os dois períodos livres por semana e os momentos de liberdade para passear pelos campos de esportes vazios conversando com os judeus?

Numa tarde de sábado, quando toda Worcester cochila, solapada pelo calor, ele pega a bicicleta e vai até a rua Dorp.

Geralmente passa longe da rua Dorp, porque é onde se localiza a igreja católica. Mas hoje a rua está vazia, sem um som além do murmúrio da água na sarjeta. Ele pedala descontraído, fingindo não olhar.

A igreja não é tão grande quanto ele imaginava. É um prédio baixo e sem graça, com uma estatueta acima do pórtico: a Virgem Maria, de véu, segurando seu bebê.

Ele chega ao final da rua. Gostaria de voltar para dar mais uma olhada, mas tem medo de abusar da sorte, medo de que apareça um padre de batina preta e o mande parar.

Os meninos católicos caçoam dele e fazem comentários irônicos, os cristãos o perseguem, mas os judeus não o julgam. Os judeus fingem não notar. Os judeus também usam sapatos. De algum modo ele se sente à vontade com os judeus. Eles não são tão maus.

No entanto, é preciso ter cuidado com os judeus. Porque eles estão por toda parte, os judeus estão tomando conta do país. Ele escuta isso em todo lugar, mas principalmente entre seus tios, os dois irmãos solteiros de sua mãe, quando vêm visitá-los. Norman e Lance aparecem todo verão, como aves de arribação, embora raramente ao mesmo tempo. Dormem no sofá, acordam às onze da manhã, perambulam pela casa durante horas, seminus e desgrenhados. Ambos têm carros; às vezes ele os convence a dar um passeio à tarde, mas parece que preferem passar o tempo fumando, bebendo chá e conversando sobre os velhos tempos. Mais tarde jantam, depois jogam pôquer ou *rummy* até meia-noite com qualquer pessoa que consigam manter acordada.

Ele adora ouvir a mãe e os tios contarem pela milésima vez os fatos de sua infância na fazenda. A maior felicidade dele é escutar essas histórias, acompanhadas de brincadeiras e risos. Seus amigos não pertencem a famílias com histórias desse tipo. É o que o diferencia: as duas fazendas em seu passado, a fazenda da mãe e a fazenda do pai, e as histórias dessas fazendas. Com as fazendas ele se enraíza no passado; com as fazendas ele ganha substância.

Existe ainda uma terceira fazenda: Skipperskloof, perto de Williston. Sua família não tem raízes lá, é uma fazenda que veio pelo casamento. Apesar disso, Skipperskloof também é importante. Todas as fazendas são importantes. Fazendas são lugares de liberdade, de vida.

Nas histórias que Norman, Lance e a mãe contam, aparecem alguns judeus — engraçados, inteligentes, mas também matreiros e impiedosos como chacais. Os judeus de Oudtshoorn vinham à fazenda todo ano para comprar plumas de avestruz do pai deles, seu avô. Convenceram-no a desistir da lã e trabalhar somente com avestruzes. Avestruzes o fariam rico, disseram. Então um dia o mercado de plumas de avestruz despencou. Os judeus se recusaram a comprar mais plumas e o avô foi à falência. Todo mundo faliu naquela região, e os judeus tomaram suas

fazendas. É assim que os judeus operam, diz Norman: nunca confie num judeu.

O pai objeta. Ele não pode criticar os judeus, afinal é empregado de um judeu. A Conservas Standard, onde ele trabalha como contador, pertence a Wolf Heller. Na verdade, foi Wolf Heller quem o trouxe da Cidade do Cabo para Worcester quando ele perdeu o emprego no serviço público. O futuro da família deles está ligado ao futuro da Conservas Standard, que, nos poucos anos desde que assumiu o comando, Wolf Heller transformou numa gigante do mundo dos alimentos enlatados. O pai diz que há perspectivas maravilhosas na Conservas Standard para alguém como ele, com diploma de advogado.

Por isso Wolf Heller está isento das restrições gerais aos judeus. Wolf Heller trata bem os empregados. No Natal, chega a lhes dar presentes, embora o Natal nada signifique para os judeus.

Não há crianças Heller na escola de Worcester. Se existem crianças Heller, presumivelmente elas são enviadas para a SACS na Cidade do Cabo, que é uma escola judaica em todos os sentidos, menos no nome. Tampouco existem famílias judias em Reunion Park. Os judeus de Worcester vivem na parte mais antiga, mais verde e sombreada da cidade. Embora haja meninos judeus na classe dele, eles nunca o convidam para suas casas. Ele só os vê na escola, se aproxima mais no horário do culto, quando judeus e católicos são isolados e submetidos à ira dos cristãos.

De vez em quando, porém, por motivos que não ficam claros, a dispensa que lhe dá liberdade durante os cultos é cancelada, e eles são convocados ao salão.

O salão está sempre lotado. Os meninos mais velhos ocupam os bancos, enquanto os menores se amontoam no chão. Os judeus e católicos — talvez vinte ao todo — abrem caminho entre eles, procurando espaço. Mãos sub-reptícias agarram seus tornozelos, tentando fazê-los tropeçar.

O clérigo já se encontra no palco, um rapaz pálido de terno preto e gravata branca. Ele prega com voz aguda e cantada, prolongando as vogais e pronunciando pontuadamente cada letra de cada palavra. Quando termina a pregação, eles têm de se levantar para rezar. Qual é a atitude adequada para um católico durante uma oração cristã? Ele deve

fechar os olhos e mover os lábios ou fingir que não está lá? Não consegue ver nenhum dos verdadeiros católicos; adota uma expressão vazia e deixa os olhos perderem o foco.

O clérigo se senta. Livros de salmos são distribuídos; é hora da cantoria. Uma das professoras se adianta para reger. “*Al die veld is vrolik, al die voëltjies sing*”, cantam os menores. Então os maiores se levantam: “*Uit die blou van onse hemel*”, entoam com suas vozes mais graves, em posição de sentido, olhando com firmeza para a frente. É o hino nacional, o hino nacional deles. Hesitantes, nervosos, os menores aderem. Inclinando-se sobre eles, acenando os braços como se estivesse agarrando penas, a professora tenta animá-los, dar-lhes coragem. “*Ons sal aatwoord op jou roepstem, ons sal offer wat jy vra*”, cantam: “Atenderemos ao teu chamado”.

Finalmente termina. Os professores descem da plataforma, primeiro o diretor, depois o clérigo, depois os outros. Os meninos saem do salão enfileirados. Um murro lhe atinge um dos rins, um direto, curto e rápido, invisível. “*Jood!*”, uma voz sussurra. Então ele sai, está livre, pode respirar novamente o ar fresco.

Apesar das ameaças dos verdadeiros católicos, apesar da possibilidade iminente de que o padre visite seus pais e o desmascare, ele agradece à inspiração que o fez escolher Roma. É grato à Igreja que lhe dá abrigo; não se arrepende, não quer deixar de ser católico. Se ser cristão significa cantar hinos, escutar sermões e depois sair para atormentar os judeus, ele não tem vontade de ser cristão. Não tem culpa se os católicos de Worcester são católicos sem ser romanos, se não sabem nada sobre Horácio e seus companheiros defendendo a ponte no Tibre (“Tibre, pai Tibre, a quem os romanos oram”), sobre Leônidas e seus espartanos guardando o passo nas Termópilas, sobre Rolando em guarda no paço contra os sarracenos. Ele não consegue pensar em nada mais heroico do que proteger um caminho, nada mais nobre que dar a própria vida para salvar outras pessoas, que mais tarde chorarão sobre o seu cadáver. É isso que gostaria de ser: um herói. É isso que deveria significar o verdadeiro catolicismo romano.

É uma noite fresca de verão, depois do dia quente e longo. Ele está no jardim público, onde jogou críquete com Greenberg e Goldstein:

Greenberg, que é bom nos estudos mas não no críquete; Goldstein, que tem grandes olhos castanhos, usa sandálias e é ousado. É tarde, passa bastante das sete e meia. A não ser pelos três, o jardim está deserto. Tiveram de desistir do jogo: está escuro demais para ver a bola. Então lutam como se fossem crianças novamente, rolam pela grama fazendo cócegas uns nos outros, riem e gritam. Ele se levanta, respira fundo. Uma onda de felicidade o envolve. Pensa: “Nunca fui tão feliz na vida. Gostaria de ficar com Greenberg e Goldstein para sempre”.

Eles vão embora. É verdade. Ele gostaria de viver assim para sempre, pedalando pelas ruas largas e vazias de Worcester num entardecer de verão, quando todas as outras crianças foram recolhidas e só ele está fora de casa, como um rei.

SER CATÓLICO É UMA PARTE de sua vida restrita à escola. Preferir os russos aos americanos é um segredo tão sombrio que ele não pode revelar a ninguém. Gostar dos russos é um assunto grave. Pode levá-lo ao ostracismo.

Numa caixa em seu armário, ele guarda o caderno de desenhos que fez no auge da paixão pelos russos, em 1947. Os desenhos, em lápis preto grosso, colorido com lápis de cera, mostram aviões russos abatendo aviões americanos no céu, navios russos afundando navios americanos. Apesar de já ter diminuído o fervor daquele ano, quando uma onda de inimizade pelos russos subitamente explodiu no rádio, e todo mundo teve de assumir posições, ele mantém sua lealdade secreta: lealdade aos russos, mas ainda mais lealdade a si mesmo, do jeito que ele era quando fez os desenhos.

Ninguém aqui em Worcester sabe que ele gosta dos russos. Na Cidade do Cabo, havia seu amigo Nicky, com quem brincava de guerra com soldadinhos de chumbo e um canhão de mola que disparava palitos de fósforo; mas quando descobriu que sua simpatia era perigosa, e o que ele poderia perder, primeiro fez Nicky jurar segredo e, depois, para garantir, disse-lhe que havia trocado de lado e que gostava dos americanos.

Em Worcester, só ele gosta dos russos. A lealdade à Estrela Vermelha é sua marca de distinção.

De onde ele tirou essa extravagância, que a si mesmo parece estranha? O nome de sua mãe é Vera: Vera, com a gélida inicial *V*, uma flecha mergulhando para baixo. Vera é um nome russo, ela lhe disse certa vez. Quando os russos e os americanos foram apresentados diante dele como antagonistas entre os quais precisava escolher (“Quem você prefere, Smuts ou Malan? Quem você prefere, o Super-Homem ou o Capitão Marvel? Quem você prefere, os russos ou os americanos?”), ele preferiu

os russos da mesma forma que escolheu os romanos: porque gosta da letra *r*, principalmente do *R* maiúsculo, a letra mais forte de todas.

Escolheu os russos em 1947, quando todo mundo escolhia os americanos. Depois da decisão, atirou-se nos livros sobre eles. Seu pai havia comprado uma história da Segunda Guerra Mundial em três volumes. Ele adorava aqueles livros e mergulhou neles, mergulhou nas fotografias dos soldados russos de uniforme branco de esquiador, os soldados russos com submetralhadoras, protegendo-se nas ruínas de Stalingrado, os comandantes de tanques russos encarando o que vinha adiante com os binóculos. (O tanque russo T-34 era o melhor do mundo, melhor que o Sherman americano e melhor até que o Tiger alemão.) Viu e reviu uma pintura de um piloto russo, conduzindo seu bombardeiro sobre uma coluna de tanques alemães destruídos e em chamas. Ele adotou tudo o que era russo. Adotou o sério, mas paternal, marechal de campo Stálin, o maior e mais visionário estrategista da guerra; adotou o cão de caça russo *borzoi*, o mais ágil de todos os cães. Ele sabia tudo sobre a Rússia: a área em quilômetros quadrados, a produção de carvão e aço em toneladas, a extensão de todos os grandes rios, o Volga, o Dnieper, o Ienissei, o Ob.

Depois percebeu, pela desaprovação dos pais, pela surpresa dos amigos, pelo que eles diziam quando contavam sobre ele aos próprios pais: gostar dos russos não fazia parte do jogo, não era permitido.

Parece que sempre alguma coisa dá errado. Tudo o que ele quer, tudo de que gosta, mais cedo ou mais tarde tem de virar segredo. Ele começa a pensar em si mesmo como uma daquelas aranhas que vivem num buraco no chão com um alçapão. A aranha precisa ficar sempre recuando para o buraco e fechando o alçapão, se isolando do mundo, se escondendo.

Em Worcester, mantém o passado russo em segredo, esconde o caderno de desenhos condenável, com seus rastros de fumaça dos caças inimigos espatifando-se no mar, e os encouraçados deslizando com a proa sob as ondas. Ele troca o desenho por jogos imaginários de críquete. Usa uma raquete de tênis de praia e uma bola de tênis. O desafio é manter a bola no ar o maior tempo possível. Durante horas rodeia a mesa da sala de jantar batendo a bola no ar. Todos os vasos e

enfeites foram removidos; toda vez que a bola bate no teto, desce uma fina nuvem de poeira vermelha.

Ele joga partidas inteiras, onze batedores de cada lado, cada um dando duas tacadas. Cada acerto vale por uma volta. Quando sua atenção vacila e ele erra a bola, um batedor sai e ele marca a pontuação numa tabela. As somas são enormes: quinhentas, seiscentas voltas. Uma vez a Inglaterra marcou mil voltas, o que nenhum time de verdade jamais fez. Às vezes a Inglaterra ganha, às vezes a África do Sul; mais raramente, Austrália ou Nova Zelândia.

A Rússia e os Estados Unidos não jogam críquete. Os americanos jogam beisebol; os russos parecem não jogar nada, talvez porque lá esteja sempre nevando.

Ele não sabe o que os russos fazem quando não estão em guerra.

Não conta aos amigos sobre os jogos de críquete privados, guarda-os para casa. Certa vez, nos primeiros meses em Worcester, um menino de sua classe foi entrando pela porta da frente e o encontrou deitado de costas embaixo de uma cadeira.

“O que está fazendo aí?”, perguntou.

“Pensando”, ele respondeu distraidamente. “Gosto de pensar.”

Logo todos os colegas de classe ficaram sabendo: o garoto novo era estranho, não era normal. A partir desse erro, ele aprendeu a ser mais prudente. E parte de ser prudente implica sempre contar menos, em vez de mais.

Ele também joga críquete de verdade, se houver alguém disposto. Mas o críquete de verdade na praça vazia no meio de Reunion Park é lento demais para ele suportar: a bola sempre escapa ao rebatedor, escapa ao apanhador e desaparece. Ele detesta procurar bolas perdidas. Também detesta a posição de *fielding*, no chão pedregoso, que faz as mãos e os joelhos sangrarem toda vez que cai. Ele quer bater ou arremessar, só isso.

Adula o irmão, apesar de o irmão ter apenas seis anos, prometendo deixá-lo usar seus brinquedos, se ficar arremessando para ele no quintal. O irmão arremessa por algum tempo, depois fica aborrecido, cansado e se refugia dentro de casa. Ele tenta ensinar a mãe a arremessar, mas ela não consegue dominar o movimento. Enquanto ele se exaspera, ela se

sacode, rindo da própria falta de jeito. Então ele permite que ela jogue a bola, em vez de arremessar. No fim, o espetáculo que pode ser visto facilmente da rua é vergonhoso demais: uma mãe jogando críquete com o filho.

Ele corta uma lata de presuntado ao meio e prega a parte inferior num braço de madeira de sessenta centímetros. Monta o braço num eixo que atravessa os lados de um caixote cheio de tijolos. O braço é impelido adiante por uma tira de borracha, puxado por uma corda que passa por um gancho no caixote. Põe uma bola na cuia de lata, afasta-se cerca de dez metros, puxa a corda até esticar a borracha, segura a corda debaixo do calcanhar, posiciona-se para dar a tacada e solta a corda. Às vezes a bola dispara para o céu, às vezes vem direto contra sua cabeça; mas de vez em quando voa a uma distância adequada, e ele consegue acertá-la. Fica satisfeito com isso: arremessou e rebateu sozinho. Ele triunfou, nada é impossível.

Certo dia, num clima de total intimidade, ele pede que Greenberg e Goldstein lhe contem suas lembranças mais antigas. Greenberg se recusa: não quer participar desse jogo. Goldstein conta uma história comprida e sem sentido sobre ter sido levado à praia, uma história que ele mal escuta, porque o objetivo do jogo é, obviamente, permitir que ele conte a sua primeira lembrança.

Está debruçado na janela do apartamento deles em Joanesburgo. Anoitece. Ao longe vem um carro em disparada pela rua. Um cachorro, pequeno e malhado, corre na frente dele. O carro atinge o cachorro: as rodas passam bem pela metade do animal. Com as pernas traseiras paralisadas, o cão se arrasta, ganindo de dor. Com certeza vai morrer; mas nesse ponto ele é afastado da janela.

É uma primeira lembrança magnífica, superando qualquer coisa que o pobre Goldstein possa inventar. Mas será verdade? Por que ele estava debruçado na janela olhando para a rua vazia? Realmente viu o carro atropelar o cachorro ou apenas escutou um cachorro uivando e correu para a janela? É possível que tenha visto somente um cão arrastando os quadris e tenha inventado o carro, o motorista e todo o resto da história?

Há outra primeira lembrança, que ele acredita ser mais verdadeira, mas que jamais contaria, certamente não para Greenberg e Goldstein,

que espalhariam pela escola e o transformariam em motivo de piada.

Está sentado ao lado da mãe num ônibus. Deve fazer frio, porque ele usa calça de lã vermelha e um boné de lã com aba. O motor do ônibus ronca; estão subindo a agreste e desolada passagem do Swartberg.

Em sua mão há uma embalagem de doces. Ele segura o papel pela fresta da janela. O papel tremula e se debate ao vento.

“Posso soltar?”, pergunta à mãe.

Ela assente. Ele solta o papel.

A tira de papel sobe voando. Abaixo não há nada além do ameaçador abismo, rodeado pelos cumes frios. Virando-se para trás, ele ainda consegue vislumbrar o papel, que continua voando bravamente.

“O que vai acontecer com ele?”, pergunta para a mãe; mas ela não entende.

Essa é a outra primeira lembrança, a secreta. Pensa o tempo todo naquele pedaço de papel, sozinho na imensidão, que ele abandonou quando não devia. Um dia precisa voltar à passagem do Swartberg para encontrar e resgatar o papel. Esse é o dever dele: não pode morrer antes de fazer isso.

A mãe tem o maior desprezo por homens “com mãos inúteis”, entre os quais ela inclui o pai dele, mas também os irmãos dela, principalmente o mais velho, Roland, que poderia ter mantido a fazenda se trabalhasse bastante para pagar as dívidas, mas não trabalhou. Dos vários tios pelo lado do pai (são oito de sangue e mais oito por casamento), o que ela mais admira é Joubert Olivier, que instalou um gerador elétrico em Skipperskloof e aprendeu sozinho a ser dentista. (Numa das visitas do tio Joubert à fazenda, ele teve dor de dente. O tio o fez sentar numa cadeira embaixo de uma árvore e, sem anestesia, desgastou a cavidade e a obturou com látex. Ele nunca sofreu tanto na vida.)

Quando alguma coisa se quebra — pratos, bibelôs, brinquedos —, a mãe a conserta sozinha, com barbante ou cola. As coisas que ela amarra se soltam, pois não sabe dar nós. As coisas que cola se desprendem; ela culpa a cola.

As gavetas da cozinha estão cheias de pregos tortos, pedaços de barbante, bolas de papel alumínio, selos velhos.

“Por que estamos guardando isso?”, ele pergunta.

“Podemos precisar”, ela retruca.

Quando está irritada, ela censura toda a educação pelos livros. As crianças deveriam ser mandadas para escolas técnicas e depois começar a trabalhar, ela diz. Estudar é uma besteira. É melhor aprender a fazer armários, a trabalhar a madeira. Perdeu o encanto pela fazenda: agora que os agricultores subitamente ficaram ricos, deram para a preguiça e para a ostentação.

Porque o preço da lã disparou. Segundo o rádio, os japoneses estão pagando uma libra por libra das de melhor qualidade. Os criadores de ovelhas estão comprando carros novos e passando férias na praia.

“Você deve nos dar um pouco do seu dinheiro, já que está tão rico”, ela diz ao tio Son numa das visitas a Voëlfontein. Sorri enquanto fala, fingindo que é uma piada, mas não tem graça. Tio Son fica sem jeito, murmura uma resposta que ele não entende.

A fazenda não deveria ter ficado só para o tio Son, a mãe lhe conta: era herança dos doze filhos e filhas, em partes iguais. Para evitar que fosse leiloada, todos concordaram em vender suas partes para Son; cada um saiu com promissórias de algumas libras. Hoje, por causa dos japoneses, a fazenda vale milhares de libras. Son deveria dividir o dinheiro.

Ele se envergonha da mãe por causa da crueza com que ela fala de dinheiro.

“Você deve se tornar médico ou advogado”, ela lhe diz. “Esses é que ganham dinheiro.”

Mas, em outros momentos, ela diz que os advogados são todos larápios. Ele não pergunta como seu pai se enquadra nisso, o pai, um advogado que não ganhou dinheiro.

Os médicos não se interessam pelos pacientes, ela diz. Só sabem dar comprimidos. Os médicos africânderes são os piores, porque além de tudo são incompetentes.

A mãe diz tantas coisas diferentes em ocasiões diferentes que ele não sabe o que ela realmente pensa. Ele e o irmão discutem com a mãe, mostram as contradições. Se ela considerava os agricultores melhores que os advogados, então por que tinha se casado com um advogado? Se achava besteira estudar com os livros, por que se tornara professora? Quanto mais discutem, mais ela sorri. Sente tanto prazer, vendo a

habilidade dos filhos com as palavras, que aceita todas as opiniões, mal se defendendo, querendo que eles ganhem.

Ele não compartilha esse prazer. Não vê graça nessas discussões. Gostaria que ela acreditasse em alguma coisa. Suas opiniões generalizadas, nascidas de estados de espírito passageiros, o exasperam.

Quanto a ele, provavelmente será professor. Essa será sua vida quando crescer. Parece um tipo de vida entediante, mas que mais poderia fazer? Durante muito tempo quis ser condutor de locomotiva. “O que vai ser quando crescer?”, perguntavam as tias e os tios. “Maquinista!”, ele afirmava, e todos assentiam, sorrindo. Agora ele entende que “maquinista” é o que devem dizer todos os meninos pequenos, assim como as meninas devem dizer “enfermeira”. Agora ele não é mais pequeno, pertence ao mundo dos grandes; terá de abandonar a fantasia de conduzir um grande cavalo de ferro e ser realista. Ele vai bem na escola, não há mais nada em que se considere bom; portanto, continuará na escola, galgando a hierarquia. Um dia, talvez, chegue a ser um inspetor. De qualquer modo, não quer trabalhar num escritório: não suporta a ideia de trabalhar de manhã à noite com apenas duas semanas de férias por ano.

Que tipo de professor será? Não consegue se imaginar com nitidez. Vê uma figura de blazer e calça de flanela cinza (é o que todos os professores parecem usar) andando por um corredor com livros embaixo do braço. É somente uma impressão, que desaparece num instante. Não consegue ver o rosto.

Tem esperança de que, quando o dia chegar, não seja mandado para ensinar num lugar como Worcester. Mas talvez Worcester seja um purgatório por onde é preciso passar. Talvez Worcester seja o lugar aonde as pessoas são enviadas como teste.

Um dia mandam fazer uma redação: “O que eu faço durante as manhãs”. A ideia era que escrevessem sobre as coisas que fazem antes de ir para a escola. Ele sabe o que se deve dizer: como ele arruma a cama, como lava a louça do café da manhã, como prepara os sanduíches do almoço. Embora, na verdade, não faça nada disso — é a mãe quem faz por ele —, mente suficientemente bem para não ser descoberto. Mas se excede ao descrever como engraxa os sapatos. Nunca engraxou os sapatos na vida. Na redação, ele diz que se usa a escova para remover a

poeira, depois se aplica cera no calçado. A srta. Oosthuizen põe um grande ponto de exclamação azul na margem, ao lado desse trecho. Ele fica mortificado, reza para que ela não o chame à frente da classe para ler o texto. Naquela tarde, observa cuidadosamente a mãe engraxar os sapatos dele, para que não volte a errar.

Deixa a mãe engraxar seus sapatos assim como a deixa fazer qualquer coisa que queira para ele. A única coisa que não lhe permite mais é entrar no banheiro quando está nu.

Ele sabe que é um mentiroso, sabe que é mau, mas não muda. Não muda porque não quer. Sua diferença em relação aos outros meninos pode estar ligada à mãe e à família estranha, mas também está ligada a suas mentiras. Se ele parasse de mentir, teria de engraxar os sapatos, falar educadamente e fazer tudo o que os meninos normais fazem. Nesse caso, não seria mais ele mesmo. E se deixasse de ser ele mesmo, qual seria a razão de viver?

Ele é um mentiroso e também um coração de pedra: mentiroso para o mundo em geral, coração de pedra com sua mãe. Percebe que ela se entristece ao ver que ele se afasta cada vez mais dela. No entanto, ele enrijece o coração e não cede. A única desculpa é também ser impiedoso consigo mesmo. Ele mente, mas não para si próprio.

“Quando você vai morrer?”, pergunta à mãe um dia, desafiador, surpreso com a própria ousadia.

“Eu não vou morrer”, ela retruca. Fala em tom alegre, mas há certa falsidade nessa alegria.

“E se você tiver câncer?”

“Você só tem câncer se levar pancadas no peito. Eu não vou ter câncer. Vou viver para sempre. Não vou morrer.”

Ele sabe por que ela está dizendo isso. Diz isso por ele e por seu irmão, para que não se preocupem. Parece tolice, mas ele é grato a ela por isso.

Não pode imaginar que ela morra. Ela é a coisa mais sólida em sua vida. É o rochedo que o sustenta. Sem ela, ele não seria nada.

Ela protege cuidadosamente os seios de possíveis golpes. A primeira lembrança dele, anterior ao cachorro, anterior ao pedaço de papel, é a dos seios brancos da mãe. Suspeita que os tenha machucado quando era

criança, dado socos, do contrário ela não os negaria a ele agora com tanta veemência, ela que não lhe nega nada.

O câncer é o grande medo da vida dela. Quanto a ele, aprendeu a levar a sério as dores, a tratar qualquer espasmo como sinal de apendicite. A ambulância conseguirá chegar ao hospital antes que seu apêndice estoure? Ele acordará da anestesia? Não gosta da ideia de ser cortado por um médico estranho. Por outro lado, seria bom ter uma cicatriz depois para mostrar aos outros. Quando distribuem amendoins e passas no recreio da escola, ele sopra a fina casca vermelha do amendoim, que tem fama de se acumular no apêndice e causar infecção.

Ele se absorve em suas coleções. Coleciona selos. Coleciona soldadinhos de chumbo. Coleciona figurinhas — figurinhas dos jogadores de críquete australianos, dos jogadores de futebol ingleses, dos automóveis do mundo. Para conseguir as figurinhas, precisa comprar maços de cigarros feitos de *nougat* e açúcar cristalizado, com a ponta pintada de rosa. Os bolsos estão sempre cheios de cigarros melados e retorcidos que ele esqueceu de comer.

Nos fins de semana, passa horas com seu jogo do Engenheiro Mecânico, mostrando à mãe que também é bom com as mãos. Constrói um moinho com um conjunto de polias, cujas pás giram tão depressa que se pode sentir a brisa do outro lado do quarto.

Corre pelo quintal atirando a bola de críquete para o alto e agarrando-a sem quebrar o passo. Qual a verdadeira trajetória da bola: ela sobe reta e desce reta, como ele vê, ou sobe e desce em curvas, como enxergaria um observador parado? Quando fala com a mãe sobre coisas desse tipo, vê o desespero nos olhos dela: ela sabe que são coisas importantes, e gostaria de entender por quê, mas não consegue. De sua parte, ele gostaria que ela se interessasse pelas coisas por si própria, e não porque interessam a ele.

Quando há alguma coisa prática a ser feita que nenhum dos dois consegue fazer, como consertar uma torneira vazando, ela chama um homem de cor na rua, qualquer homem, qualquer passante. Por que, ele pergunta em desespero, ela tem tanta fé nas pessoas de cor? Porque elas estão acostumadas a trabalhar com as mãos, ela responde. *Porque* elas

não foram à escola, *porque* não aprenderam pelos livros, a mãe parece dizer, elas sabem como funcionam as coisas no mundo real.

É uma bobagem acreditar nisso, especialmente quando esses desconhecidos revelam que não têm ideia de como consertar uma torneira ou um fogão. Mas é tão diferente do que pensam as pessoas em geral, tão excêntrico que, apesar de tudo, ele acha adorável. Prefere que a mãe espere maravilhas das pessoas de cor a não esperar nada delas.

Ele está sempre tentando compreender a mãe. Os judeus são exploradores, ela diz; no entanto, prefere médicos judeus porque sabem o que fazem. As pessoas de cor são o sal da terra, ela diz, no entanto ela e suas irmãs estão sempre fofocando sobre falsos brancos com um passado negro secreto. Ele não compreende como ela consegue ter tantas opiniões contraditórias ao mesmo tempo. Mas pelo menos tem opiniões. Os irmãos dela também. Tio Norman acredita em Nostradamus e suas profecias sobre o fim do mundo; acredita em discos voadores que aterrissam durante a noite e levam pessoas embora. Ele não consegue imaginar o pai ou a família do pai falando sobre o fim do mundo. O único objetivo na vida deles é evitar polêmicas, não ofender ninguém, serem amáveis o tempo todo; comparados com a família da mãe, são insossos e chatos.

Ele é muito próximo da mãe, e ela é muito próxima dele. É por isso que, apesar de ele caçar e ter outras atividades masculinas quando vai à fazenda, a família de seu pai nunca sentiu grande afeição por ele. Talvez sua avó tenha sido rígida demais ao negar abrigo aos três em 1944, quando viviam com meio soldo de suboficial, pobres demais para comprar manteiga ou chá, mas o instinto dela estava certo. A família, chefiada pela avó, não ignora o segredo da avenida dos Choupos número 12, de que o primogênito é o mais importante da casa, depois o segundo filho, e o homem, o marido, o pai, é o último. Ou a mãe não se importa em esconder o fato da família, ou o pai anda se queixando em particular. Nessa perversão da ordem natural, eles pensam haver algo profundamente ofensivo ao filho e irmão, e, portanto, a si mesmos. Eles discordam disso e, sem serem rudes, não escondem a reprovação.

Às vezes, quando está discutindo com o marido e quer marcar um ponto, a mãe se queixa amargamente do tratamento frio que recebe da

família dele. No entanto, em geral — pelo bem do filho, porque sabe como a fazenda é importante na vida dele, porque não pode oferecer nada em troca —, ela tenta ser simpática com eles de um modo que ele acha repugnante. Essas tentativas acompanham as piadas sobre dinheiro que não são piadas. Ela não tem vergonha. Em outras palavras: ela faria qualquer coisa por dinheiro.

Gostaria que ela fosse normal. Se ela fosse, ele poderia ser também.

É a mesma coisa com as duas irmãs dela. Cada uma tem um filho, que tratam com uma solicitude sufocante. O primo Juan, de Joanesburgo, é seu melhor amigo no mundo: eles trocam cartas, aguardam com expectativa as férias juntos na praia. Contudo, ele não gosta de ver Juan obedecer descaradamente a todas as ordens da mãe, mesmo quando ela não está por perto para conferir. Dos quatro meninos, ele é o único que não é totalmente dominado pela mãe. Libertou-se, pelo menos em parte: tem seus próprios amigos, que escolheu por si mesmo, sai de bicicleta sem dizer aonde vai ou quando voltará. Os primos e o irmão não têm amigos. Ele os vê como meninos pálidos, tímidos, sempre em casa sob a vista de suas mães ferozes. O pai chama as três irmãs-mães de as três bruxas. “*Double, double, toil and trouble*”, diz, citando *Macbeth*. Deliciado, cheio de malícia, ele concorda.

Quando a mãe está especialmente aborrecida com a vida dela em Reunion Park, diz que foi uma pena não ter se casado com Bob Breech. Ele não a leva a sério. Ao mesmo tempo não pode acreditar no que ouviu. Se ela tivesse se casado com Bob Breech, onde ele estaria? Quem ele seria? Teria sido o filho de Bob Breech? O filho de Bob Breech teria sido ele?

Existe apenas uma prova da existência do verdadeiro Bob Breech. Ele a encontra por acaso num dos álbuns da mãe: uma foto desfocada de dois rapazes com calças compridas brancas e paletós escuros, de pé na praia, cada um com o braço sobre o ombro do outro, os olhos apertados por causa do sol. Ele conhece um dos dois: o pai de Juan. Quem é o outro homem?, pergunta à mãe casualmente. Bob Breech, ela responde. E onde ele está agora? Morreu, ela diz.

Ele examina bem o rosto do falecido Bob Breech. Não se acha nada parecido.

Não pergunta mais. Mas, escutando as irmãs, juntando as peças, descobre que Bob Breech tinha vindo à África do Sul por questões de saúde; e depois de um ou dois anos voltou para a Inglaterra e lá morreu. Morreu de tuberculose, mas fica implícito que uma desilusão pode ter contribuído para o seu fim, uma desilusão causada por uma jovem professora desconfiada, de olhos e cabelos escuros, que conheceu em Plettenberg Bay e que não quis se casar com ele.

Ele adora folhear os álbuns. Por mais desfocada que esteja a fotografia, sempre consegue distinguir sua mãe no grupo: aquela em cujo olhar tímido, defensivo, reconhece a versão feminina de si mesmo. Nos álbuns, ele acompanha a vida dela nos anos 1920 e 1930: primeiro as fotos dos times de hóquei e tênis, depois as da viagem à Europa: Escócia, Noruega, Suíça, Alemanha; Edimburgo, os fiordes, os Alpes, Bingen sobre o Reno. Entre as recordações há um interessante lápis de Bingen, com um minúsculo buraco do lado por onde se enxerga um castelo encarapitado num penhasco.

Às vezes folheiam os álbuns juntos, ele e a mãe. Ela suspira e diz que gostaria de rever a Escócia, os campos floridos de roxo e azul. Ele pensa: ela tinha uma vida antes de eu nascer. Fica feliz por ela, já que hoje não tem mais vida.

A Europa dela é bem diferente da Europa do álbum de fotografias do pai, no qual sul-africanos de uniforme cáqui posam diante das pirâmides do Egito ou das ruínas de cidades italianas. Mas ele passa menos tempo vendo as fotos desses álbuns do que os panfletos entremeados a elas, os panfletos atirados por aviões alemães sobre as tropas aliadas. Um deles ensina os soldados a ficar com febre (comendo sabão); outro mostra uma bela mulher sentada no colo de um judeu gordo e de nariz adunco, bebendo champanhe. “Você sabe onde está sua esposa esta noite?”, diz a legenda. Depois há uma águia de porcelana azul que o pai encontrou nas ruínas de uma casa em Nápoles e trouxe na mochila, a águia imperial que hoje fica sobre a mesa da sala de visitas.

Ele tem enorme orgulho do pai ter servido na guerra. Surpreende-se — e sente-se feliz — quando descobre que poucos pais de seus amigos combateram. Por que o pai só chegou a suboficial, não tem certeza: deixa de lado o tema quando conta aos amigos as aventuras do pai. Mas adora a fotografia, tirada num estúdio no Cairo, de seu belo pai fazendo

pontaria com um rifle, um olho fechado, os cabelos penteados com esmero, o quepe enfiado sob a ombreira do uniforme. Se ele tivesse voz na casa, a foto também estaria sobre a lareira.

Seus pais discordam quanto aos alemães. O pai gosta dos italianos (não estavam empenhados em lutar, ele diz: só queriam se render e voltar para casa), mas odeia os alemães. Conta a história de um alemão que levou um tiro quando estava sentado na privada. Ao contar, às vezes foi ele quem deu o tiro, outras foi um amigo; mas em nenhuma das versões demonstra a menor piedade, só se diverte com a trapalhada do alemão, tentando erguer as mãos e suspender a calça ao mesmo tempo.

A mãe sabe que não é uma boa ideia elogiar os alemães abertamente, mas, às vezes, quando ele e o pai se juntam contra ela, deixa a prudência de lado.

“Os alemães são o melhor povo do mundo”, afirma. “Foi aquele Hitler terrível que lhes causou tanto sofrimento.”

Mas o irmão dela, Norman, discorda:

“Hitler fez os alemães sentirem orgulho de si mesmos”, diz.

A mãe e Norman viajaram juntos pela Europa nos anos 1930: não somente pela Noruega e as terras altas da Escócia, mas pela Alemanha, a Alemanha de Hitler. A família deles — os Brecher e os Du Biel — vem da Alemanha, ou pelo menos da Pomerânia, que hoje é na Polônia. É bom ser da Pomerânia? Ele não tem certeza. Mas, pelo menos, ele sabe de onde vem.

“Os alemães não queriam lutar contra os sul-africanos”, diz Norman. “Eles gostam dos sul-africanos. Se não fosse pelo Smuts, nunca teríamos entrado em guerra com a Alemanha. O Smuts foi um *skelm*, um bandido. Ele nos vendeu para os britânicos.”

O pai e Norman não se gostam. Quando o pai quer aborrecer a mãe, em suas discussões tarde da noite na cozinha, provoca-a falando do irmão, que não se alistou, preferiu marchar com os *Ossewabrandwag*.

“É mentira!”, ela refuta, nervosa. “Norman não estava com os *Ossewabrandwag*. Pergunte você mesmo, ele vai lhe dizer.”

Quando ele pergunta à mãe o que é *Ossewabrandwag*, ela diz que é uma bobagem, pessoas que marchavam pelas ruas com tochas.

Os dedos da mão direita de Norman são amarelos de nicotina. Ele mora num hotel em Pretória, já faz três anos. Ganha a vida vendendo um panfleto que escreveu sobre jiu-jítsu e que anuncia nos classificados do *Pretoria News*. “Conheça a arte japonesa da autodefesa”, diz o anúncio. “Em apenas seis lições.” As pessoas lhe enviam cheques postais de dez xelins, e ele manda o panfleto: uma página única, dobrada em quatro, com desenhos dos vários golpes. Quando o jiu-jítsu não está dando muito dinheiro, ele trabalha com uma corretora de imóveis, vendendo terrenos sob comissão. Diariamente fica na cama até o meio-dia, bebendo chá, fumando e lendo contos dos periódicos *Argosy* ou *Lilliput*. À tarde joga tênis. Em 1938, doze anos antes, fora o campeão da categoria individual na Província Ocidental. Ainda ambiciona jogar em Wimbledon, na categoria de duplas, se encontrar um parceiro.

No final da visita, antes de voltar para Pretória, Norman o chama de canto e enfia uma nota marrom de dez xelins no bolso da camisa dele. “Para tomar sorvete”, sussurra. As mesmas palavras todos os anos. Ele gosta de Norman não apenas pelo presente — dez xelins é um dinheirão —, mas por se lembrar, por nunca deixar de lembrar.

O pai prefere o outro irmão, Lance, o professor de Kingwilliamstown que se alistou. Também há o terceiro irmão, o mais velho, que perdeu a fazenda, mas ninguém fala nele a não ser a mãe. “Pobre Roland”, ela murmura, balançando a cabeça. Roland se casou com uma mulher que chama a si mesma de Rosa Rakosta, filha de um conde polonês exilado, mas cujo verdadeiro nome, segundo Norman, é Sophie Pretorius. Norman e Lance odeiam Roland por causa da fazenda e o desprezam porque Sophie manda nele. Roland e Sophie têm uma pensão na Cidade do Cabo. Ele esteve lá uma vez, com a mãe. Sophie era no fim uma mulher gorda e loura que usava um robe de cetim às quatro da tarde e fumava com piteira, e Roland um homem quieto, de rosto triste, com um nariz bulboso e vermelho por causa da radioterapia que o curara do câncer.

Ele gosta quando o pai, a mãe e Norman discutem política. Ele aprecia o fervor e a paixão, as coisas atrevidas que dizem. Se surpreende por concordar com o pai, que é quem ele menos quer que vença: os

ingleses eram bons e os alemães maus, Smuts era bom e os nacionalistas maus.

O pai gosta do Partido Unido, gosta de críquete e de rúgbi, porém ele não gosta do pai. Não entende essa contradição, mas também não tem vontade de entendê-la. Mesmo antes de conhecer o pai, isto é, antes que ele voltasse da guerra, já tinha decidido que não iria gostar dele. Em certo sentido, portanto, a antipatia é abstrata: ele não quer ter um pai, ou pelo menos não quer um pai que more na mesma casa.

O que mais detesta no pai são seus hábitos. E os detesta tanto que só de pensar estremece de repulsa: o ruído forte ao assoar o nariz no banheiro de manhã, o odor quente de sabonete Lifebuoy que deixa para trás, junto com um círculo de espuma e barba cortada na pia. Sobretudo odeia o cheiro do pai. Por outro lado, a contragosto, gosta das roupas claras do pai, o lenço marrom que usa em vez de uma gravata nas manhãs de sábado, a figura elegante dele, seu modo ágil de andar, os cabelos com Brylcreem. Ele próprio usa Brylcreem e cultiva um topete.

Não gosta de ir ao barbeiro, detesta tanto que tenta cortar os próprios cabelos, com resultados desastrosos. Os barbeiros de Worcester parecem ter decidido em uníssono que os meninos devem usar cabelo curto. As sessões começam o mais brutalmente possível, com o barbeador elétrico ceifando os cabelos atrás e dos lados, e continua com um *clap clap* impiedoso da tesoura até que reste apenas um montículo parecido com uma escova, e talvez um redemoinho na frente. Mesmo antes de começar a sessão, ele se encolhe de vergonha; paga o xelim e corre de volta para casa, temendo a escola no dia seguinte, temendo o ritual de escárnio que todo menino de cabelos recém-cortados recebe. Existem os cortes de cabelo descentes e existem os cortes aos quais as pessoas se submetem em Worcester, carregados da vingança dos barbeiros; ele não sabe aonde se deve ir, o que se deve fazer ou dizer, quanto é preciso pagar para se ter um corte de cabelo decente.

EMBORA VÁ AO CINEMA todo sábado à tarde, os filmes não o fascinam mais como na Cidade do Cabo, onde tinha pesadelos de ser esmagado embaixo do elevador ou de cair de precipícios como os heróis dos seriados. Ele não entende por que Errol Flynn, que parece sempre o mesmo, esteja na pele de Robin Hood ou de Ali Babá, é considerado um grande ator. Está cansado de perseguições a cavalo, sempre iguais. Os Três Patetas começaram a parecer bobos. E é difícil acreditar no Tarzã, quando o homem que o interpreta sempre muda. O único filme que o impressiona é aquele em que Ingrid Bergman entra num vagão de trem infestado de varíola e morre. Ingrid Bergman é a atriz favorita de sua mãe. Seria a vida assim: a mãe poderia morrer a qualquer momento se não lesse um aviso na janela?

Também há o rádio. Ele já superou o *Cantinho das crianças*, mas é fiel aos seriados: *Super-Homem* às cinco, diariamente (“Para cima e para o alto!”), *Mandrake, o mágico*, às cinco e meia. Sua história preferida é *Gansos selvagens*, de Paul Gallico, que a rádio transmite repetidamente, a pedido dos ouvintes. É a história de um ganso selvagem que conduz os barcos das praias de Dunquerque de volta para Dover. Ele escuta com lágrimas nos olhos. Um dia ele quer ser tão fiel quanto aquele ganso.

Eles apresentam *A ilha do tesouro* no rádio, em versão dramatizada, um episódio de meia hora por semana. Ele tem um exemplar de *A ilha do tesouro*; mas o leu quando era jovem demais, e não entendeu o assunto do cego e da mancha preta, não conseguiu decifrar se Long John Silver era bom ou mau. Agora, depois de cada episódio no rádio, tem pesadelos centrados em Long John: o gancho com que ele mata pessoas, a atenção traiçoeira e melosa dele por Jim Hawkins. Queria que Squire Trelawney matasse Long John em vez de deixá-lo ir embora: tem certeza de que

um dia ele voltará com seus amotinados para se vingar, assim como retorna em seus sonhos.

Os Robinson suíços são mais reconfortantes. Ele tem um belo exemplar do livro, com ilustrações coloridas. Gosta especialmente da imagem do navio no abrigo sob as árvores, o navio que a família construiu com ferramentas salvas do naufrágio, para levá-los de volta para casa com todos os animais, como a Arca de Noé. É um prazer, como entrar numa banheira quente, deixar para trás a ilha do tesouro e entrar no mundo da família Robinson. Na família suíça, não há irmãos malvados nem piratas assassinos; naquela família todos trabalham juntos e com alegria, sob a orientação de um pai sábio e forte (as imagens o mostram com um peito largo e uma comprida barba avermelhada), que desde o início sabe o que deve ser feito para salvá-los. A única coisa que o intriga é por que, já que estão tão adaptados e felizes na ilha, eles precisam ir embora.

Ele também possui outro livro, *Scott da Antártida*. O capitão Scott é um de seus heróis inquestionáveis: por isso lhe deram o livro. Tem fotografias, incluindo uma de Scott sentado e escrevendo na tenda em que depois morreria congelado. Costuma olhar as fotografias, mas não avança na leitura do livro: é enfadonho, não é uma história. Ele só gosta do trecho sobre Titus Oates, o homem que ficou enregelado e, ao ver que estava atrapalhando seus companheiros, fugiu no meio da noite para a neve e o gelo e morreu em silêncio, sem estardalhaço. Ele espera que um dia possa fazer como Titus Oates.

Uma vez por ano o Circo Boswell vem a Worcester. Todo mundo da classe vai; durante uma semana só se fala no circo e nada mais. Até as crianças de cor vão, com um stratagema: ficam perambulando horas ao redor da tenda, escutando a banda, espiando pelas brechas.

Eles pretendem ir no sábado à tarde, quando o pai vai jogar críquete. A mãe faz disso uma escapada para os três. Mas na bilheteria ela se inteira, chocada, dos altos preços aos sábados: dois para crianças, cinco para adultos. Ela não trouxe dinheiro suficiente. Compra ingressos para ele e para o irmão. “Vão, eu espero aqui”, diz. Ele fica indeciso, mas ela insiste.

Lá dentro, ele se sente péssimo, não aproveita nada; suspeita que o irmão se sinta do mesmo jeito. Quando aparecem na saída do

espetáculo, ela continua lá. Dias depois, ele não consegue afastar a ideia: sua mãe esperando pacientemente no calor abrasante de dezembro, enquanto ele está sentado no interior da tenda, sendo entretido como um rei. O amor cego dela, devastador, autossacrificante por ele e pelo irmão, mas especialmente por ele, o perturba. Gostaria que ela não o amasse tanto. Ela o ama absolutamente; portanto, ele deve amá-la absolutamente: essa é a lógica que ela lhe impõe. Jamais será capaz de retribuir todo o amor que ela despeja sobre ele. A ideia de uma vida inteira subjugado por uma dívida de amor o enfurece a ponto de não querer beijá-la, de recusar-se a ser tocado por ela. Quando ela se afasta em silencioso sofrimento, ele deliberadamente enrijece o coração, recusando-se a ceder.

Às vezes, quando se sente amarga, ela faz longos discursos para si mesma, comparando sua vida no insípido conjunto habitacional com a vida que tivera antes de se casar, que ela imagina como uma contínua sucessão de festas e piqueniques, de visitas a fazendas nos fins de semana, de jogos de tênis, golfe e passeios com seus cães. Ela fala numa voz baixa e sussurrante, em que se destacam apenas as consoantes sibilantes: ele em seu quarto, e o irmão no dele, aguçam os ouvidos para escutar, como ela bem deve saber. Esse é outro motivo por que o pai dele a chama de bruxa: porque ela fala consigo mesma, conjurando feitiços.

A vida idílica em Victoria West é confirmada pelas fotografias nos álbuns: a mãe junto a outras mulheres usando vestidos longos e brancos, segurando raquetes de tênis em plena savana, a mãe abraçando um cachorro alsaciano.

“Esse era o seu cachorro?”, ele pergunta.

“Esse é o Kim. Foi o melhor cachorro que já tive, o mais fiel.”

“E o que aconteceu com ele?”

“Comeu carne envenenada que os fazendeiros deixavam para os chacais. Morreu nos meus braços.”

Brotam lágrimas dos olhos dela.

Depois que o pai aparece nos álbuns, não há mais cães. Ele vê os dois em piqueniques com os amigos daquela época, ou seu pai com o bigodinho elegante e o olhar atrevido, posando encostado ao capô de um carro preto antiquado. Depois começam as fotos dele mesmo,

dezenas delas, desde a imagem de um bebê gordo sem expressão, erguido para a câmera por uma mulher morena de olhar intenso.

Em todas as fotografias, mesmo naquelas com o bebê, a mãe lhe parece infantil. A idade dela é um mistério que o intriga incessantemente. Ela não lhe diz, o pai finge não saber, até os irmãos e irmãs dela parecem ter jurado segredo. Quando ela sai de casa, ele vasculha os papéis na última gaveta de sua penteadeira, procurando uma certidão de nascimento, mas sem sucesso. De um comentário que ela deixou escapar, ele sabe que é mais velha que seu pai, que nasceu em 1912; mas quantos anos mais velha? Ele decide que ela nasceu em 1910. Isso significa que tinha trinta anos quando ele nasceu, e agora tem quarenta.

“Você tem quarenta anos!”, sugere-lhe, triunfante, um dia, examinando-a de perto em busca de sinais de que ele acertou. Ela dá um sorriso misterioso.

“Tenho vinte e oito”, diz.

Eles fazem aniversário no mesmo dia. Ele nasceu para ela no dia do seu aniversário. Isso quer dizer, como ela lhe disse, e diz para todo mundo, que ele é um presente de Deus.

Ele não a chama de mamãe ou de mãe, mas de Dinny. O pai e o irmão também. De onde vem esse nome? Ao que parece, ninguém sabe; mas os irmãos e irmãs dela a chamam de Vera, então não deve vir da infância. Ele precisa cuidar para não chamá-la de Dinny na frente de estranhos, assim como presta atenção para não chamar os tios apenas de Norman e Ellen, em vez de tio Norman e tia Ellen. Mas dizer tio e tia como uma criança boa, obediente e normal não é nada perto das cerimônias da língua africânder. Os africânderes têm medo de dizer “você” para qualquer pessoa mais velha que eles mesmos. Ele caça a linguagem do pai: “*Mammie moet ‘n kombers oor Mammie se knieë trek anders word Mammie koud*” — “Mamãe precisa pôr um cobertor sobre os joelhos de mamãe, ou mamãe ficará resfriada”. Ele se sente feliz por não ser africânder e não precisar falar desse jeito, como um escravo chicoteado.

A mãe decide que quer um cachorro. Os alsacianos são os melhores — mais inteligentes, mais fiéis —, mas eles não conseguem encontrar um alsaciano à venda. Então optam por um filhote meio dobermann, meio alguma outra coisa. Ele insiste em escolher o nome. Gostaria de chamá-lo Borzói, porque quer que seja um cão russo, mas como na verdade não é um borzói, batiza-o de Cossaco. Ninguém entende. As pessoas acham que o nome é “*kos-sak*”, que em africânder significa “saco de comida”, e acham graça.

Cossaco se revela um cão confuso, indisciplinado, que vaga pelo bairro estragando jardins e caçando galinhas. Um dia o cachorro o segue até a escola. Nada o convence a voltar para casa: quando ele grita e atira pedras, o cão baixa as orelhas, põe o rabo entre as pernas e muda de rumo; mas assim que ele torna a montar na bicicleta, o animal volta a segui-lo, correndo. Afinal, ele tem de arrastá-lo para casa pela coleira, empurrando a bicicleta com a outra mão. Chega em casa furioso e se recusa a voltar para a escola, porque se atrasou.

Cossaco ainda não está totalmente crescido quando come o vidro moído que alguém colocou para ele. A mãe lhe administra clisteres, tentando fazer o vidro sair, mas não adianta. No terceiro dia, quando o cão está deitado, arfante, e nem sequer lambe a mão dela, ela manda o filho buscar na farmácia um novo remédio que alguém recomendou. Ele corre na ida e na volta, mas chega tarde demais. A mãe tem a expressão contraída e distante, nem mesmo pega o frasco da mão dele.

Ele ajuda a enterrar Cossaco, enrolado num cobertor, na argila no fundo do quintal. Sobre a cova, ergue uma cruz com o nome “Cossaco” pintado. Ele não quer ter outro cachorro, não se eles tiverem de morrer desse jeito.

Seu pai joga críquete no time de Worcester. Isso deveria ser mais um trunfo, mais um motivo de orgulho para ele. O pai é advogado, o que é quase tão bom quanto ser médico; foi soldado na guerra; costumava jogar rúgbi na liga da Cidade do Cabo; e joga críquete. Mas em todos os casos existe uma qualificação embaraçosa. É advogado, mas deixou a prática. Foi soldado, mas apenas um suboficial. Jogou rúgbi, mas só no

segundo time do Gardens, e os Gardens são uma piada, sempre tiram o último lugar no campeonato anual. E agora joga críquete, mas na segunda divisão de Worcester, que ninguém se dá o trabalho de assistir.

O pai é arremessador, e não batedor. Há alguma coisa errada em seu movimento ao girar que estraga o rebate; além disso, ele desvia o olhar quando faz arremessos rápidos. A ideia de tacada do pai parece se limitar a empurrar o taco para a frente e, caso a bola bata nele e voe, trotar tranquilamente uma única base.

O fato de seu pai não ser um bom batedor certamente se deve a ele ter nascido no planalto do Karoo, onde não existia críquete de verdade nem como aprender a jogá-lo. Arremessar é outra história. É um dom: um homem nasce arremessador, não aprende a ser.

O pai arremessa bolas lentas, com efeito. Às vezes acerta seis; às vezes o batedor, vendo a bola voar lentamente em sua direção, perde a cabeça, dá uma tacada apressada e perde o ponto. Esse parece ser o método do pai: paciência, esperteza.

O treinador do time de Worcester é Johnny Wardle, que joga pela Inglaterra no verão do hemisfério norte. É um grande trunfo para Worcester que Johnny Wardle tenha escolhido trabalhar ali. Diz-se que foi por interferência de Wolf Heller, e do dinheiro dele.

Ele fica junto do pai atrás da rede de treino, observando Johnny Wardle arremessar para os batedores do time principal. Wardle, um homenzinho indescritível, com cabelos ralos e alourados, deveria ser um arremessador lento, mas quando corre e solta a bola, ele se surpreende como ela voa depressa. O batedor recebe a bola com facilidade, rebatendo-a delicadamente para a rede. Outro jogador arremessa, depois é novamente a vez de Wardle. Mais uma vez o batedor rebate delicadamente a bola. O batedor não está ganhando, mas tampouco está o atirador.

No fim da tarde, ele volta para casa desapontado. Havia esperado uma diferença maior entre o arremessador da Inglaterra e os batedores de Worcester. Pensava que iria testemunhar uma arte mais misteriosa, ver a bola fazer coisas estranhas no ar e fora do rumo, flutuar, mergulhar e girar, como devem ser os bons arremessos lentos, segundo ele lê nos livros de críquete. Não esperava um homenzinho falante, cuja única

marca de distinção é arremessar bolas de efeito à mesma velocidade com que ele próprio atira suas bolas mais rápidas.

No críquete, ele quer mais do que Johnny Wardle tem a oferecer. Críquete deve ser como Horácio e os etruscos, ou Heitor e Aquiles. Se Heitor e Aquiles fossem apenas dois homens afastando-se reciprocamente com as espadas, não haveria sentido na história. Mas eles não são apenas dois homens: são heróis poderosos, seus nomes ressoam na lenda. Ele fica feliz quando, no final da temporada, Wardle é dispensado do time inglês.

Wardle arremessa com uma bola de couro, é claro. Ele não tem familiaridade com essas bolas: ele e os amigos jogam com o que chamam de bola de cortiça, feita de um material cinza e compacto, resistente às pedras que rasgam as costuras das bolas de couro. Parado atrás da rede observando Wardle, ele ouve pela primeira vez o estranho silvo de uma bola de couro quando se aproxima voando do batedor.

Surge a primeira oportunidade para ele jogar num campo de críquete verdadeiro. Organizam um jogo para a tarde de quarta-feira, entre dois times da escola. Críquete de verdade significa tacos de verdade, um *pitch* de verdade, não ter de brigar para dar uma tacada.

Chega a vez dele de rebater. Usando um protetor na perna esquerda, segurando o taco do pai, que é pesado demais, ele caminha até o centro. Fica surpreso com o tamanho do campo. É um lugar vasto e solitário: os espectadores estão tão distantes que é como se não existissem.

Ele assume a posição na faixa de terra aplainada coberta por um forro de lona verde e espera pela bola. Isso é críquete. Dizem que é um jogo, mas para ele parece mais real que a sua casa, até mais real que a escola. Nesse jogo não há fingimento, não há perdão nem segunda chance. Aqueles outros meninos, cujos nomes não sabe, estão todos contra ele. Todos têm apenas uma coisa em mente: estragar seu prazer. Não sentirão uma chispa de remorso quando ele for eliminado. No centro daquela enorme arena, ele está sob julgamento, um contra onze, sem ninguém para protegê-lo.

Os jogadores da área exterior se posicionam. Ele deve se concentrar, mas há alguma coisa irritante que não consegue tirar da cabeça: o paradoxo de Zeno. Antes que a flecha atinja o alvo, deve chegar à

metade do percurso; antes de alcançar a metade do percurso deve chegar a um quarto dele; antes de percorrer um quarto... Ele tenta desesperadamente parar de pensar naquilo; mas o próprio fato de tentar não pensar o deixa ainda mais nervoso.

O arremessador corre. Ele escuta nitidamente o som das duas últimas passadas. Então há um espaço em que o único som que rompe o silêncio é o ruído assombroso da bola voando na direção dele. É isso que ele busca quando quer jogar críquete: ser testado mais e mais uma vez, até fracassar, por uma bola que voa para ele impessoalmente, indistintamente, sem piedade, procurando a brecha em sua defesa, e mais rápida do que ele espera, veloz demais para que ele desanuvie a cabeça, organize os pensamentos, decida direito o que fazer? E em meio a esse raciocínio, em meio a essa confusão, a bola chega.

Ele consegue correr duas bases, rebatendo num estado de descontrole e, mais tarde, de tristeza. Sai do jogo compreendendo ainda menos o modo descontraído de Johnny Wardle jogar, conversando e fazendo piadas o tempo todo. Seriam todos os fabulosos jogadores ingleses assim? Len Hutton, Alec Bedser, Denis Compton, Cyril Washbrook? Não pode acreditar nisso. Para ele, o críquete de verdade só pode ser jogado em silêncio, silêncio e apreensão, o coração batendo no peito, a boca seca.

Críquete não é um jogo. É a verdade da vida. Se é, como diz o livro, uma prova de caráter, então ele não vê como poderia passar por ela, e, no entanto, não sabe como evitá-la. No campo, o segredo, que em geral ele consegue disfarçar, é impiedosamente revelado e exposto. “Vamos ver do que você é feito”, diz a bola enquanto assobia e rola pelo ar em direção a ele. Cego, confuso, ele joga o taco para a frente, cedo demais ou tarde demais. A bola passa pelo taco, passa pelas bases e encontra seu caminho. Ele é dispensado, falhou na prova, foi descoberto, não há nada a fazer além de esconder as lágrimas, cobrir o rosto, trotar de volta sob o aplauso educado, compadecido, dos outros meninos.

ELE TEM O EMBLEMA da British Small Arms na bicicleta, com os dois rifles cruzados e o dístico “Smiths-BSA”. Comprou a bicicleta por cinco libras, de segunda mão, com o dinheiro que ganhou no oitavo aniversário. É a coisa mais sólida em sua vida. Quando outros meninos se gabam de suas Raleighs, ele retruca que tem uma Smiths. “Smiths? Nunca ouvi falar...”, eles dizem.

Não há o que se compare à sensação de andar de bicicleta, inclinando-se nas curvas velozes. Com a Smiths, ele vai para a escola toda manhã, quase um quilômetro de Reunion Park até o cruzamento da ferrovia, mais um quilômetro e meio pela estrada tranquila ao longo dos trilhos. As manhãs de verão são as melhores. A água murmura nas valas junto à estrada, pombos arrulham nos eucaliptos; de vez em quando sente-se um sopro de ar quente, alertando sobre o vento que se erguerá mais tarde, levantando rajadas de fina poeira vermelha.

No inverno, ele precisa sair para a escola ainda no escuro. Com o farolete fazendo um halo a sua frente, pedala pela neblina, cortando a maciez aveludada, aspirando-a, expirando-a, escutando apenas o chiado suave dos pneus. Certas manhãs, o guidom de metal está tão frio que as mãos chegam a grudar nele.

Tenta chegar cedo à escola. Adora entrar sozinho na sala de aula, circular entre as carteiras vazias, subir no tablado da professora. Mas nunca é o primeiro a chegar: são os dois irmãos de De Doorns, cujo pai trabalha na ferrovia, e que vêm no trem das seis. Eles são pobres, tão pobres que não têm pulôveres, nem paletós ou sapatos. Há outros meninos igualmente pobres, sobretudo nas classes africânderes. Mesmo nas manhãs gélidas de inverno, eles vêm para a escola vestindo camisas de algodão fino e bermudas de sarja tão velhas que suas coxas finas mal podem se mover. As pernas bronzeadas mostram manchas brancas de

frio; eles sopram as mãos e batem os pés; sempre têm ranho escorrendo do nariz.

Certa vez há um surto de sarna, e os irmãos de De Doorns têm as cabeças raspadas. Nos crânios nus, ele vê o traçado do fungo; a mãe o adverte para não se aproximar dos meninos.

Ele prefere shorts justos aos largos. As roupas que a mãe lhe compra são sempre largas demais. Ele gosta de ver as pernas esguias e acobreadas nos shorts justos. As que mais gosta são as pernas cor de mel dos meninos louros. Os meninos mais bonitos, ele se surpreende, estão nas classes africânderes, assim como os mais feios, os de pernas peludas, pomos de adão e pústulas no rosto. As crianças africânderes são quase como as de cor, ele percebe, rijas e despreocupadas, correm soltas, e então subitamente, em certa idade, se tornam más, a beleza delas desaparece.

Beleza e desejo: ele fica perturbado pelas sensações que as pernas daqueles meninos, nuas, perfeitas e inexpressivas, lhe causam. O que se pode fazer com pernas, além de devorá-las com os olhos? *Para que serve o desejo?*

As esculturas nuas na *Enciclopédia das crianças* o afetam da mesma maneira: Dafne perseguida por Apolo; Perséfone carregada por Hades. É uma questão de forma, a perfeição da forma. Ele tem uma ideia do corpo humano perfeito. Quando vê essa perfeição manifestada em mármore branco, algo se agita dentro dele; abre-se um abismo; ele quase despenca.

De todos os segredos que o diferenciam, afinal esse talvez seja o pior. Entre todos aqueles meninos, ele é o único em quem corre essa perversa corrente erótica; entre toda aquela inocência e normalidade, ele é o único que deseja.

Mas a linguagem dos meninos africânderes é inacreditavelmente suja. Eles dominam um leque de obscenidades muito maior que o seu, que tem a ver com *fok*, *piel* e *poes*, palavras cujo peso monossilábico o intimida. Como são escritas? Enquanto não puder escrevê-las não terá como domá-las em sua mente. Se escreve *fok* com *v*, o que a tornaria mais venerável, ou com *f*, que a transformaria numa palavra

verdadeiramente selvagem, primeva, sem ancestralidade? O dicionário nada diz, as palavras não estão lá, nenhuma delas.

Depois há *gat*, *poep-hol* e palavras semelhantes, atiradas para lá e para cá em rompantes agressivos cuja força ele não compreende. Por que juntar a parte de trás do corpo com a da frente? O que as palavras com *gat*, tão fortes e guturais, tem a ver com sexo, com seu *s* suavemente convidativo e o misterioso *x*? Ele tranca a mente para as palavras da parte de trás, com repulsa, mas continua tentando desvendar o significado dos *effies* e dos *FLs*, coisas que nunca viu mas que, de algum modo, pertencem ao mundo dos meninos e meninas do ginásio.

Mas ele não é ignorante. Sabe como nascem os bebês. Eles saem da parte de trás da mãe, limpos e brancos. Assim lhe disse sua mãe, anos atrás, quando ele era pequeno. Ele acredita nela sem questionar: é motivo de orgulho que ela lhe tenha contado como nascem os bebês quando era ainda pequeno, quando ainda enganavam as outras crianças com mentiras. É um símbolo do esclarecimento dela, do esclarecimento da família dela. Seu primo Juan, que é um ano mais novo, também sabe a verdade. O pai, por outro lado, fica envergonhado e resmunga quando se fala de bebês e de onde eles vêm; mas isso só prova mais uma vez a obtusidade da família do pai.

Seus amigos defendem outra versão: a de que os bebês saem pelo outro buraco.

Ele sabe abstratamente sobre o outro buraco, onde entra o pênis e do qual sai a urina. Mas não faz sentido o bebê sair por esse buraco. Afinal, o bebê se forma no estômago, por isso faz sentido que ele saia pela parte de trás.

Portanto, ele argumenta a favor da parte de trás, enquanto seus amigos defendem o outro buraco, a *poes*. Tem a tranquila convicção de estar certo. Faz parte da relação de confiança entre a mãe e ele.

ELE E A MÃE ESTÃO ATRAVESSANDO uma faixa de terreno público perto da estação ferroviária. Ele está junto dela, mas afastado, não segura sua mão. Está, como sempre, vestido de cinza: pulôver cinza, short cinza, meias cinza. Na cabeça leva um boné azul-marinho com o emblema da Escola Primária para Meninos de Worcester: um pico de montanha rodeado de estrelas, e a legenda PER ASPERA AD ASTRA.

É apenas um menino andando ao lado da mãe: visto de fora, provavelmente parece normal. Mas ele vê a si mesmo como se fosse um besouro esvoaçando ao redor dela, adejando em círculos imprecisos com o nariz no chão e as pernas e os braços agitados. Na verdade, não consegue imaginar nada nele que esteja imóvel. Sua mente, em particular, dispara continuamente em todas as direções, com uma impaciência que lhe é própria.

Esse é o lugar onde uma vez por ano o circo arma suas tendas e jaulas, onde os leões cochilam na palha de odor forte. Mas hoje é somente um terreno de argila vermelha dura como pedra, onde a relva não brota.

Há outras pessoas, outros transeuntes na manhã clara e quente de sábado. Entre elas, um menino da idade dele atravessa correndo o largo em diagonal. Assim que o vê, percebe que aquele menino será importante para ele, importante além de qualquer medida, não por ser quem é (talvez nunca mais o veja), mas por causa dos pensamentos que lhe passam pela cabeça, que irrompem dele como um enxame de abelhas.

Não há nada incomum no menino. Ele é negro, mas há outras pessoas de cor em todo lugar. Usa calças tão curtas que ficam esticadas em suas nádegas delineadas e deixam quase nuas as coxas marrons. Não usa sapatos; as solas de seus pés provavelmente são tão duras que mesmo

que ele pisasse num espinho de *duwweltjie*, apenas se deteria, abaixaria e arrancaria o espinho.

Há centenas de meninos como ele, milhares, e também milhares de meninas de saias curtas mostrando as pernas esguias. Ele gostaria de ter pernas lindas como as deles. Com pernas assim, flutuaria pela terra como aquele menino, quase sem tocá-la.

O menino chega a uma dezena de passos deles. Está absorto em si mesmo, não olha para eles. Seu corpo é perfeito e imaculado, como se houvesse saído ontem da casca. Por que essas crianças, meninos e meninas que não são obrigados a ir a escola, livres para se afastar do olhar vigilante dos pais, que podem fazer o que bem entenderem com seus corpos — por que não se reúnem num banquete de deleite sexual? Seria porque são inocentes demais para conhecer os prazeres a sua disposição — pois apenas as almas escuras e culpadas conhecem esses segredos?

O questionamento sempre funciona desse jeito. No princípio pode vagar para cá e para lá; mas no final, infalivelmente, se concentra e aponta um dedo acusador para si mesmo. É sempre ele quem põe em movimento o trem do pensamento; sempre o pensamento que escapa de seu controle e volta a acusá-lo. Beleza é inocência; inocência é ignorância; ignorância é ignorância do prazer; prazer é culpa; ele é culpado. Aquele menino, com o corpo vigoroso e imaculado, é inocente, enquanto ele, governado por seus desejos sombrios, é culpado. Na verdade, através desse longo caminho, ele se deparou com a palavra “perversão”, com sua emoção escura e complexa, começando com o enigmático *p* que pode significar qualquer coisa, depois transformando-se abruptamente no rancoroso *r* e no vingativo *v*. Não uma acusação, mas duas. As duas acusações se cruzam, e ele está no ponto de interseção, no alvo. Pois aquele que lhe impõe a acusação hoje é não apenas leve como um cervo e inocente, enquanto ele é escuro, pesado e culpado: ele também é negro, o que significa que não tem dinheiro, vive num buraco obscuro, passa fome; significa que se a mãe dele chamasse “Menino!” e acenasse, como ela faz muitas vezes, aquele menino teria de parar seu percurso, se aproximar e fazer o que ela lhe mandasse (carregar a cesta de compras, por exemplo), e depois de tudo, receber

uma moeda nas mãos em concha e agradecer. E caso ele ficasse bravo com a mãe depois, ela simplesmente sorriria, dizendo: “Mas eles estão acostumados com isso!”.

Então aquele menino, que irrefletidamente guardara a vida inteira o caminho da natureza e da inocência, que é pobre e, portanto, bom, como sempre são os pobres nos contos de fadas, que é esguio como uma enguia e rápido como uma lebre, e que o venceria com facilidade em qualquer concurso de agilidade com os pés ou de habilidade com as mãos — aquele menino, que é a censura viva dele, apesar disso está sujeito a ele de uma maneira que o envergonha tanto que ele se encolhe e não quer olhar mais para o outro, apesar de sua beleza.

Mas é impossível ignorá-lo. Pode-se ignorar os nativos, talvez, mas não se pode ignorar as pessoas de cor. Os nativos podem ser postos de lado porque são recém-chegados, invasores do norte, e não têm direito a estar ali. Os nativos que se veem em Worcester são, na maioria, homens vestidos em velhos casacos militares, fumando cachimbos curvos, que vivem em minúsculos barracos de chapa corrugada junto da estrada de ferro, homens que têm força e paciência lendárias. Foram trazidos para cá porque não bebem, como fazem os negros, porque aguentam trabalho duro sob o sol escaldante, enquanto os homens de cor, mais claros e frágeis, não suportariam. São homens sem mulheres, sem filhos, que vêm de lugar nenhum e podem desaparecer no nada.

Mas diante das pessoas de cor, não há esse recurso. As pessoas de cor foram geradas por brancos, por Jan van Riebeeck, nas hotentotes: isso fica claro, mesmo na linguagem velada do seu livro de história da escola. De modo amargo, é ainda pior que isso. Pois na região de Boland as pessoas chamadas “de cor” não são os tataranetos de Jan van Riebeeck ou de qualquer outro holandês. Ele é bastante hábil com fisionomias, tem essa habilidade desde que se entende por gente, para saber que neles não existe uma gota de sangue branco. São hotentotes, puros e incorruptos. Eles não apenas vieram com a terra; a terra é que veio com eles, é deles, como sempre foi.

UMA DAS VANTAGENS DE WORCESTER, um dos motivos por que é melhor morar ali do que na Cidade do Cabo, segundo o pai, é a facilidade de fazer compras. O leite é entregue todas as manhãs antes de clarear o dia; basta pegar o telefone e, uma ou duas horas depois, o homem da Schochat estará na porta com a carne e outros itens. É muito simples.

O homem da Schochat, o entregador, é um menino nativo que fala apenas algumas palavras em africânder e nada em inglês. Usa uma camisa branca e limpa, gravata-borboleta, sapatos de duas cores e um boné de Bobby Locke. Chama-se Josias. Os pais dele censuram o menino por ser um dos nativos inúteis da nova geração, que gastam tudo o que ganham em roupas e não pensam no futuro.

Quando a mãe não está em casa, ele e o irmão recebem as compras de Josias, arrumando os pacotes na prateleira da cozinha e a carne na geladeira. Quando chega leite condensado, apropriam-se dele como butim. Furam a lata e se revezam sugando-a até secar. Quando a mãe chega, fingem que não veio leite condensado ou que Josias o roubou.

Não tem certeza se ela acredita na mentira. Mas não é uma falta que o faça se sentir especialmente culpado.

Os vizinhos do lado leste chamam-se Wynstra. Têm três filhos: o mais velho, de pernas tortas, chamado Gysbert, e os gêmeos Eben e Ezer, pequenos demais para irem à escola. Ele e o irmão caçoam de Gysbert Wynstra por causa do nome esquisito e do modo desengonçado como ele corre. Concluem que ele é idiota, retardado mental, e lhe declaram guerra. Certa tarde, pegam meia dúzia de ovos que o menino da Schochat entregou, os atiram no telhado da casa dos Wynstra e se escondem. Os Wynstra não aparecem, mas quando o sol seca as gemas esmagadas, elas se transformam em feias manchas amarelas.

O prazer de atirar um ovo, tão menor e mais leve que uma bola de críquete, de vê-lo voar girando, escutar o ruído abafado do impacto, fica na memória dele. Mas seu prazer é tingido de culpa. Não consegue esquecer que estão brincando com comida. Com que direito usa ovos como brinquedos? O que diria o menino da Schochat se visse que estão jogando fora os ovos que ele trouxe de bicicleta desde a cidade? Ele tem a sensação de que o menino da Schochat, que na verdade não é um menino, e sim um homem adulto, não está tão preocupado com a própria imagem, usando o boné Bobby Locke e a gravata-borboleta, a ponto de se manter indiferente. Tem a sensação de que ele o repreenderia com veemência e não hesitaria em dizê-lo. “Como vocês podem fazer isso quando há crianças passando fome?”, ele diria em mau africânder; e não haveria resposta. Talvez em algum outro lugar do mundo seja possível atirar ovos (na Inglaterra, por exemplo, ele sabe que jogam ovos nas pessoas que estão no cepo); mas neste país existem juízes que julgam com base no princípio da moralidade. Neste país não se pode ser insensível quando o assunto é comida.

Josias é o quarto nativo que ele conhece na vida. O primeiro, de quem se lembra vagamente, que usava um pijama azul o dia inteiro, foi o garoto que limpava as escadas do edifício em que moravam em Joanesburgo. A segunda foi Fiela, em Plettenberg Bay, que lavava as roupas deles. Fiela era muito negra e muito velha, desdentada, e fazia longos discursos sobre o passado num inglês bonito e fluente. Ela vinha de Santa Helena, contou, onde tinha sido escrava. O terceiro também foi em Plettenberg Bay. Houvera uma grande tempestade; um navio naufragara; o vento, que soprava havia dias e noites, começava a amainar. Ele, a mãe e o irmão estavam na praia, vendo os montes de detritos misturados com algas, quando um velho de barba grisalha e colarinho de pastor, carregando um guarda-chuva, aproximou-se deles e disse:

“O homem constrói grandes barcos de ferro, mas o mar é mais forte. O mar é mais forte que qualquer coisa que o homem possa construir.”

Quando ficaram novamente a sós, a mãe disse:

“Vocês devem se lembrar do que ele falou. Ele é um velho sábio.”

Pelo que possa se lembrar, foi a única vez que a escutou dizer a palavra “sábio”; na verdade, foi a única vez que ele escutou alguém usar essa

palavra, fora dos livros. Mas não é apenas a palavra antiquada que o interessa. É possível respeitar os nativos — é isso que ela estava dizendo. É um grande alívio para ele escutar isso, ter essa confirmação.

Nas histórias que mais o marcaram, é o terceiro irmão, o mais humilde e desprezado, quem, depois que o primeiro e o segundo passam sem se importar, ajuda a velha a carregar o pesado fardo ou arranca o espinho da pata do leão. O terceiro irmão é bom, honesto e corajoso, enquanto o primeiro e o segundo são arrogantes, prepotentes, insensíveis. No final da história, o terceiro irmão é coroado príncipe, enquanto os dois outros caem em desgraça e são expulsos.

Existem os brancos, as pessoas de cor e os nativos; de todos eles, os nativos são os mais inferiores e mais desprezados. O paralelo é inevitável: os nativos são o terceiro irmão.

Na escola estudam repetidamente, entra ano, sai ano, sobre Jan van Riebeeck, Simon van der Stel, lorde Charles Somerset e Piet Retief. Depois de Piet Retief vêm as Guerras dos Kaffir, quando os kaffir invadiram as fronteiras da colônia e tiveram de ser rechaçados; mas as Guerras dos Kaffir são tantas e tão confusas, tão difíceis de distinguir, que não é preciso estudá-las para as provas.

Embora ele responda corretamente às perguntas sobre história nas provas, não sabe, de uma maneira que o satisfaça intimamente, por que Jan van Riebeeck e Simon van der Stel eram tão bons, enquanto lorde Charles Somerset era tão mau. Também não gosta, como deveria, dos líderes da Grande Marcha, exceto talvez de Piet Retief, que foi assassinado quando Dingaan o convenceu a deixar sua arma fora da aldeia. Andries Pretorius, Gerrit Maritz e os outros parecem os professores do colégio ou os africânderes no rádio: irados, insensíveis, cheios de ameaças e de conversa sobre Deus.

Eles não estudam a Guerra dos Bôeres na escola, pelo menos não nas turmas de língua inglesa. Há boatos de que a Guerra dos Bôeres é ensinada nas turmas africânderes, com o nome de *Tweede Vryheidsoorlog*, a Segunda Guerra de Libertação, mas não cai nas provas. Sendo um assunto delicado, a guerra não está oficialmente no currículo. Nem mesmo seus pais falam sobre a Guerra dos Bôeres, sobre quem estava certo e quem estava errado. Porém a mãe sempre conta uma história

sobre essa guerra, que foi contada pela mãe dela. Quando os bôeres chegaram à fazenda deles, diz sua mãe, exigiram comida e dinheiro e queriam ser servidos. Quando os soldados britânicos chegaram, dormiram no estábulo, nada roubaram, e, antes de ir embora, agradeceram gentilmente aos anfitriões.

Os britânicos, com seus generais altivos e arrogantes, são os vilões da Guerra dos Bôeres. Também são estúpidos por usarem uniformes vermelhos que os tornavam alvos fáceis dos bôeres. Nas histórias da guerra, espera-se que as pessoas torçam para os bôeres, lutando pela liberdade contra o poder do Império Britânico. No entanto, ele prefere não apoiar os bôeres, não apenas por causa de suas longas barbas e roupas feias, mas porque se escondiam atrás de rochas e atiravam de emboscada. Prefere gostar dos britânicos, porque marcham para a morte sob os guinchos das gaitas de foles.

Em Worcester, os ingleses são minoria, e, em Reunion Park, uma reduzida minoria. Além dele e do irmão, que são ingleses apenas por um lado, há dois outros meninos ingleses: Rob Hart e um garoto pequeno de cabelos crespos chamado Billy Smith, cujo pai trabalha na ferrovia e que tem uma doença que faz a pele escamar (a mãe o proíbe de encostar em qualquer um dos meninos Smith).

Quando ele deixa escapar que Rob Hart é castigado pela srta. Oosthuizen, seus pais parecem já saber o motivo. A srta. Oosthuizen pertence ao clã Oosthuizen, que é nacionalista; o pai de Rob Hart, que é dono de uma loja de ferragens, foi conselheiro municipal pelo Partido Unido até as eleições de 1948.

Seus pais balançam a cabeça ao falar da srta. Oosthuizen. Consideram-na suscetível, instável; desaprovam seus cabelos pintados com hena. Na época de Smuts, o pai diz, fariam algo a respeito de uma professora que leva política para a escola. O pai também é do Partido Unido. Na verdade, o pai perdeu o emprego na Cidade do Cabo, o emprego com o título de que a mãe tanto se orgulhava — fiscal de aluguéis —, quando Malan venceu Smuts em 1948. Foi por causa de Malan que eles precisaram deixar a casa em Rosebank, da qual ele se lembra com tanta saudade — a casa com o grande jardim malcuidado e o observatório com teto em abóbada e dois porões —, e que ele precisou deixar a Escola Primária de Rosebank e os amigos de Rosebank, e vir para Worcester.

Na Cidade do Cabo, o pai costumava sair de manhã para o trabalho vestindo um elegante terno jaquetão, carregando uma pasta de couro. Quando as outras crianças perguntavam o que seu pai fazia, ele podia responder: “Ele é fiscal de aluguéis”, e elas caíam num silêncio respeitoso. Em Worcester, o trabalho do pai não tem nome. “Meu pai trabalha na Conservas Standard”, precisa dizer. “Mas o que ele faz?” “Trabalha no escritório, cuida dos livros”, tem de responder timidamente. Não faz ideia do que significa “cuidar dos livros”.

A Conservas Standard produz pêssegos enlatados de Alberta, peras Bartlett enlatadas e abricós enlatados. A Conservas Standard enlata mais pêssegos que qualquer outra fábrica do país: é famosa apenas por isso.

Apesar da derrota de 1948 e da morte do general Smuts, o pai permanece leal ao Partido Unido: leal, mas desanimado. O advogado Strauss, novo líder do partido, não passa de uma pálida sombra de Smuts; com Strauss, o PU não tem esperanças de ganhar as próximas eleições. Além disso, os nacionalistas estão garantindo sua vitória mediante a redefinição dos limites das zonas eleitorais, favorecendo seus seguidores na *platteland*, o interior.

“Por que não fazem alguma coisa a respeito?”, ele pergunta ao pai.

“Quem?”, questiona o pai. “Quem consegue detê-los? Eles podem fazer o que bem entendem, agora que estão no poder.”

Ele não entende para que servem as eleições se o partido vencedor pode mudar as regras. É como o batedor decidir quem pode e quem não pode atirar a bola.

O pai liga o rádio na hora das notícias, mas na verdade é apenas para escutar o resultado dos jogos, jogos de críquete no verão e de rúgbi no inverno.

Antigamente o noticiário vinha da Inglaterra, antes de os nacionalistas tomarem conta. Primeiro tocava “Deus salve o rei”, depois vinham os seis “bips” de Greenwich, e então o locutor dizia: “Falando de Londres, estas são as notícias”, e lia notícias do mundo inteiro. Agora tudo isso acabou. “Esta é a empresa de radiodifusão da África do Sul”, diz o locutor, e mergulha num longo recital do que o dr. Malan disse no Parlamento.

O que mais detesta em Worcester, o que lhe dá mais vontade de fugir, é a raiva e o ressentimento que ele pressente se insinuar entre os meninos africânderes. Ele teme e despreza os meninos africânderes, fortes e descalços, em seus shorts justos, especialmente os mais velhos que, quando têm a menor oportunidade, levam você para um lugar sossegado no mato e o violam de formas que ele escutou serem insinuadas com malícia — eles *borsel* você, por exemplo, que, segundo ele pôde entender, significa baixar suas calças e esfregar graxa de sapato nas suas bolas (mas por que nas bolas? por que graxa de sapato?) e o mandam voltar para casa seminu e chorando pelas ruas.

Há uma lenda que todos os meninos africânderes parecem conhecer, divulgada pelos professores assistentes que visitam a escola, sobre a iniciação e o que lhe acontece durante a iniciação. Os meninos africânderes cochicham sobre isso do mesmo modo excitado como falam de serem espancados com a vara. O que ele consegue escutar deixa-o enojado: sair pela rua usando fralda de bebê, por exemplo, ou beber urina. Se é preciso passar por isso para se tornar um professor, ele se recusa a ser professor.

Há boatos de que o governo vai ordenar que todas as crianças com sobrenomes africânderes sejam transferidas para as turmas de língua africânder. Os pais dele conversam sobre isso em voz baixa; estão claramente preocupados. Quanto a ele, é invadido pelo pânico ao pensar em mudar-se para uma turma africânder. Diz aos pais que não vai obedecer, vai se recusar a frequentar a escola. Eles tentam acalmá-lo: “Nada disso vai acontecer. É só conversa. Vai demorar muito para fazerem alguma coisa”, dizem. Ele não fica tranquilo.

Ele fica sabendo que caberá aos inspetores escolares remover os falsos meninos ingleses das turmas inglesas. Vive temendo o dia em que o inspetor chegará, percorrerá a lista com o dedo, lerá o nome dele e lhe dirá para arrumar os cadernos. Tem um plano para esse dia, cuidadosamente preparado. Ele arrumará os cadernos e sairá da classe sem protestar. Mas não irá para a turma africânder. Calmamente, para não chamar atenção, andará até o galpão das bicicletas, pegará a sua e correrá para casa sem que ninguém possa alcançá-lo. Trancará a porta da

frente e dirá à mãe que não voltará para a escola e que, se ela o trair, ele irá se matar.

Tem uma imagem do dr. Malan gravada na mente. O rosto redondo do dr. Malan não tem compreensão ou piedade. Seu papo pulsa como o de um sapo. Tem os lábios franzidos.

Ele não esqueceu a primeira medida do dr. Malan em 1948: banir todas as revistas do Capitão Marvel e do Super-Homem, permitindo que apenas os quadrinhos com personagens animais, cuja intenção é manter as crianças como bebês, passassem pela alfândega.

Pensa nas canções africânderes que os obrigam a cantar na escola. Passou a odiá-las tanto que sente vontade de gritar e fazer ruídos de peidos enquanto cantam, especialmente no trecho “*Kam ons gaan blomme pluk*”, em que as crianças saltam pelos campos entre pássaros pipilantes e insetos alegres.

Certa manhã de sábado, ele e dois amigos saem de Worcester de bicicleta pela estrada de De Doorns. Em meia hora estão longe de qualquer presença humana. Deixam as bicicletas junto da estrada e entram pelos morros. Encontram uma caverna, acendem uma fogueira e comem os sanduíches que trouxeram. De repente aparece um menino africânder, grande e truculento, de short cáqui. “*Wie het julle toestemming gegee?*” — “Quem lhes deu permissão?”

Eles ficam paralisados. Uma caverna: precisam de permissão para estar lá? Tentam inventar mentiras, mas sem resultado. “*Julle sal hier moet bly totdat my pa kom*”, avisa o menino: “Vocês têm de esperar aqui até meu pai chegar”. Ele fala em *lat*, em *strop*: uma vara, um chicote; vão receber uma lição.

Ele fica atordoado de medo. Ali, no meio do campo, onde não podem chamar alguém, vão levar uma surra. Não há para quem apelar. Pois o fato é que são culpados, principalmente ele. Foi ele quem garantiu aos outros, quando saltaram a cerca, de que não podia ser uma fazenda, era só campo. É ele o líder do bando, foi sua ideia desde o princípio, não há outro que ele possa culpar.

O fazendeiro chega com seu cão, um alsaciano desconfiado, de olhos amarelos. Repetem as perguntas, dessa vez em inglês, perguntas sem respostas. Com que direito estão ali? Por que não pediram permissão?

Mais uma vez a defesa estúpida e patética precisa ser usada: não sabiam, pensaram que fosse só um campo. Ele jura para si mesmo que nunca mais cometerá o mesmo erro. Nunca mais será tão idiota a ponto de pular uma cerca e achar que pode se safar. *Imbecil!*, pensa. *Imbecil, imbecil, imbecil!*

Mas o fazendeiro não trouxe nem vara nem chicote. “Hoje vocês tiveram sorte”, diz. Eles estão parados no lugar, sem entender. “Vão embora.”

Abalados, descem a encosta, tomando cuidado para não correr, ou o cachorro poderia persegui-los latindo e babando, até o local na estrada onde haviam deixado as bicicletas. Não há o que possam dizer para justificar o que haviam feito. Os africânderes nem sequer agiram mal. Eles foram os perdedores.

DE MANHÃ CEDO, há crianças de cor caminhando depressa pela rodovia Nacional com seus estojos e cadernos, algumas levando até mochilas nas costas, a caminho da escola. Mas são crianças muito pequenas: quando tiverem a idade dele, dez ou onze anos, terão deixado a escola para trás e estarão no mundo, ganhando o pão de cada dia.

No aniversário, em vez de uma festa, ele ganha dez xelins para convidar os amigos para um programa. Convida os três mais chegados para o Globe Café; sentam-se a uma mesa com tampo de mármore e pedem banana split ou sundae com calda de chocolate quente. Ele se sente soberano, distribuindo prazeres daquele jeito; a ocasião seria um sucesso, se não fossem as crianças de cor, maltrapilhas, paradas junto à vitrine, olhando para eles.

Nos rostos daquelas crianças não vê sinal do ódio que, como está preparado para reconhecer, ele e seus amigos merecem por ter tanto dinheiro, enquanto elas não têm um centavo. Ao contrário, elas parecem crianças num circo, embevecidas, totalmente absorvidas, sem deixar nada escapar.

Se fosse outro garoto, pediria ao português de cabelos cheios de brilhantina, que é dono do Globe, para afugentá-las. É normal espantar crianças pedintes. Basta contorcer o rosto numa careta e abanar os braços, gritando: “*Voetsek, hotnot! Loop! Loop!*” e depois virar-se para quem estiver observando, conhecido ou estranho, e explicar: “*Hulle soek net iets om te steel. Hulle is almal skelms*” — “Elas só estão procurando alguma coisa para roubar. Todas são ladras”. Mas se ele se levantasse e fosse até o português, o que diria? “Elas estão estragando meu aniversário, não é justo, me parte o coração vê-las?” Aconteça o que acontecer, sejam elas afugentadas ou não, é tarde demais, seu coração já está partido.

Ele vê os africânderes como pessoas que sentem ódio o tempo todo por terem o coração partido. E vê os ingleses como pessoas que não sentem ódio porque vivem atrás de muros e sabem proteger seus corações.

Essa é apenas uma de suas teorias sobre os ingleses e os africânderes. A pedra no sapato, infelizmente, é Trevelyan.

Trevelyan era um dos pensionistas que morava com eles na casa em Liesbeeck Road, em Rosebank, a casa com o grande carvalho no jardim da frente, onde ele foi feliz. Trevelyan tinha o melhor quarto, com janelas francesas dando para a varanda. Era jovem, alto, simpático, não falava uma palavra de africânder, era um inglês perfeito. De manhã, Trevelyan tomava café na cozinha e depois ia trabalhar; voltava à noite e jantava com eles. Limpava o próprio quarto, que estava sempre inacessível, trancado; mas lá não havia nada de interessante, a não ser um barbeador elétrico americano.

O pai, embora fosse mais velho que Trevelyan, fez amizade com ele. Aos sábados, os dois escutavam o rádio juntos, quando C. K. Friedlander transmitia partidas de rúgbi de Newlands.

Então chegou Eddie. Eddie era um menino negro de sete anos de Ida's Valley, perto de Stellenbosch. Veio trabalhar para eles: o acordo foi feito entre a mãe de Eddie e tia Winnie, que morava em Stellenbosch. Em troca de lavar pratos, varrer e encerar, Eddie moraria com eles em Rosebank com direito às refeições, e, no dia primeiro de cada mês, enviariam à mãe dele um vale postal de duas libras e dez xelins.

Depois de dois meses vivendo e trabalhando em Rosebank, Eddie fugiu. Desapareceu durante a noite; só perceberam a ausência dele de manhã. Chamaram a polícia. Eddie foi encontrado perto dali, escondido no mato junto ao rio Liesbeeck. Não foi descoberto pela polícia, mas por Trevelyan, que o arrastou de volta, chorando e esperneando sem pudor, e trancou-o no velho observatório no quintal dos fundos.

Obviamente, Eddie seria mandado de volta para Ida's Valley. Agora que ele desistira de fingir que estava contente, fugiria em qualquer oportunidade. O aprendizado não tinha dado certo.

Mas antes que pudessem telefonar para tia Winnie em Stellenbosch, houve a questão do castigo pelo problema que Eddie tinha causado: ter

de chamar a polícia, estragar a manhã de sábado. Trevelyan se ofereceu para aplicar a punição.

Ele espiou o observatório uma vez, enquanto isso acontecia. Trevelyan estava segurando Eddie pelos dois pulsos e o açoitava nas pernas nuas com uma tira de couro. O pai também estava lá, de pé, olhando. Eddie uivava e dançava; estava banhado em lágrimas e ranho. “*Asseblief, asseblief, my baas*”, ele gritava, “*ek sal nie weer nie!*” — “Não faço mais isso!” Mas então os dois homens o viram espiando e mandaram ele sair.

No dia seguinte, a tia e o tio vieram de Stellenbosch em seu DKW e levaram Eddie de volta para a mãe em Ida’s Valley. Não houve despedidas.

Então Trevelyan, que era inglês, foi quem bateu em Eddie. Na verdade, Trevelyan, que tinha compleição robusta e estava um pouco gordo, ficou ainda mais robusto enquanto aplicava o chicote, e roncava a cada golpe, mergulhando numa fúria digna de qualquer africânder. Mas então, como Trevelyan se encaixa nessa teoria de que os ingleses são bons?

Ele ainda tem uma dívida com Eddie, que não contou a ninguém. Depois que comprou a bicicleta Smiths com o dinheiro do oitavo aniversário, e depois que descobriu que não sabia pedalar, foi Eddie quem o empurrou no parque de Rosebank, gritando ordens, até que, de repente, ele dominou a arte do equilíbrio.

Ele fez um círculo amplo naquela primeira vez, pedalando com força para vencer o solo arenoso, até voltar onde Eddie o esperava. Eddie estava excitado, dando saltos. “*Kan ek ‘n kans kry?*”, ele clamou. “Posso dar uma volta?” Ele entregou a bicicleta a Eddie, que não precisava ser empurrado: disparou rápido como o vento, levantando-se nos pedais, com seu velho paletó azul-marinho a flutuar, pedalando muito melhor do que ele.

Lembra-se de lutar com Eddie no gramado. Embora Eddie fosse apenas sete meses mais velho, e do mesmo tamanho, tinha uma força e uma decisão que sempre faziam dele o vitorioso. Vitorioso, mas cauteloso na vitória. Somente por um instante, quando prendeu o adversário de costas para o chão, indefeso, Eddie se permitiu um sorriso

de triunfo; então rolou para o lado e ergueu-se pronto para o próximo *round*.

O odor do corpo de Eddie o impregna nesses embates, e a imagem de sua cabeça, o crânio alto e alongado e os cabelos curtos e ásperos também.

Eles têm a cabeça mais dura que a dos brancos, diz o pai. Por isso são tão bons no boxe. Pelo mesmo motivo, nunca serão bons em rúgbi. No rúgbi, você tem de pensar rápido, não pode ser um cabeça-dura.

Em certo momento, quando os dois estão lutando, seus lábios e nariz encostam nos cabelos de Eddie. Ele aspira o cheiro, o gosto: o cheiro, o gosto de fumaça.

Todo fim de semana, Eddie tinha de tomar banho, de pé numa tina no lavatório dos empregados; lavava-se com um trapo ensaboado. Ele e o irmão arrastaram uma lata de lixo até a pequena janela e treparam para espiar. Eddie estava nu, a não ser pelo cinto de couro, que continuava ao redor da cintura. Vendo os dois rostos na janela, ele deu um sorriso largo e gritou: “Ei!”, e dançou na tina, espirrando água, sem se cobrir.

Depois ele contou à mãe:

“Eddie não tira o cinto para tomar banho.”

“Deixe-o fazer como quiser”, disse a mãe.

Ele nunca tinha ido a Ida’s Valley, de onde Eddie viera. Acha que é um lugar frio e úmido. Na casa da mãe de Eddie não há luz elétrica. O teto vaza, todo mundo está sempre tossindo. Quando você sai, tem de pular de pedra em pedra para evitar as poças. Que esperança tem Eddie agora que voltou em desgraça para Ida’s Valley?

“O que você acha que Eddie está fazendo agora?”, ele pergunta à mãe.

“Com certeza, está num reformatório.”

“Por que num reformatório?”

“Pessoas como ele sempre acabam num reformatório, e depois na prisão.”

Ele não entende a amargura da mãe contra Eddie. Ele não entende aqueles humores amargos dela, quando coisas, quase aleatoriamente, caem sob o chicote depreciativo de sua língua: os negros, os próprios irmãos e irmãs, os livros, a educação, o governo. Ele não se importa de verdade com o que ela pensa sobre Eddie, desde que não mude de ideia

de um dia para outro. Quando ela ataca alguém daquele jeito, ele sente que o chão rui entre seus pés e despenca.

Pensa em Eddie vestindo o velho paletó, encolhido para se abrigar da chuva que cai em Ida's Valley, fumando bitucas com os meninos de cor mais velhos. Ele tem dez anos e Eddie, em Ida's Valley, tem dez. Durante algum tempo, Eddie terá onze e ele ainda dez; depois também terá onze. Ele sempre estará correndo atrás, empatando com Eddie por um tempo, depois ficando para trás. Quanto tempo isso vai durar? Escapará de Eddie algum dia? Se eles cruzassem na rua um dia, será que Eddie o reconheceria, apesar de beber e fumar *dagga*, apesar da cadeia e do endurecimento, e pararia, gritando "*Jou moer!*"?

Ele sabe que, nesse momento, na casa cheia de goteiras em Ida's Valley, encolhido debaixo de um cobertor malcheiroso, ainda vestindo o paletó, Eddie pensa nele. Nos olhos negros de Eddie há duas fendas amarelas. De uma coisa tem certeza: Eddie não terá pena dele.

FORA DO CÍRCULO DE PARENTES, eles têm pouco contato social. Nas ocasiões em que aparecem estranhos em casa, ele e o irmão fogem como bichos, depois se esgueiram de volta para espreitar atrás das portas e escutar a conversa. Também fizeram buracos no teto, de modo que podem subir no espaço do forro e espiar, de cima, a sala de estar. A mãe fica envergonhada pelos ruídos. “São só as crianças brincando”, explica com um sorriso forçado.

Ele evita as conversas educadas, porque as fórmulas “Como vai você?”, “Como está indo na escola?”, o deixam perplexo. Sem saber as respostas certas, murmura e gagueja como um idiota. E, no fim, não se envergonha de sua selvageria, da impaciência com o ritmo dócil dos diálogos polidos.

“Por que você não pode ser normal?”, a mãe pergunta.

“Odeio gente normal”, ele retruca, nervoso.

“Odeio gente normal”, seu irmão ecoa. O irmão tem sete anos. Mostra constantemente um sorriso tenso e nervoso; na escola, às vezes, vomita sem motivo algum e precisa ser levado para casa.

Em vez de amigos, eles têm uma família. As pessoas da família da mãe são as únicas no mundo que o aceitam mais ou menos como ele é. Aceitam-no rude, antissocial, excêntrico, não apenas porque se não o aceitassem não poderiam vir visitá-los, mas porque também foram criados rudes e selvagens. A família do pai, por outro lado, o reprova e reprova a criação que teve nas mãos da mãe. Na companhia deles, sente-se constrangido; assim que consegue escapar, começa a caçoar dos lugares-comuns da polidez social (“*En hoe gaan dit met jou mammie? En met jou broer? Dis goed, dis goed!*” “Como vai sua mãe? E seu irmão? Ótimo!”). Mas não há escapatória: sem participar dos rituais, não há como visitar a fazenda. Então, retorcendo-se de vergonha, desprezando

a si mesmo por sua covardia, ele cede. “*Dit gaan goed*”, diz. “*Dit gaan goed met ons almal.*” Estamos todos bem.

Ele sabe que o pai fica do lado da família, contra ele. Essa é uma de suas maneiras de se vingar da mulher. Ele tem calafrios ao pensar na vida que teria de enfrentar se o pai dirigisse a casa: uma vida de atitudes aborrecidas e estúpidas, de ser como todo mundo. A mãe é a única que o aparta de uma existência que não poderia suportar. Então, ao mesmo tempo que ele se irrita com ela por sua lentidão e simplicidade, apega-se a ela como sua única protetora. É o filho dela, e não do pai. Ele renega e detesta o pai. Não se esquece daquele dia, dois anos antes, em que pela única vez sua mãe deixara o pai atacá-lo, como um cão que se soltou da corrente (“Cheguei ao limite, não suporto mais!”), e os olhos de seu pai reluziam, azuis e irados, enquanto o sacudia e estapeava.

Ele tem de ir para a fazenda porque não existe lugar no mundo de que goste mais ou imagine gostar mais. Tudo o que é complicado no amor pela mãe é descomplicado no amor pela fazenda. Mas desde que pode se lembrar, esse amor teve um lado doloroso. Ele pode visitar a fazenda, mas nunca irá morar lá. A fazenda não é sua casa; ele nunca passará de um hóspede, um hóspede difícil. Até hoje, a cada dia a fazenda e ele percorrem caminhos diferentes, se separando, se distanciando cada vez mais. Um dia a fazenda estará perdida para sempre, totalmente; e ele já sofre por essa perda.

A fazenda era do avô, mas o avô tinha morrido, e ela passara para o tio Son, o irmão mais velho do pai. Son era o único com jeito para a fazenda; o resto dos irmãos e irmãs partiram ansiosamente para as cidades. No entanto, existe a sensação de que a fazenda onde cresceram ainda é deles. Assim, pelo menos uma vez por ano, e às vezes duas, o pai volta à fazenda e o leva junto.

A fazenda se chama Voëlfontein, a fonte dos pássaros; ele ama cada uma de suas pedras, cada arbusto, cada folha da relva, ama os pássaros que lhe deram o nome, pássaros que, ao entardecer, se reúnem aos milhares nas árvores em volta da fonte, chamando uns aos outros, murmurando, rufando as asas, acomodando-se para a noite. É inconcebível que outra pessoa possa amar tanto a fazenda quanto ele. Mas ele não pode falar sobre esse amor, não apenas porque pessoas

normais não falam sobre essas coisas, mas porque confessá-lo seria uma traição a sua mãe. Seria uma traição não apenas porque ela também vem de uma fazenda, uma fazenda rival numa parte longínqua do mundo, da qual ela fala com amor e saudade próprios — mas à qual não pode voltar porque foi vendida para estranhos —, mas também porque ela não é realmente bem-vinda nesta fazenda, a verdadeira, Voëlfontein.

Por que isso acontece, ela nunca explicou — e no fundo ele é grato por isso —, mas aos poucos consegue juntar os pedaços da história. Durante um longo período no tempo da guerra, a mãe morou com os dois filhos num único quarto alugado na cidade de Prince Albert, sobrevivendo com as seis libras por mês que o pai enviava de seu soldo de cabo, mais duas libras do Fundo para Calamidades do Governo. Nessa época, eles não foram convidados uma única vez para a fazenda, apesar de a fazenda ficar a apenas duas horas de estrada. Ele sabe essa parte da história porque o pai, quando voltou da guerra, ficou enraivecido e envergonhado pelo modo como os haviam tratado.

De Prince Albert ele lembra só do zumbido dos mosquitos nas longas noites de calor, da mãe andando de um lado para outro de camisola, o suor brotando de sua pele, as pernas carnudas riscadas de varizes, tentando acalmar seu irmão ainda bebê, que chorava sem parar; e de dias de tédio terrível, passados atrás de janelas fechadas, protegendo-se do sol. Assim eles viviam, encalhados, pobres demais para se mudar, esperando o convite que não veio.

Os lábios de sua mãe ainda ficam tensos quando se fala na fazenda. Apesar disso, eles vão à fazenda no Natal, e ela também vai. Toda a grande família se congrega. Camas, colchões e colchonetes são arranjados em todos os quartos, e também na comprida varanda: certo Natal, ele contou vinte e seis. A tia e as duas empregadas passam o dia todo atarefadas na cozinha abafada, cozinhando, assando, produzindo uma refeição após outra, uma rodada de chá ou café com bolo após outra, enquanto os homens ficam sentados na varanda, olhando preguiçosamente para o reluzente Karoo, contando histórias sobre os velhos tempos.

Ele bebe avidamente a atmosfera, bebe a mistura alegre e descuidada de inglês e africânder, que é a língua comum quando se reúnem. Ele gosta dessa língua engraçada e dançante, com suas partículas que

escorregam para um lugar e outro da frase. É mais leve e arejada que o africânder que estudam na escola, carregado de expressões supostamente originárias da *volksmond*, a boca do povo, mas que parecem vir apenas da Grande Jornada, expressões pesadas e sem sentido sobre carroças, gado e arreios.

Na primeira vez em que estive na fazenda, enquanto o avô ainda vivia, todos os animais domésticos de seus livros de histórias ainda estavam lá: cavalos, mulas, vacas com seus bezerros, porcos, patos, um bando de galinhas com um galo que cacarejava ao amanhecer, cabras e bodes barbudos. Depois da morte do avô, o curral começou a encolher, até que sobraram apenas carneiros. Primeiro venderam os cavalos, depois os porcos foram transformados em banha (ele viu o tio atirar no último porco: a bala entrou atrás da orelha; o animal deu um grunhido, um grande peido e desabou, primeiro de joelhos, depois de lado, estremecendo). Depois foram-se as vacas, e os patos.

O motivo era o preço da lã. Os japoneses estavam pagando uma libra por libra de lã: era mais fácil comprar um trator do que cuidar de cavalos, mais fácil dirigir até a estrada de Fraserburg no novo Studebaker e comprar manteiga congelada e leite em pó do que ordenhar uma vaca e bater o creme. Só os carneiros interessavam, carneiros com velos de ouro.

O trabalho nas plantações também podia ser dispensado. A única lavoura que mantiveram na fazenda é a de alfafa, para o caso de o pasto acabar e precisarem alimentar os carneiros. Dos pomares, só resta um punhado de laranjeiras, que produzem ano após ano os frutos mais doces.

Quando, restaurados por um cochilo depois do almoço, as tias e os tios se reúnem na varanda para tomar chá e contar histórias, às vezes a conversa gira em torno dos velhos tempos na fazenda. Lembram-se do pai, o “fazendeiro cavalheiro” que mantinha uma carruagem com uma parelha, plantava milho nas terras abaixo da represa e depois ele mesmo colhia e moía. “É, bons tempos aqueles”, eles dizem e suspiram.

Gostam de ser nostálgicos, mas nem um desejaria voltar ao passado. Ele, sim. Ele gostaria que tudo fosse como antigamente.

Num canto da varanda, à sombra da buganvília, fica um cantil de lona. Quanto mais quente o dia, mais fresca a água — um milagre, como o milagre da carne que fica pendurada no escuro e não apodrece, como o milagre das abóboras que ficam no telhado sob o sol ofuscante e continuam frescas. Na fazenda, parece que as coisas não deterioram.

A água do cantil é magicamente fresca, mas ele não se serve mais do que um gole de cada vez. Orgulha-se de beber pouco. Isso o manterá vivo, imagina, se um dia se perder na savana. Ele quer ser uma criatura do deserto, aquele deserto, como um lagarto.

Logo além da casa da fazenda existe uma represa cercada de pedras, com quase quatro metros de lado, que é abastecida por uma bomba de vento e fornece água para a casa e a horta. Num dia quente, ele e o irmão põem na represa uma tina de ferro galvanizado, sobem nela balançando e remam de um lado para outro.

Ele tem medo de água; pensa naquela aventura como uma forma de superar o medo. O barco deles oscila no meio da represa. Raios de luz saem da água agitada; o único ruído é o zumbido das cigarras. Entre ele e a morte há apenas uma fina lâmina de metal. Apesar disso, sente-se seguro, tão seguro que poderia dormir. Isso é a fazenda: ali, nenhum mal pode acontecer.

Ele estivera num barco só uma vez, quando tinha quatro anos. Um homem (quem? — tenta se lembrar, mas não consegue) remou pela lagoa em Plettenberg Bay. Deveria ser um passeio agradável, mas o tempo todo ele ficou paralisado, de olhos fixos na margem distante. Só uma vez espiou por sobre a borda. Algas frondosas moviam-se languidamente lá no fundo. Era como ele temia, e até pior; sua cabeça girou. Somente aquelas frágeis tábuas, que rangiam a cada remada como se fossem rachar, o impediam de mergulhar para a morte. Agarrou-se mais forte e fechou os olhos, vencendo o pânico que o invadia.

Existem duas famílias de negros em Voëlfontein, cada qual com sua própria casa. E também, perto do muro da represa, fica a casa hoje destelhada em que viveu Outa Jaap. Outa Jaap estava na fazenda antes do avô; ele se lembra de Outa Jaap apenas como um homem muito velho com olhos cegos brancos feito leite, gengivas desdentadas e mãos ossudas, sentado num banco ao sol — levaram-no ao velho antes que ele morresse, talvez para uma benção, não tem certeza. Embora Outa Jaap

já tenha partido, seu nome ainda é citado com respeito. Mas quando ele pergunta o que havia de especial em Outa Jaap, as respostas que ouve são muito banais. Outa Jaap vinha do tempo anterior às cercas contra os chacais, contam-lhe, quando os pastores que guiavam os carneiros para pastar num dos campos distantes tinham de viver com eles e vigiá-los por várias semanas. Outa Jaap pertencia a uma geração desaparecida. Só isso.

Mas ele tem uma sensação do que está por trás dessas palavras. Outa Jaap fazia parte da fazenda; mesmo que o avô tenha sido seu comprador e proprietário legal, Outa Jaap veio com ela, dela sabia mais — os carneiros, a savana e o clima — do que um forasteiro jamais saberia. Por isso Outa Jaap precisava ser respeitado; por isso ninguém pensava em se livrar do filho de Outa Jaap, Ros, agora na meia-idade, embora não seja bom trabalhador, nada confiável e dado a fazer coisas erradas.

Está subentendido que Ros viverá e morrerá na fazenda e será sucedido por um de seus filhos. Freek, o outro assalariado, é mais jovem e enérgico que Ros, mais ágil de raciocínio e confiável. No entanto, não é da fazenda: está subentendido que não ficará obrigatoriamente.

Chegando à fazenda de Worcester, onde os negros parecem ter de suplicar por qualquer coisa (*“Asseblief my nooi! Asseblief my basie!”*), ele fica aliviado ao ver as relações corretas e formais entre seu tio e o *volk*. Toda manhã o tio confere com os dois homens as tarefas do dia. Não lhes dá ordens. Mas propõe as tarefas que devem ser feitas, uma a uma, como se distribuísse cartas sobre uma mesa; os homens também dão suas cartas. Entre elas há longas pausas, silêncios reflexivos em que nada acontece. Então, de repente, misteriosamente, tudo parece decidido: quem irá aonde, quem fará o quê. *“Nouja, dan sal ons maar loop, baas Sonnie”* — Já vamos! E Ros e Freek põem os chapéus e partem rapidamente.

Na cozinha, acontece a mesma coisa. Duas mulheres trabalham lá: a mulher de Ros, Tryn, e Lientjie, a filha dele de outro casamento. Elas chegam à hora do café da manhã e vão embora depois do almoço, a refeição principal do dia, que aqui chamam de jantar. Lientjie é tão tímida com estranhos que esconde o rosto e dá risadinhas quando falam com ela. Mas quando ele fica parado à porta da cozinha, ouve passar

entre sua tia e as duas mulheres um fluxo de conversa baixinho que ele adora escutar: a tagarelice suave e reconfortante das mulheres, casos contados de ouvido em ouvido, até que não só a fazenda, mas toda a aldeia em Fraserburg Road e os lugarejos fora da aldeia são cobertos pelas histórias, e também todas as fazendas do distrito; uma suave teia branca de fofocas tecida sobre o passado e o presente, uma teia sendo tecida no mesmo instante em outras cozinhas, a cozinha dos Van Rensburg, a dos Albert, a dos Nigrini, as várias cozinhas dos Bote: quem vai se casar com quem, a sogra de quem vai ser operada e do quê, o filho de quem vai bem na escola, a filha de quem está naquele estado, quem visitou quem, quem usava o quê e quando.

Mas é com Ros e Freek que ele tem mais afinidade. Morre de curiosidade sobre a vida deles. Usam camiseta e cuecas como os brancos? Há uma cama para cada pessoa? Dormem nus, com as roupas de trabalho, ou têm pijamas? Fazem refeições decentes, sentados à mesa, com garfo e faca?

Ele não tem respostas a essas perguntas, pois não é apropriado visitar suas casas. Seria indelicado, lhe dizem, porque Ros e Freek ficariam envergonhados.

Se não é embaraçoso que a mulher e a filha de Ros trabalhem na casa — ele queria perguntar — fazendo a comida, lavando a roupa, arrumando as camas, por que é embaraçoso visitá-los em sua casa?

Parece um bom argumento, mas contém uma falha, ele sabe. Porque a verdade é que é embaraçoso ter Tryn e Lientjie na casa. Ele não gosta quando passa por Lientjie no corredor, e ela tem de fingir que é invisível, e ele tem de fingir que ela não está ali. Não gosta de ver Tryn ajoelhada lavando suas roupas na tina. Não sabe como responder quando ela se dirige a ele na terceira pessoa, chamando-o de *die kleinbaas*, patrãozinho, como se ele não estivesse presente. Tudo é profundamente embaraçoso.

Com Ros e Freek é mais fácil. Mas mesmo com eles tem de falar frases de construção tortuosa, para evitar tratá-los por *jy* quando eles o tratam por *kleinbaas*. Ele não tem certeza se Freek conta como um homem ou um menino, se ele está sendo ridículo ao tratar Freek como um homem. Com os negros em geral, e com a gente do Karoo em partículas, ele

simplesmente não sabe quando deixam de ser crianças e se tornam homens e mulheres. Parece acontecer tão cedo e tão de repente: num dia eles estão brincando, no outro saem com os homens para trabalhar ou estão na cozinha, lavando pratos.

Freek é gentil e de fala suave. Tem uma bicicleta com pneus balão e um violão. No final da tarde, ele se senta na frente do quarto e toca o violão para si mesmo, com um sorriso remoto. Nas tardes de sábado, ele pedala para o povoado em Fraserburg Road e fica lá até domingo à noite, voltando bem depois que escurece: a quilômetros de distância, eles enxergam a luzinha bruxuleante que é o farol da bicicleta. Parece-lhe heroico pedalar aquela distância enorme. Ele adoraria Freek como um herói, se fosse permitido.

Freek é contratado, pode receber o aviso e ser mandado embora. Mas vendo Freek sentado nos calcanhares, de cachimbo na boca, olhando para a savana, parece-lhe que Freek pertence àquele lugar com mais certeza do que os Coetzee — se não a Voëlfontein, ao Karoo. O Karoo é a terra de Freek, seu lar; os Coetzee, bebendo chá e fofocando na varanda, são como andorinhas, de época, hoje aqui, amanhã não mais, ou mesmo como pardais, barulhentos, ligeiros, efêmeros.

O melhor na fazenda, o melhor de tudo, é caçar. O tio possui apenas um rifle, um pesado Lee-Enfield.303 que dispara uma bala grande demais para qualquer caça (certa vez o pai acertou uma lebre com ele, e não sobrou nada além de farrapos sangrentos). Por isso, quando ele está na fazenda, pedem emprestada a um vizinho uma velha.22. Leva uma única bala, carregada diretamente no cano; às vezes ela nega fogo, e ele fica com um assobio no ouvido durante horas. Nunca consegue atingir nada com aquela arma, a não ser sapos na represa e *muisvoëls* no pomar. No entanto, nunca vive tão intensamente quanto nas manhãs em que sai com o pai e suas armas pelo leito seco do Boesmansrivier à procura de caça: gazelas, antílopes, lebres e, nas encostas nuas dos morros, o pássaro *korbaan*.

Todo mês de dezembro, ele e o pai vêm à fazenda para caçar. Pegam o trem — não o Trans-Karoo Express ou o Orange Express, para não falar no Trem Azul, que são todos caros demais e, de qualquer forma, não param em Fraserburg Road —, mas o trem de passageiros comum, o que

para em todas as estações, até nas mais obscuras, e, às vezes, tem de se arrastar para acostamentos e esperar que os expressos mais famosos passem como relâmpago. Ele adora esse trem vagaroso, adora dormir aninhado sob os lençóis brancos engomados e os cobertores azuis-marinhos que o camareiro traz, adora acordar à noite em alguma estação silenciosa no meio do nada, escutando o silvo da máquina em repouso, o retinir do martelo do maquinista testando as rodas. Então, de madrugada, quando chegam a Fraserburg Road, o tio Son os estará esperando, com seu sorriso largo e o velho chapéu de feltro manchado de graxa, dizendo: “*Jis-laaik, maar jy word darem groot, John!*” — Como você está crescendo! — e assobiando entre os dentes, e eles carregam as sacolas no Studebaker e iniciam o longo trajeto.

Ele aceita sem questionar o tipo de caça praticada em Voëlfontein. Aceita que foi uma boa caçada quando assustam uma única lebre ou escutam um casal de *korbaan* gargarejando na distância. É o suficiente para se contar uma história ao resto da família, que, quando eles voltarem com o sol alto no céu, estará sentada na varanda, tomando café. Na maioria das manhãs não há nada para se contar, absolutamente nada.

Não faz sentido sair para caçar nas horas de calor, quando os animais que eles querem matar, dormitam na sombra. Mas no fim da tarde, às vezes, dão um giro pelas estradas rurais no Studebaker, com tio Son dirigindo, o pai ao lado dele, segurando o .303, e ele e Ros no banco de trás.

Normalmente, seria função de Ros saltar e abrir as portei­ras para o carro, esperar que ele passe e fechá-las, uma depois da outra. Mas nessas caçadas é privilégio dele abrir as portei­ras, enquanto Ros observa e aprova.

Estão caçando o legendário *paauw*. Mas como os *paauw* só são avistados uma ou duas vezes por ano — são tão raros, na verdade, que há uma multa de cinquenta libras para quem matá-los, se a pessoa for apanhada —, eles decidem caçar *korbaan*. Ros vai junto porque, sendo um boxímame ou quase isso, deve ter uma visão extremamente aguda.

E de fato é Ros, avisando com um tapa na capota do carro, quem primeiro vê o *korbaan*: pássaros marrons-acinzentados do tamanho de galinhas trotando entre os arbustos em grupos de dois ou três. O

Studebaker para; seu pai pousa o .303 na janela e faz pontaria; o estampido ecoa várias vezes pela savana. Às vezes as aves, assustadas, levantam voo; mas geralmente apenas correm mais, soltando o gargarejo característico. O pai nunca acerta realmente um *korbaan*, por isso, ele nunca viu de perto uma dessas aves.

O pai foi da artilharia durante a guerra: manipulava um canhão antiaéreo Bofors contra aviões alemães e italianos. Ele se pergunta se o pai teria derrubado algum avião: é certo que nunca falou sobre isso. Como acabou sendo artilheiro? Não tem dom para a coisa. Será que distribuía tarefas aos soldados aleatoriamente?

O único tipo de caçada em que eles têm êxito é à noite, que, logo ele descobre, é algo vergonhoso e de que não se pode gabar. O método é simples. Depois do jantar, eles pegam o Studebaker, e tio Son dirige no escuro através dos campos de alfafa. A certa altura ele para e acende os faróis. A menos de trinta metros está uma gazela, com as orelhas espetadas na direção deles, os olhos ofuscados refletindo os faróis. “*Skiet!*”, o tio sussurra. Seu pai atira, e o animal cai.

Eles dizem a si mesmos que é aceitável caçar dessa maneira porque os cervos são uma praga, comem a alfafa que é para os carneiros. Mas quando ele vê como a gazela é pequena, pouco maior que um cachorro, entende que o argumento é vazio. Caçam à noite porque não são suficientemente bons para acertar qualquer coisa de dia.

Por outro lado, a carne mergulhada no vinagre e depois assada (ele vê a tia abrir fendas na carne escura e recheá-la de cravos e alho) é ainda mais deliciosa que cordeiro, perfumada e macia, tão macia que derrete na boca. Tudo no Karoo* é delicioso: os pêssegos, as melancias, as abóboras, o carneiro, como se qualquer coisa que consiga encontrar sustento naquele solo árido seja, portanto, abençoada.

Nunca serão caçadores famosos. Mas ele adora o peso da arma na mão, o som dos pés pisando a areia cinzenta do rio, o silêncio que desce pesado como uma nuvem quando param, e a paisagem a rodeá-los, a amada paisagem ocre, cinza, bege e verde-oliva.

No último dia da temporada, conforme o ritual, ele pode atirar o que restou da caixa de balas .22 numa lata sobre um mourão de cerca. É uma ocasião difícil. A arma emprestada não é boa, e ele não é um bom

atirador. Com a família observando da varanda, dispara os tiros apressadamente, errando mais que acertando.

Certa manhã em que ele está sozinho no leito do rio, caçando *muisvoëls*, a .22 emperra. Ele não encontra um meio de liberar a bala presa no cano. Leva a arma de volta para casa, mas tio Son e o pai tinham saído para o campo.

“Peça a Ros ou Freek”, a mãe sugere.

Ele procura Freek no estábulo. Mas Freek não quer tocar na arma. O mesmo acontece com Ros, quando ele o encontra. Embora eles não o expliquem, parecem ter pavor de armas. Então ele tem de esperar que o tio volte e retire a bala com o canivete.

“Pedi para Ros e Freek”, ele se queixa, “mas não quiseram ajudar.”

O tio balança a cabeça.

“Você não deve pedir para eles tocarem em armas”, ele explica. “Eles sabem que não devem.”

Não devem. Por quê? Ninguém lhe diz. Mas ele fica pensando nas palavras “não devem”. Escuta-as com mais frequência na fazenda do que em qualquer outro lugar, até mesmo que em Worcester. Estranhas palavras. “Você não deve tocar nisto.” “Você não deve comer aquilo.” Seria esse o preço, se ele desistisse da escola e pedisse para viver ali na fazenda: teria de parar de fazer perguntas, obedecer a todos os “não deve”, fazer tudo o que lhe mandassem? Estaria preparado para submeter-se e pagar esse preço? Não há um modo de viver no Karoo — o único lugar do mundo onde ele deseja estar — do jeito que ele quer: sem pertencer a uma família?

A fazenda é imensa, tão imensa que, numa das caçadas, quando ele e o pai encontram uma cerca que cruza o leito do rio, e seu pai anuncia que eles atingiram o limite entre Voëlfontein e a próxima fazenda, ele fica decepcionado. Em sua imaginação, Voëlfontein é um reino isolado. Não há tempo suficiente numa só vida para conhecer Voëlfontein inteira, cada pedra e cada arbusto. Não pode haver tempo suficiente quando se ama um lugar de forma tão voraz.

Ele conhece Voëlfontein melhor no verão, quando se estende achatada sob a luz uniforme e cegante que cai do céu. Mas Voëlfontein também tem seus mistérios, que pertencem não à noite e à sombra, mas às tardes

quentes, quando as miragens dançam no horizonte e o próprio ar canta em seus ouvidos. Então, quando todos estão cochilando, solapados pelo calor, ele pode sair de casa na ponta dos pés e subir na colina até o labirinto de currais cercados de pedra dos velhos tempos, quando milhares de carneiros eram trazidos das savanas para ser contados, tosados ou tratados. As paredes do curral têm sessenta centímetros de espessura e são mais altas que ele; foram feitas com pedras chatas cinza-azuladas, cada uma delas carregada até ali em carroças de burros. Ele tenta imaginar os rebanhos de carneiro, hoje todos mortos, que devem ter se abrigado do sol colados a essas paredes. Tenta enxergar como era Voëlfontein quando a casa grande, as outras edificações e os currais estavam sendo construídos: um local de trabalho paciente, como formigas, ano após ano. Hoje os chacais que atacavam os carneiros foram todos exterminados, a tiros ou com veneno, e os currais, inúteis, desmoronam lentamente.

Os muros dos currais se estendem por quilômetros subindo e descendo morros. Nada cresce ali: a terra foi pisoteada e morta para sempre, ele não sabe como: parece descolorida, amarelada, doentia. No interior dos muros, ele fica isolado de tudo, menos do céu. Ele foi avisado para não ir lá por causa do perigo de haver cobras, porque ninguém o escutaria se pedisse socorro. As cobras, lhe dizem, gostam de tardes quentes como aquela: saem de seus covis — najas cuspidadeiras, biútas, *skaapstekker* — para se refestelar ao sol, aquecendo seu sangue frio.

Ele ainda não viu uma cobra nos currais; assim mesmo, olha cuidadosamente onde pisa.

Freek encontra uma *skaapstekker*, muito venenosa, atrás da cozinha, onde as mulheres penduram a roupa para secar. Bate nela com um pau até matá-la e estende o corpo comprido e amarelo sobre um arbusto. Durante semanas as mulheres não passam por lá. As cobras se casam para toda a vida, Tryn diz; quando se mata o macho, a fêmea vem procurar vingança.

A primavera, setembro, é a melhor época para ir ao Karoo, embora as férias escolares durem só uma semana. Uma vez estavam na fazenda em setembro quando chegaram os tosquiadores. Aparecem de lugar

nenhum, homens selvagens em bicicletas carregadas de sacos de dormir e panelas.

Ele descobre que os tosquiadores são pessoas especiais. Quando chegam à fazenda é sinal de sorte. Para que fiquem, escolhe-se um carneiro gordo e o abatem. Eles invadem o antigo estábulo, que transformam em acampamento. A fogueira queima até tarde da noite enquanto se banqueteam.

Ele escuta uma longa conversa entre tio Son e o líder deles, um homem tão escuro e altivo que quase poderia ser um nativo, com barba pontuda e calça amarrada com uma corda. Falam do tempo, do estado do pasto no distrito de Prince Albert, no distrito de Beaufort, no de Fraserburg, falam dos pagamentos. O africânder falado pelos tosquiadores é tão denso, cheio de expressões desconhecidas, que ele mal consegue entender. De onde eles vêm? Existe uma região ainda mais para o interior que as terras de Voëlfontein, uma região ainda mais isolada do mundo?

Na manhã seguinte, uma hora antes de o sol nascer, ele acorda com o ruído de cascos quando as primeiras tropas de carneiros passam perto da casa a caminho dos currais, ao lado da casa de tosquia. A casa começa a despertar. Há movimento na cozinha e o cheiro de café. À primeira luz ele está lá fora, vestido, excitado demais para comer.

Ele recebe uma tarefa. Fica encarregado de um caneco de lata cheio de sementes de feijão. Cada vez que um tosquiador termina um carneiro, solta-o com um tapa na anca e atira a lâ sobre a mesa de triagem, e o carneiro, rosado e nu, sangrando nos lugares em que a lâmina o feriu, trota nervoso para o segundo cercado — cada vez o tosquiador pode tirar um feijão do caneco, o que faz com um sinal de cabeça e um educado “*My basie!*”.

Quando ele se cansa de segurar o caneco (os tosquiadores podem tirar os feijões sozinhos, são homens do campo e nunca ouviram falar em desonestidade), ele e o irmão ajudam a encher os fardos, pulando sobre a massa de lâ grossa, quente e oleosa. Sua prima Agnes também está lá, veio de Skipperskloof. Ela e a irmã se juntam a eles, e os quatro caem uns sobre os outros, rindo e saltando como se estivessem numa enorme cama de plumas.

Agnes ocupa um lugar em sua vida que ele ainda não compreende. Viu-a pela primeira vez quando ele tinha sete anos. Convidados a Skipperskloof, chegaram num fim de tarde depois da longa jornada de trem. Nuvens cobriam o céu, o sol não aquecia. Sob a luz fria de inverno, a vasta savana era de um azul escuro e arroxeadado, sem vestígios de verde. Até a casa da fazenda parecia inóspita: um austero retângulo branco com telhado de zinco íngreme. Não parecia em nada com Voëlfontein; ele não queria ficar ali.

Poucos meses mais velha que ele, Agnes foi designada sua companheira. Ela o levou para dar uma volta na savana. Foi descalça; nem mesmo possuía sapatos. Logo estavam no meio do nada e perderam a casa de vista. Começaram a conversar. Ela usava maria-chiquinha e tinha língua presa, o que lhe agradou. Ele perdeu a timidez. Ao falar, esqueceu qual língua estava usando: os pensamentos simplesmente se transformavam em palavras, palavras transparentes.

O que ele disse a Agnes naquela tarde, já não pode lembrar. Mas disse-lhe tudo, tudo mesmo, tudo o que sabia, tudo o que desejava. Ela ouviu tudo em silêncio. E enquanto ele falava, sabia que o dia era especial por causa dela.

O sol começou a cair, de um púrpura incendiado, mas gélido. As nuvens escureceram, o vento se fortaleceu e atravessava suas roupas. Agnes usava apenas um vestido fino de algodão; seus pés estavam azulados de frio.

“Onde vocês estavam? O que andaram fazendo?”, perguntaram os adultos quando voltaram à casa. “*Niks nie*”, Agnes respondeu. Nada.

Aqui em Voëlfontein, Agnes não tem permissão para caçar, mas pode passear com ele pelos campos ou apanhar rãs na grande represa. Estar com ela é diferente de estar com os colegas de escola. Tem algo a ver com a suavidade dela, sua disposição para escutar, mas também com as pernas morenas e esguias, os pés descalços, seu modo de dançar de pedra em pedra. Ele é inteligente, ele é um dos melhores da classe; ela também tem fama de inteligente. Eles passeiam por toda parte conversando sobre coisas que os adultos desaprovavam: se o universo teve um começo; o que existe atrás de Plutão, o planeta obscuro; se Deus existe, onde está?

Por que ele consegue falar assim com Agnes? Por ela ser uma menina? A tudo que ele propõe, ela parece responder sem reservas, suave e prontamente. Ela é sua prima-irmã; portanto, não podem se apaixonar e casar. De certo modo isso é um alívio: ele pode ser amigo dela, abrir o seu coração. Mas estaria apaixonado por ela de qualquer maneira? Seria isso o amor — aquela generosidade fácil, aquela sensação de ser finalmente compreendido, de não ter de fingir?

O dia inteiro e todo o dia seguinte, os tosquiadores trabalham, mal parando para comer, lançando desafios uns aos outros para provar quem é mais rápido. À noitinha no segundo dia, todo o trabalho está terminado, todos os carneiros da fazenda foram tosados. Tio Son traz uma sacola de lona cheia de dinheiro, notas e moedas, e cada tosquiador é pago de acordo com seu número de feijões. Então fazem outra fogueira, outro banquete. Na manhã seguinte, eles se foram, e a fazenda retorna a seu velho ritmo, vagaroso.

Os fardos de lã são tantos que não cabem no abrigo. Tio Son vai de um em um com um molde e uma almofada de tinta, pintando em cada um o nome dele, o nome da fazenda e a qualidade da lã. Dias depois chega um enorme caminhão (como ele conseguiu atravessar o leito arenoso do Boesmansrivier, onde até os carros atolam?), e os fardos são carregados e levados embora.

Isso acontece todo ano. Todo ano os tosquiadores chegam, todo ano aquela aventura e excitação. Nunca acabará; não há motivo para que acabe, enquanto existirem anos.

A palavra secreta e sagrada que o liga à fazenda é *pertencer*. Sozinho na savana, ele pode pronunciar alto: *Eu pertenço a este lugar*. O que ele realmente acredita, mas não pronuncia, e guarda para si mesmo por medo de que o encantamento acabe, é uma forma diferente da frase: *Eu pertenço à fazenda*.

Ele não diz a ninguém porque a palavra é facilmente mal interpretada, e transformada em seu inverso: *A fazenda pertence a mim*. A fazenda nunca pertencerá a ele, ele nunca passará de um visitante: isso ele aceita. A ideia de realmente viver em Voëlfontein, de chamar a casa grande de sua casa, de não precisar mais pedir permissão para fazer o que quiser, o deixa atordoado; ele a afasta. *Pertenço à fazenda*: é o máximo que ele pode

ir, mesmo bem no fundo do seu coração. Mas, no fundo do coração, ele sabe o que a fazenda, a sua maneira, também sabe: que Voëlfontein não pertence a ninguém. A fazenda é maior que qualquer um deles. A fazenda existe da eternidade para a eternidade. Quando todos estiverem mortos, quando até a casa grande houver desmoronado como os currais nas colinas, a fazenda continuará ali.

Certa vez, em plena savana e distante da casa, ele se agacha e esfrega terra nas palmas das mãos, como se as lavasse. É um ritual. Ele está criando um ritual. Ainda não sabe o que significa aquele ritual, mas se alegra de não haver ninguém por perto para ver e contar aos outros.

Pertencer à fazenda é o destino secreto dele, um destino que lhe coube ao nascer e que ele abraça com alegria. Seu outro segredo é que, por mais que lute, ainda pertence à mãe. Ele não ignora que essas duas dependências se chocam. Também não ignora que na fazenda a influência da mãe sobre ele é mínima. Incapaz, como mulher, de caçar, incapaz até de caminhar pela savana, aqui ela está em desvantagem.

Ele tem duas mães. Nasceu duas vezes: de uma mulher e da fazenda. Duas mães e nenhum pai.

A menos de um quilômetro da fazenda, a estrada se divide; o caminho da esquerda vai para Merweville, o da direita para Fraserburg. Na forquilha, fica o cemitério, um terreno cercado e com um portão. A lápide de mármore do avô domina o cemitério; há mais uma dúzia de túmulos agrupados ao redor, menores e mais modestos, com lápides de ardósia, algumas delas com nomes e datas talhadas na pedra, outras sem palavra alguma.

O avô é o único Coetzee ali, o único que morreu desde que a fazenda pertence à família. Foi ali que ele terminou, o homem que começou como vendedor ambulante em Picketberg, depois abriu uma loja em Laingsburg e tornou-se prefeito da cidade, depois comprou o hotel na Fraserburg Road. Ele está enterrado, mas a fazenda ainda lhe pertence. Seus filhos correm sobre ela como anões, e seus netos, como anões de anões.

Do outro lado da estrada existe um segundo cemitério, sem cerca, onde algumas covas foram tão batidas pelo tempo que se reabsorveram na terra. Ali repousam os empregados e servidores da fazenda, remontando a Outa Jaap e muito antes. As poucas lápides que restam de

pé não têm nomes ou datas. No entanto, ele sente ali mais reverência do que entre as gerações de Bote reunidas em torno do avô. Não tem nada a ver com espíritos. Ninguém no Karoo acredita em espíritos. Qualquer coisa que morra ali, morre firme e definitivamente: a carne é comida pelas formigas, os ossos são branqueados pelo sol, e é tudo. Mas, entre aqueles túmulos, ele anda com nervosismo. Da terra sai um silêncio profundo, tão profundo que quase parece um murmúrio.

Quando ele morrer, quer ser enterrado na fazenda. Se não permitirem, então quer ser cremado e ter as cinzas espalhadas ali.

Outro lugar ao qual faz uma peregrinação todos os anos é Bloemhof, onde ficava a primeira sede. Hoje nada resta além das fundações, que não têm interesse. Na frente dela costumava haver uma represa alimentada por uma nascente subterrânea; mas a fonte secou há muito tempo. Da horta e do pomar que existiram ali, não ficou vestígio. Mas ao lado da fonte, brotando da terra nua, ergue-se uma palmeira enorme e solitária. No caule da árvore, abelhas fizeram um ninho, as ferozes abelhas negras. O tronco é escurecido pela fumaça de fogueiras que as pessoas acenderam ao longo de anos para roubar o mel das abelhas; mas elas continuam lá, juntando o néctar quem sabe de onde naquela paisagem seca e cinzenta.

Ele gostaria que as abelhas soubessem que, quando ele aparece, vem de mãos limpas, não para roubá-las, mas para cumprimentá-las, prestar sua homenagem. Porém, no momento em que ele se aproxima da palmeira, elas começam a zumbir, irritadas; os zangões voam na direção dele, advertindo-o para se afastar. Certa vez teve de correr vergonhosamente pela savana com o enxame a persegui-lo, ziguezagueando e abanando os braços, agradecido por não haver ninguém ali para vê-lo.

Toda sexta-feira um carneiro é abatido para o pessoal da fazenda. Ele vai com Ros e tio Son escolher o animal que deve morrer. Então fica olhando de longe quando, no abatedouro atrás do abrigo, fora da vista da casa, Freek segura as pernas traseiras e, Ros, com seu pequeno canivete de aspecto inofensivo, lhe corta o pescoço, e depois os dois seguram firmemente o animal que esperneia, se debate e tosse enquanto o sangue vital jorra. Ele continua olhando quando Ros extrai o sangue ainda quente e pendura a carcaça na seringueira, parte-a ao meio e puxa

as vísceras para uma bacia: o grande estômago azul cheio de capim, os intestinos (do qual ele espreme os últimos excrementos que o carneiro não teve tempo de expelir), o coração, o fígado, os rins — tudo o que um carneiro tem por dentro e que ele também tem por dentro.

Ros usa o mesmo canivete para castrar cordeiros. Ele também observa esse acontecimento. Os jovens carneiros e suas mães são cercados e presos. Ros move-se no meio deles, agarra os cordeiros pela pata de trás, um por um, e os pressiona no chão enquanto eles soltam balidos de terror, um berro desesperado atrás do outro, e corta uma fenda no escroto. Ele abaixa a cabeça, prende os testículos nos dentes e os arranca. Parecem duas pequenas medusas, com os vasos sanguíneos azuis e vermelhos dependurados.

Ros também lhes corta o rabo, já que está ali, e os atira para o lado, deixando um toco sangrento.

Com suas pernas curtas, calça velha e larga, cortada abaixo dos joelhos, os sapatos feitos em casa e o chapéu de feltro surrado, Ros se move pelo cercado como um palhaço, escolhendo os cordeiros e tratando-os sem piedade. Ao fim da operação, os carneiros ficam sangrando e doloridos ao lado das mães, que nada fizeram para protegê-los. Ros fecha o canivete. Tarefa cumprida; ele mostra um sorrisinho apertado.

Não há como falar sobre o que ele acaba de assistir.

“Por que eles precisam cortar o rabo dos carneiros?”, pergunta à mãe.

“Porque senão as varejeiras poriam ovos embaixo dos rabos”, explica a mãe. Ambos estão fingindo; ambos sabem qual é o verdadeiro motivo.

Um dia, Ros deixa-o segurar seu canivete, mostra-lhe com que facilidade corta um fio de cabelo. O cabelo não verga, apenas se parte em dois a um simples toque da lâmina. Ros a afia diariamente, cuspindo na pedra de amolar e esfregando a lâmina sobre ela, de um lado para outro, suavemente. A lâmina já está tão gasta de tanto amolar, cortar e amolar de novo que sobrou apenas um fio. O mesmo acontece com o facão de Ros: já o usou tanto, já o afiou tanto, que sobraram apenas dois ou três centímetros de aço; a madeira do cabo é macia e escurecida por anos de suor.

“Você não deveria olhar isso”, diz a mãe, depois de um abate na sexta-feira.

“Por quê?”

“Não deveria, só isso.”

“Mas eu quero.”

E ele vai olhar Ros esticar o couro e borrifá-lo de sal grosso.

Ele gosta de ver Ros, Freek e o tio trabalharem. Para aproveitar o preço alto da lã, Son quer criar mais carneiros na fazenda. Mas após anos de pouca chuva, a savana é um deserto, o capim e os arbustos estão rentes ao solo. Então ele decide refazer as cercas de toda a fazenda, dividindo-a em pastos menores para que os carneiros possam ser mudados de um para outro, e a savana tenha tempo de se recuperar. Ele, Ros e Freek saem todo dia, enfiando mourões na terra dura como pedra, estendendo léguas e léguas de arame farpado, esticando-o com um torniquete e pregando-o.

Tio Son sempre o trata com delicadeza, mas ele sabe que o tio não gosta dele de verdade. Como sabe? Pelo olhar inquieto de Son quando ele está por perto, o tom forçado da voz. Se Son realmente gostasse dele, seria livre e despachado com ele como é com Ros e Freek. Mas não, Son tem o cuidado de sempre falar inglês com ele, mesmo que ele responda em africânder. Tornou-se um ponto de honra entre os dois; e não sabem como se livrar da armadilha.

Ele diz para si mesmo que não é pessoal, esse desagrado, que é simplesmente por ele, o filho do irmão mais novo de Son, ser mais velho que o próprio filho de Son, que ainda é um bebê. Mas ele teme que o sentimento seja mais profundo, que Son não goste dele porque é um aliado da mãe, a intrusa, em vez de ser do pai; e também porque ele não é direto, franco, sincero.

Se ele pudesse escolher entre Son e seu próprio pai como pai, escolheria Son, mesmo que isso significasse ser irrecuperavelmente africânder e ter de passar anos no purgatório de um internato africânder, como todas as crianças de fazenda, antes de poder voltar à fazenda.

Talvez seja esse o motivo mais profundo pelo qual Son não goste dele: sente a reivindicação obscura que aquela criança lhe faz e a rejeita, como um homem que se livra de um bebê agarrado a sua perna.

Ele observa Son o tempo todo, admirando a habilidade com que faz tudo, desde medicar um animal doente até consertar uma bomba de vento. Ele fica especialmente fascinado pelo conhecimento do tio sobre

os carneiros. Só de olhar para um carneiro, Son sabe não apenas a idade e quem são seus pais, não apenas que tipo de lã ele dará, mas qual será o sabor de cada parte daquele corpo. Ele sabe escolher um carneiro para abater conforme tenha as costelas ideais para grelhar ou o pernil perfeito para assar.

Ele mesmo gosta de carne. Aguarda com expectativa o sino do meio-dia que anuncia a vasta refeição: pratos de batatas assadas, arroz amarelo com passas, batatas-doces com molho caramelado, abóbora com açúcar mascavo e cubos de pão macio, feijões agridoces, salada de beterraba e, no centro, em lugar de honra, uma grande travessa de carneiro com molho para regar. Mas depois de ver Ros abatendo um carneiro, ele não gosta mais de pegar na carne crua. De volta a Worcester, prefere não entrar em açougues. Sente repulsa pela naturalidade com que o açougueiro joga um pedaço de carne sobre o balcão, o fatia, enrola em papel pardo e anota o preço. Quando escuta o uivo rascante da serra cortando os ossos, tem vontade de tapar os ouvidos. Não se importa de olhar para fígados, que têm uma vaga função no corpo, mas desvia o olhar dos corações na vitrine, e especialmente das bandejas de miúdos. Mesmo na fazenda, ele se recusa a comer miúdos, embora sejam considerados um prato requintado.

Ele não entende por que os carneiros aceitam seu destino, por que nunca se rebelam, em vez de seguir mansamente para a morte. Se os cervos sabem que não há nada pior no mundo do que cair nas mãos dos homens, e se batem para escapar até o último suspiro, por que os carneiros são tão estúpidos? São animais, afinal, têm os sentidos aguçados dos animais: por que não escutam os últimos berros da vítima atrás do abrigo, sentem o cheiro do seu sangue e percebem?

Às vezes, quando ele está no meio dos carneiros — quando eles foram reunidos para o banho de inseticida, quando estão cercados e não podem escapar —, pensa em sussurrar-lhes, avisá-los do que os espera. Mas então percebe naqueles olhos amarelos algo que o silencia: uma resignação, um conhecimento prévio não somente do que acontece aos carneiros nas mãos de Ros atrás do abrigo, mas do que os aguarda no final da longa e sedenta viagem de caminhão até a Cidade do Cabo. Eles sabem tudo, até o menor detalhe, e, no entanto, se submetem. Já

calcularam o preço e estão dispostos a pagá-lo — o preço por estar na terra, o preço de se estar vivo.

* Região semidesértica da África do Sul. (N. E.)

EM WORCESTER, o vento sopra continuamente, fino e frio no inverno, quente e seco no verão. Depois de uma hora ao ar livre, as pessoas têm uma poeira fina e vermelha nos cabelos, nos ouvidos, na língua.

Ele é saudável, cheio de vida e energia; todavia, parece sempre estar resfriado. Acorda de manhã com a garganta fechada, os olhos vermelhos, espirrando descontroladamente, sua temperatura sobe e desce.

“Estou doente”, diz com voz rouca para a mãe. Ela pouisa as costas da mão na testa dele.

“Então vai precisar ficar na cama”, ela suspira.

Há mais um momento difícil de superar, o momento em que o pai pergunta: “Onde está o John?”.

E a mãe responde:

“Está doente”.

E o pai resmunga e diz:

“Fingindo de novo”.

Nesse tempo ele fica deitado o mais quieto possível, até que o pai tenha partido e o irmão também, e então ele pode finalmente passar o dia todo lendo.

Lê em grande velocidade e com absorção total. Durante seus acessos doentios, a mãe tem de ir à biblioteca duas vezes por semana para retirar livros para ele: dois no cartão dela, outros dois no dele próprio. Evita a biblioteca, pois a bibliotecária poderia perguntar quando ele irá trazer os livros para serem carimbados.

Sabe que, se quiser ser um grande homem, deverá ler livros sérios. Deveria ser como Abraham Lincoln ou James Watts, estudando à luz de vela enquanto todo mundo dorme, aprendendo sozinho latim, grego e astronomia. Ele não abandonou a ideia de ser um grande homem;

promete a si mesmo que logo começará leituras mais sérias; mas por enquanto só quer ler histórias.

Lê todos os contos de mistério de Enid Blyton, todos os dos Hardy Boys, todos os de Biggles. Mas os livros de que mais gosta são as histórias da Legião Estrangeira francesa, de P. C. Wren.

“Quem é o maior escritor do mundo?”, pergunta ao pai.

“Shakespeare”, responde o pai.

“Por que não P. C. Wren?”, ele indaga. O pai não leu P. C. Wren e, apesar de seu passado militar, não parece interessado. “P. C. Wren escreveu quarenta e seis livros. Quantos livros Shakespeare escreveu ao todo?”, ele o desafia e começa a recitar os títulos. O pai diz “Ah!” de modo irritado, mas não sabe a resposta.

Se o pai gosta de Shakespeare, então Shakespeare deve ser ruim, ele conclui. No entanto, começa a ler Shakespeare, na edição amarelada com bordas gastas que o pai herdou e que deve valer muito porque é antiga. Quer descobrir por que as pessoas dizem que Shakespeare é incrível. Lê *Titus Andronicus* por causa do nome romano, depois *Coriolanus*, pulando os longos discursos, assim como salta as descrições da natureza nos livros da biblioteca.

Além de Shakespeare, o pai tem os poemas de Wordsworth e Keats. A mãe tem os poemas de Rupert Brooke. Esses livros de poesia ocupam lugar de honra na prateleira da sala, ao lado de Shakespeare, *O livro de San Michele*, num estojo de couro, e um livro de A. J. Cronin sobre um médico. Por duas vezes ele tenta ler *O livro de San Michele*, mas fica entediado. Nunca consegue descobrir quem é Axel Munthe, se o livro é verdadeiro ou ficção, se trata de uma moça ou de um lugar.

Um dia o pai entra em seu quarto com o livro de Wordsworth.

“Você deveria ler estes”, diz, indicando os poemas que marcou a lápis.

Alguns dias depois volta, querendo discutir os poemas.

“A catarata trovejante me assombrou como uma paixão”, o pai cita. “É uma poesia maravilhosa, não é?”

Ele resmunga, evita olhar o pai nos olhos, recusa-se a entrar no jogo. Em pouco tempo, o pai desiste.

Ele não se arrepende da grosseria. Não entende como a poesia se encaixa na vida do pai; desconfia de que seja fingimento. Quando a mãe

diz que para escapar da zombaria de suas irmãs, ela pegava o livro e se esgueirava para longe, ele acredita. Mas não consegue imaginar o pai, lendo poesia quando menino, se hoje só lê jornais. Só consegue imaginar o pai naquela idade brincando, rindo e fumando atrás das moitas.

Ele observa o pai ler o jornal. Lê depressa, nervosamente, folheando as páginas como se procurasse alguma coisa que não está lá, estalando e agitando as folhas enquanto as vira. Quando termina, dobra o jornal numa tira estreita e faz as palavras cruzadas.

A mãe também venera Shakespeare. Acha que *Macbeth* é a melhor peça de Shakespeare. “*If but the something could trammel up the consequences then it were*”, ela recita, fazendo uma pausa; “*and bring with his surcease success*”, continua, balançando a cabeça para manter o ritmo. “*All the perfumes of Arabia could not wash this little hand*”, ela conclui. *Macbeth* foi a peça que a mãe estudou na escola; o professor ficava de pé atrás dela e beliscava seu braço até que recitasse a fala inteira “*Kom nou, Vera!*”, ele dizia. — “Vamos!” — beliscando-a, e ela recitava mais algumas palavras.

O que ele não consegue entender sobre a mãe é que, embora ela seja tão estúpida que não consegue ajudá-lo com as lições da quarta série, seu inglês é impecável, especialmente quando escreve. Ela usa as palavras no sentido correto, a gramática é perfeita. Sente-se à vontade com a língua, é algo que não se pode negar. Como conseguiu? O pai dela se chamava Piet Wehmeyer, um nome totalmente africânder. No álbum de fotografias, de camisa sem colarinho e chapéu de aba larga, ele parece um fazendeiro comum. No distrito de Uniondale, onde moravam, não havia ingleses; todos os vizinhos pareciam se chamar Zondag. A mãe dela nasceu Marie du Biel, de pais alemães, sem uma gota de sangue inglês nas veias. Mas quando ela teve filhos, lhes deu nomes ingleses — Roland, Winifred, Ellen, Vera, Norman, Lancelot — e falava inglês com eles em casa. Onde teriam aprendido a língua, ela e Piet?

O inglês do pai é quase tão bom, mas seu sotaque tem mais vestígios de africânder, e ele diz *thutty* em vez de *thirty*. O pai está sempre consultando as páginas do *Dicionário de Bolso Oxford* por causa das palavras cruzadas. Ele parece, pelo menos longinquamente, conhecer cada palavra do dicionário, e também cada expressão. Pronuncia

cuidadosamente as expressões menos claras, como se tentasse gravá-las na memória.

Ele mesmo não foi além de *Coriolanus* no livro de Shakespeare. Fora a página de esportes e os quadrinhos, o jornal o entedia. Quando não tem mais nada que ler, pega os livros verdes. “Traga um livro verde!”, grita para a mãe do seu leito de doente. Os livros verdes são a *Enciclopédia das Crianças*, de Arthur Mee, que o acompanha nas viagens desde que ele pode se lembrar. Já os folheou centenas de vezes. Quando ainda era bebê, rasgou algumas páginas deles, rabiscou-as com lápis de cera, estragou as lombadas, de modo que hoje têm de ser manuseados com delicadeza.

Ele não lê de verdade os livros verdes: a prosa o deixa impaciente, é demasiado infantil, com exceção da segunda metade do volume dez, o índice, que é cheio de informações factuais. Mas ele se debruça sobre as imagens, especialmente as fotos de esculturas de mármore, homens e mulheres nus com farrapos de tecido envoltos na cintura. Garotas de mármore macias e longilíneas povoam seus sonhos eróticos.

O mais surpreendente em seus resfriados é como eles saram rapidamente ou parecem sarar. Às onze da manhã os espirros cessam, o peso na cabeça se desfaz, ele se sente bem. Está cansado do pijama suado, fedido, dos cobertores acres e do colchão amarrotado, os lençóis de papel lambuzados por toda parte. Sai da cama, mas não se veste: isso seria abusar da sorte. Cauteloso para não ser visto fora de casa, pois um vizinho ou um passante poderia denunciá-lo, ele brinca com o jogo de Pequeno Mecânico, cola selos no álbum, enfia botões num fio ou trança cordões com restos de lã. Sua gaveta está cheia de cordões que ele trançou, sem utilidade alguma a não ser como cintos para o roupão que ele não possui. Quando a mãe entra no quarto, ele faz a cara mais desenxabida que consegue, precavendo-se dos comentários cáusticos dela.

Por todo lado suspeitam que ele seja uma fraude. Jamais consegue convencer a mãe de que está realmente doente; quando ela cede a suas súplicas, o faz a contragosto, e somente porque não sabe lhe negar nada. Para seus colegas de classe ele é um “neném” e um “queridinho da mamãe”.

Mas a verdade é que em muitas manhãs ele acorda lutando para respirar; acessos de espirros o convulsionam durante minutos intermináveis, até que fica arfando, choramingando e com vontade de morrer. Não há fingimento nesses seus resfriados.

A regra é que, quando alguém falta à aula, precisa levar uma justificativa. Ele conhece de cor o padrão da carta da mãe: “Por favor desculpe a ausência de John ontem. Ele teve um forte resfriado, e achei aconselhável mantê-lo na cama. Atenciosamente...”. Ele entrega essas cartas — que a mãe escreve como se fossem mentiras e são lidas como mentiras — com o coração apertado.

No fim do ano, quando conta os dias que faltou, somam quase um a cada três. No entanto, é o primeiro da classe. A conclusão que tira disso é: o que acontece nas aulas não tem importância. Ele sempre consegue recuperar em casa. Se pudesse escolher, não iria à escola o ano inteiro, aparecendo apenas para fazer as provas.

Tudo o que os professores dizem já está escrito nos livros. Ele não os menospreza por isso, nem aos outros meninos. Na verdade, não gosta quando, de vez em quando, a ignorância de um professor é exposta. Protegeria os professores se pudesse. Escuta atentamente cada palavra deles. Mas escuta menos para aprender do que para não ser apanhado divagando (“O que eu acabei de dizer? Repita o que acabei de dizer!”), para não ser chamado na frente da classe e passar humilhação.

Está convencido de que é diferente, especial. Mas ainda não sabe por que está neste mundo. Suspeita de que não será um Artur ou um Alexandre, reverenciados enquanto vivos. Ele só será estimado depois de morto.

Está esperando para ser chamado. Quando vier o chamado, estará pronto. Responderá sem titubear, mesmo que isso signifique sua morte, como os homens da Brigada Ligeira.

O padrão que ele segue é o da VC, a *Victoria Cross*. Só os ingleses têm a condecoração VC. Os americanos não a têm, nem os russos, para a decepção dele. Os sul-africanos com certeza não têm.

Não lhe passa despercebido que VC são as iniciais do nome da mãe.

A África do Sul é um país sem heróis. Wolraad Woltemade talvez contasse como herói se não tivesse um nome tão engraçado. Atirar-se ao

mar tempestuoso várias vezes para salvar marinheiros naufragados é com certeza um ato de coragem; mas a coragem era do homem ou do cavalo? A ideia do cavalo branco de Wolraad Woltemade, avançando sem hesitar contra as ondas, lhe provoca um nó na garganta.

Vic Toweel luta contra Manuel Ortiz pelo título de campeão mundial peso-galo. A luta ocorre num sábado à noite; ele fica acordado até tarde com o pai para escutar os comentários no rádio. No último *round*, Toweel, sangrando e exausto, se atira contra o adversário. Ortiz vacila; a multidão enlouquece, o locutor grita com a voz rouca. Os juízes anunciam a decisão: o sul-africano Viccie Toweel é o novo campeão do mundo, ele e o pai gritam de entusiasmo e se abraçam. Ele não sabe como expressar sua felicidade. Impulsivamente, agarra os cabelos do pai e os puxa com toda a força. Seu pai recua e o olha de um jeito estranho.

Durante dias, os jornais estão cheios de fotos da luta. Viccie Toweel é um herói nacional. Quanto a ele, o entusiasmo logo se apaga. Continua feliz por Toweel ter vencido Ortiz, mas começa a se perguntar por quê. O que Toweel significa para ele? Por que não deveria ser livre para escolher entre Toweel e Ortiz no boxe, como pode escolher entre Hamiltons e Villagers no rúgbi? Ele é compelido a apoiar Toweel, aquele homenzinho feio, de ombros caídos, nariz grande, olhos pequenos e pretos, porque Toweel (apesar do nome engraçado) é um sul-africano? Os sul-africanos precisam apoiar outros sul-africanos mesmo sem conhecê-los?

O pai não ajuda muito. Nunca diz nada surpreendente. Sempre acredita que a África do Sul vai ganhar ou que a Província Ocidental vai ganhar, seja no rúgbi, no críquete ou em qualquer outra coisa. “Quem você acha que vai ganhar?”, ele desafia o pai na véspera do jogo entre a Província Ocidental e o Transvaal. “Província Ocidental, de longe”, o pai responde com precisão. Eles escutam a partida pelo rádio, e Transvaal vence. O pai não se abala.

“No ano que vem a Província Ocidental ganhará”, diz. “Espere e verá.”

Ele acha estúpido acreditar que a Província Ocidental vai ganhar só porque a pessoa é da Cidade do Cabo. É melhor acreditar que Transvaal ganhará e ter uma surpresa boa se eles não ganharem.

Na mão, ele guardou a sensação dos cabelos do pai, ásperos, grossos. A violência de seu gesto ainda o intriga e perturba. Nunca teve essa liberdade com o corpo do pai. Prefere que aquilo não aconteça mais.

É TARDE DA NOITE. Todo mundo dorme. Ele está deitado na cama, lembrando. Sobre a cama cai uma faixa amarelada das luzes da rua que queimam a noite toda em Reunion Park.

Ele se lembra do que aconteceu naquela manhã na assembleia, enquanto os cristãos cantavam seus hinos e os judeus e católicos eram deixados à vontade. Dois garotos mais velhos, católicos, o haviam encurralado num canto.

“Quando você vai fazer o catecismo?”, indagaram.

“Não posso fazer catecismo, tenho de fazer uns serviços para minha mãe nas tardes de sexta”, ele mentiu.

“Se você não fizer catecismo, não pode ser católico”, disseram.

“Eu sou católico”, ele insistiu, mentindo mais uma vez.

Se tudo desse errado, ele pensou, prevendo o pior, se o padre católico visitasse a mãe dele e perguntasse por que ele nunca vai ao catecismo, ou — outro pesadelo — se o diretor da escola avisasse que todos os meninos com nomes africânderes seriam transferidos para turmas africânderes, — se o pesadelo se tornasse realidade, e ele não tivesse outro recurso além de começar a gritar com petulância, agitando-se e chorando, com o comportamento de um bebê, que ele sabe ainda ter em seu íntimo, enrolado como uma mola — se depois da tempestade ele tivesse que, num gesto final e desesperado, atirar-se sob a proteção da mãe, recusando-se a voltar à escola, suplicando-lhe que o salvasse — caso ele acabasse se desgraçando dessa forma, total e definitivamente, revelando o que só ele a seu modo e a mãe ao modo dela e talvez o pai a seu próprio modo irônico sabiam, ou seja, que ele ainda é um bebê e jamais crescerá — se todas as histórias que se construíram a seu redor, construídas por ele mesmo, durante anos de comportamento normal, pelo menos em público, desmoronassem, e seu íntimo feio e escuro, de

bebê chorão, aparecesse, permitindo que todos vissem e rissem dele, haveria alguma forma de continuar vivendo? Não se tornaria ele tão ruim quanto aquelas crianças deformadas, atarracadas, mongoloides, com voz áspera, e babando, a quem se poderia dar pílulas para dormir ou estrangular?

Todas as camas da casa são velhas e gastas, têm as molas frouxas e rangem ao menor movimento. Ele fica deitado o mais imóvel possível na nesga de luz que vem da janela, consciente do corpo encolhido de lado, os punhos fechados contra o peito. Nesse silêncio, tenta imaginar sua morte. Subtrai-se de tudo: da escola, da casa, da mãe; tenta imaginar os dias seguindo seu curso sem ele. Mas não consegue. Há sempre alguma coisa que ficou para trás, algo pequeno e escuro, como uma noz, como uma castanha que se deixou no fogo, seca, dura, incapaz de brotar, mas que continua *ali*. Consegue imaginar sua morte, mas não consegue se imaginar desaparecendo. Por mais que tente, não consegue aniquilar o último resíduo de si mesmo.

O que o mantém existindo? É o medo da tristeza de sua mãe, uma tristeza tão grande que ele não suporta pensar nisso por mais que um segundo? (Ele a vê num quarto vazio, parada em silêncio, as mãos cobrindo os olhos; então ele fecha a cortina sobre ela, sobre a imagem.) Ou há alguma outra coisa nele que se recusa a morrer?

Lembra-se da outra vez em que esteve encurralado, quando os dois meninos africânderes prenderam as mãos dele nas costas e o fizeram andar atrás do muro de terra até a extremidade do campo de rúgbi. Ele lembra especialmente do menino maior, tão gordo que a banha transbordava de suas roupas apertadas — um daqueles idiotas ou quase, que podem quebrar seus dedos ou esmagar sua traqueia com a mesma facilidade com que torcem o pescoço de um passarinho, e sorriem placidamente enquanto o fazem. Ele sentiu medo, não há dúvida, o coração martelava. Mas quão verdadeiro era aquele medo? Enquanto tropeçava pelo campo com seus capturadores, não havia algo lá no fundo, alguma coisa bem-humorada, que dizia: “Não ligue, nada poderá tocá-lo, é apenas mais uma aventura”?

Nada poderá tocá-lo, não há nada de que você não seja capaz. Essas são as duas coisas sobre ele, duas coisas que na verdade são uma só, a

coisa certa e ao mesmo tempo a coisa errada. Essa coisa que é duas coisas significa que ele não morrerá, haja o que houver; mas isso também não significa que ele não irá viver?

Ele é um bebê. A mãe o carrega com o rosto virado para a frente, segurando-o sob os braços. As pernas estão penduradas, a cabeça balança, ele está nu; mas a mãe o segura diante dela, avançando para o mundo. Ela não precisa ver aonde está indo, basta seguir. Enquanto ela caminha, diante dele tudo se transforma em pedra e se despedaça. Ele é apenas um bebê barrigudo e cabeçudo, mas tem esse poder.

Então ele dorme.

ALGUÉM TELEFONA da Cidade do Cabo. Tia Annie levou um tombo na escada de seu apartamento em Rosebank. Foi levada para o hospital com a bacia quebrada; alguém precisa ir ajudá-la.

É julho, pleno inverno. Sobre toda a região do Cabo Ocidental há uma manta de frio e chuva. Eles tomam o trem de manhã para a Cidade do Cabo, ele, a mãe e o irmão, depois um ônibus para a rua Kloof, até o Volkshospitaal. Tia Annie, pequena como um bebê, com sua camisola florida, está no pavilhão feminino. O pavilhão está cheio: velhas de rostos marcados e enrugados se agitam em suas camisolas, sussurrando umas para as outras; mulheres gordas e despenteadas, de rostos vagos, sentadas na beira das camas, os seios transbordando descuidadamente. Um alto-falante num canto toca a rádio Springbok. Três da tarde, o programa de pedidos dos ouvintes: “When Irish Eyes are Smiling”, com Nelson Riddle e orquestra. Tia Annie agarra o braço da mãe dele num aperto frenético.

“Quero sair daqui, Vera”, diz num murmúrio rouco. “Não gosto daqui.”

A mãe afaga a mão dela, tentando acalmá-la. Na mesa de cabeceira, um copo de água para a dentadura e uma Bíblia.

A irmã do pavilhão lhes diz que a bacia dela foi consertada. Tia Annie terá de ficar mais um mês de cama enquanto o osso cola. “Ela não é mais jovem, leva tempo.” Depois terá de usar muletas.

E a irmã acrescenta que, quando tia Annie chegou ali, estava com as unhas dos pés compridas e pretas, como garras de pássaro.

Seu irmão, entediado, começa a choramingar, dizendo que tem sede. A mãe para uma enfermeira e a convence a buscar um copo de água. Envergonhado, ele desvia o olhar.

São enviados para o escritório da assistente social, adiante no corredor.

“Vocês são parentes?”, ela pergunta. “Podem lhe dar moradia?”

A mãe franze os lábios. Balança a cabeça.

“Por que não pode voltar para o apartamento dela?”, ele pergunta à mãe, depois.

“Ela não pode subir escadas. Não pode fazer compras.”

“Não quero que ela more com a gente.”

“Ela não vai morar com a gente.”

O horário de visitas terminou, é hora da despedida. Os olhos de tia Annie se enchem de lágrimas. Ela agarra o braço da mãe dele com tanta força que seus dedos precisam ser abertos.

“*Ek wil huistoe gaan, Vera*”, ela sussurra. “Quero ir para casa.”

“Só mais alguns dias, tia Annie, até você conseguir andar”, diz a mãe com a voz mais doce.

Ele nunca havia visto aquele lado dela: um lado traiçoeiro.

Então é a vez dele. Tia Annie estende a mão. Tia Annie é sua tia-avó e madrinha. No álbum, há uma fotografia dela, segurando um bebê que dizem ser ele. Ela usa um vestido preto até os tornozelos e um chapéu preto antiquado; ao fundo, vê-se uma igreja. Como ela é sua madrinha, acha que tem uma relação especial com ele. Não parece perceber a repulsa que ele sente por ela, enrugada e feia no leito de hospital, a repulsa que sente por todo aquele pavilhão cheio de mulheres feias. Ele tenta não demonstrar a repulsa; seu coração queima de vergonha. Suporta a mão em seu braço, mas quer ir embora, sair daquele lugar e nunca voltar.

“Você é tão inteligente” diz tia Annie com a voz baixa e rouca que tem desde que ele se lembra dela. “Você já é um homem, e sua mãe conta com você. Você deve amá-la e dar apoio a ela e também a seu irmãozinho.”

Apoio para a mãe? Que absurdo. Sua mãe é como uma rocha, uma coluna de pedra. Não é ele quem deve lhe dar apoio, mas ela quem deve apoiá-lo! Por que tia Annie está dizendo essas coisas, afinal? Está fingindo que vai morrer, quando só tem um osso quebrado.

Ele assente, tenta parecer sério, atencioso e obediente, mas secretamente só espera que ela o solte. Ela dá o sorriso significativo que deve ser um sinal do vínculo especial entre ela e o primogênito de Vera, um vínculo que ele não sente, não reconhece absolutamente. Os olhos dela são vazios, azuis-claros, lavados. Ela tem oitenta anos e está quase cega. Nem de óculos consegue ler a Bíblia direito, somente a segura no colo e murmura as palavras.

Ela solta a mão; ele balbucia alguma coisa e recua.

É a vez do irmão. Ele se submete a um beijo.

“Até logo, Vera querida”, tia Annie resmunga. “*Mag die Here jou seën, jou en die kinders.*” “Que Deus a abençoe, você e as crianças.”

São cinco da tarde e começa a escurecer. Na agitação desconhecida da cidade, eles pegam um trem para Rosebank. Vão passar a noite no apartamento de tia Annie: a ideia o enche de tristeza.

Tia Annie não tem geladeira. Sua dispensa não tem nada além de algumas maçãs murchas, meio pão mofado, um pote de pasta de peixe em que a mãe dele não confia. Ela o manda à mercearia indiana; eles jantam pão com geleia e chá.

A privada está marrom de sujeira. Seu estômago embrulha quando ele pensa na velha com as unhas compridas e pretas sentada ali. Não quer usá-la.

“Por que temos de ficar aqui?”, pergunta.

“Por que temos de ficar aqui?”, seu irmão ecoa.

“Porque sim”, a mãe diz, mal-humorada.

Tia Annie usa lâmpadas de quarenta watts para poupar energia. À luz amarela e pálida do quarto, a mãe começa a empacotar as roupas de tia Annie em caixas de papelão. Ele nunca havia entrado no quarto de tia Annie. Há fotos emolduradas na parede, de homens e mulheres de aspecto rígido e assustador: os Brecher, os Du Biel, os ancestrais dele.

“Por que ela não pode ir morar com tio Albert?”

“Porque Kitty não pode cuidar de dois velhos doentes.”

“Não quero que ela more com a gente.”

“Ela não vai morar com a gente.”

“Então, onde ela vai morar?”

“Vamos achar um lar para ela.”

“Como assim, um lar?”

“Um lar, um lar para pessoas idosas.”

A única parte que ele gosta no apartamento de tia Annie é o depósito. Está atulhado até o teto de jornais velhos e caixas. Há prateleiras cheias de livros, todos iguais: um livro fino de capa vermelha, impresso em papel grosso usado para livros em africânder que parece mata-borrão com manchas de palha e cocô de mosca. O título na lombada é *Ewige Genesing*; na capa está o título completo: *Deur ‘n gevaarlike krankheid tot ewige genesing* [Depois de uma doença perigosa, a cura eterna]. Foi escrito pelo bisavô dele, pai de tia Annie; ela dedicou quase a vida toda ao livro — ele escutou a história várias vezes —, primeiro traduziu o manuscrito do alemão para o africânder, depois gastou sua poupança a fim de pagar uma gráfica em Stellenbosch para imprimir centenas de exemplares, e uma encadernadora para montar alguns, depois percorreu as livrarias da Cidade do Cabo. Quando estas não se convenceram a vender o livro, ela mesma o oferecia de porta em porta. As sobras estão nas prateleiras do depósito; as caixas contêm páginas não encadernadas.

Ele tentou ler *Ewige Genesing*, mas é aborrecido demais. Assim que Balthazar du Biel inicia a história de sua infância na Alemanha, ele a interrompe com longos relatos de luzes no céu e vozes que lhe falam do paraíso. Todo o livro parece tratar disso: trechos curtos sobre si mesmo, seguidos de longas repetições do que as vozes lhe disseram. Ele e o pai têm antigas piadas sobre tia Annie e o pai dela, Balthazar du Biel. Entoam o título do livro à maneira de um pregador, arrastando as vogais: “*Deur ‘n gevaaaaarlike krannnnkheid tot eeewige geneeeeesing*”.

“O pai de tia Annie era louco?”, ele pergunta à mãe.

“Sim, acho que era louco.”

“Então, por que ela gastou todo o dinheiro dela para imprimir o livro?”

“Ela devia ter medo dele. Era um velho alemão terrível, muito cruel e autoritário. Todos os filhos tinham medo dele.”

“Mas ele já não havia morrido?”

“Sim, mas ela, com certeza, tinha um senso de dever para com ele.”

Ela não quer criticar tia Annie e seu senso de dever em relação ao velho louco.

A melhor coisa no depósito é a prensa de livros. É feita de ferro, pesada e sólida como uma roda de locomotiva. Ele convence o irmão a colocar os braços na prensa; então gira o grande parafuso até que seus braços ficam presos, e ele não pode escapar. Depois trocam de lugar, e o irmão lhe faz o mesmo.

Mais uma ou duas voltas, ele pensa, e os ossos serão esmagados. O que faz com que eles parem?

Nos primeiros meses que passaram em Worcester, foram convidados a uma das fazendas que fornecem frutas para as Conservas Standard. Enquanto os adultos tomavam chá, ele e o irmão passearam pela fazenda. Encontraram uma máquina de moer milho. Ele convenceu o irmão a pôr as mãos no funil onde se jogam os grãos: depois girou o botão. Por um instante, antes de parar, ele pôde sentir os delicados ossos dos dedos sendo moídos. O irmão ficou com a mão presa na máquina, branco de dor, com um olhar atônito e indagador no rosto.

Os donos da casa os levaram depressa para o hospital, onde um médico amputou metade do dedo médio da mão esquerda de seu irmão. Durante algum tempo, ele ficou com a mão enfaixada numa tipoia; depois usou uma proteção de couro preto no toco de dedo. Tinha seis anos. Embora ninguém tenha fingido que o dedo cresceria novamente, ele não se queixava.

Ele nunca pediu desculpas ao irmão, tampouco o repreenderam pelo que fez. Mas a lembrança disso é um peso, a lembrança da suave resistência da carne e do osso, e então o esmagamento.

“Pelo menos você pode se orgulhar de ter alguém em sua família que fez alguma coisa na vida, que deixou alguma coisa”, diz a mãe.

“Você disse que ele era um velho terrível. Disse que ele era cruel.”

“Sim, mas fez alguma coisa na vida.”

Na fotografia no quarto de tia Annie, Balthazar du Biel tem olhos fixos e graves, a boca severa e contraída. Ao lado dele, a esposa parece cansada e sofredora. Balthazar du Biel a conheceu, a filha de outro missionário, quando veio para a África do Sul a fim de converter os pagãos. Depois, quando viajou aos Estados Unidos para pregar o Evangelho, levou a mulher e os três filhos. Numa barcaça no Mississipi, alguém deu a sua filha Annie uma maçã, que ela mostrou ao pai. Ele lhe deu uma surra por ter falado com um estranho. Esses são alguns fatos que ele sabe sobre

Balthazar, além do que está contido no livrinho vermelho do qual existem muito mais exemplares no mundo do que o mundo deseja.

Os três filhos de Balthazar são Annie, Louisa — a mãe de sua mãe — e Albert, que aparece nas fotografias no quarto de tia Annie como um menino de ar assustado com roupa de marinheiro. Hoje Albert é o tio Albert, um velho encurvado com a pele branca e mole como um cogumelo, que treme o tempo todo e precisa ser amparado quando caminha. Tio Albert jamais ganhou um salário decente na vida. Passou o tempo escrevendo livros e contos; era a mulher dele quem saía para trabalhar.

Ele pergunta à mãe sobre os livros do tio Albert. Ela diz que leu um, muito tempo atrás, mas não se lembra,

“São muito antiquados, as pessoas não leem mais livros desse tipo.”

Ele descobre na despensa dois livros de tio Albert, impressos no mesmo papel grosso que *Ewige Genesing*, mas encadernados em marrom, da mesma cor que os bancos das estações de trem. Um chama-se *Kain*, o outro, *Die Sondes van die vaders* [Os pecados dos pais].

“Posso levá-los?”, ele pergunta à mãe.

“Acho que sim. Ninguém vai sentir falta deles”, ela diz.

Ele tenta ler *Die Sondes van die vaders*, mas não passa da página dez, é chato demais.

“Você deve amar sua mãe e dar apoio a ela.” Ele medita sobre as instruções de tia Annie. *Amor*: uma palavra que ele pronuncia com aversão. Mesmo a mãe aprendeu a não dizer *eu te amo* a ele, embora de vez em quando escape um suave *meu amor* quando ela lhe dá boa-noite.

Ele não vê sentido no amor. Quando homens e mulheres se beijam nos filmes, e suaves violinos tocam languidamente ao fundo, ele se encolhe na cadeira. Jura que nunca será assim: mole, sentimental.

Não permite que ninguém o beije, a não ser as irmãs do pai, a quem abre exceção porque é o hábito delas, e não entendem de outra forma. Os beijos são parte do preço que ele paga para frequentar a fazenda: um rápido roçar dos lábios nos delas, que, felizmente, estão sempre secos. A família da mãe não dá beijos. Tampouco viu o pai e a mãe se beijarem de verdade. Às vezes, quando há outras pessoas presentes e por algum motivo eles precisam fingir, o pai a beija no rosto. Ela oferece a face com

relutância, nervosa, como se fosse uma obrigação; o beijo dele é leve, rápido, nervoso.

Ele viu o pênis do pai apenas uma vez. Foi em 1945, quando ele acabara de voltar da guerra, e toda a família se reuniu em Voëlfontein. O pai e dois dos irmãos foram caçar e o levaram junto. Era um dia quente; ao chegar à represa, resolveram nadar. Quando ele viu que iam nadar nus, tentou recuar, mas não o deixaram. Estavam alegres e cheios de piadas; queriam que ele também tirasse a roupa e nadasse, mas ele se recusou. Então, viu os três pênis, o do pai com maior nitidez, pálido. Ele se lembra claramente como se sentiu mal por ter sido obrigado a olhar.

Seus pais dormem em camas separadas. Nunca tiveram uma de casal. A única cama de casal que ele viu foi na fazenda, no quarto principal, onde dormiam o avô e a avó. Ele considera as camas de casal antiquadas, pertencentes à época em que as mulheres geravam um filho por ano, como ovelhas ou porcas. Alegra-se que seus pais tenham encerrado esse assunto antes que ele se inteirasse daquilo.

Está disposto a acreditar que há muito tempo, em Victoria West, antes de ele nascer, os pais se amavam, já que o amor parece ser um pré-requisito para o casamento. No álbum, há fotografias que parecem confirmar isso: os dois sentados juntos num piquenique, por exemplo. Mas tudo isso deve ter terminado há anos, e na opinião dele, eles estão melhor assim.

Quanto a ele, o que tem a ver a forte e exaltada emoção que sente pela mãe com os enlevos deliquescentes que ele vê na tela? A mãe o ama, ele admite; mas é esse o problema, é isso que está errado, e não certo, na atitude dela em relação a ele. Seu amor se manifesta sobretudo na vigilância, na prontidão para salvá-lo se estiver em perigo. Se ele pudesse escolher (mas jamais o faria), poderia se descontrair sob os cuidados dela e pelo resto da vida ser sustentado pela mãe. Justo por ter tanta certeza do carinho dela, é que ele está sempre alerta, nunca se descontraí, nunca lhe dá uma oportunidade.

Ele anseia por se livrar dessa atenção vigilante. Talvez chegue uma época em que ele, para conquistar isso, tenha de se impor, rejeitá-la tão brutalmente que, chocada, ela precise recuar e soltá-lo. Mas basta pensar nesse momento, imaginar seu olhar surpreso, sentir aquela mágoa, para

ele ser tomado pelo sentimento de culpa. Então fará qualquer coisa para atenuar o golpe: consolá-la, prometer-lhe que não irá embora.

Sentindo a mágoa da mãe, sentindo-a tão no íntimo como se ele fizesse parte dela, e ela parte dele, sabe que está numa armadilha e não pode escapar. De quem é a culpa? Ele a culpa, a acusa, mas se envergonha da própria ingratidão. *Amor*: isso é de fato o amor, essa jaula dentro da qual ele corre para todos os lados, como um pobre macaco desorientado. O que pode a inocente e ignorante tia Annie saber sobre o amor? Ele sabe mil vezes mais sobre o mundo do que ela, que escravizou a vida ao louco manuscrito do pai. O coração dele é velho, sombrio e duro, um coração de pedra. Esse é o seu segredo desprezível.

A MÃE FICOU UM ANO na universidade antes de precisar ceder o lugar para os irmãos mais moços. O pai é um advogado formado; trabalha para a Conservas Standard só porque abrir um escritório exige mais dinheiro do que eles têm (é o que lhe diz a mãe). Embora ele acuse os pais por não o terem criado como uma criança normal, orgulha-se da formação deles.

Por falarem inglês em casa e por sempre ser o primeiro da classe em inglês, ele se considera inglês. Embora seu sobrenome seja africânder, embora o pai seja mais africânder que inglês, embora ele mesmo fale africânder sem sotaque inglês, jamais poderia passar por um africânder. Seu vocabulário de africânder é escasso e frágil; existe um denso mundo de gírias e expressões dominadas pelos verdadeiros meninos africânderes — do qual as obscenidades são apenas uma parte — a que ele não tem acesso.

Há ainda um jeito típico dos africânderes — uma arrogância, uma intransigência e, não menos, uma ameaça de força física (ele os imagina como rinocerontes, enormes, poderosos, chocando-se uns com os outros quando se cruzam) — que ele não compartilha e que, na verdade, o intimida. Eles usam a língua como um porrete contra os inimigos. Na rua, é melhor evitar os grupos deles; mesmo sozinhos eles têm um ar truculento, ameaçador. Às vezes, quando sua classe faz fila no pátio de manhã, ele esquadrinha as fileiras de meninos africânderes, buscando algum que seja diferente, que tenha um toque de delicadeza; mas não encontra. É impensável que possa ser atirado entre eles: o esmagariam, matariam seu espírito.

No entanto, para sua surpresa, ele não se conforma em ceder a língua africânder a eles. Lembra a primeira visita a Voëlfontein, quando tinha quatro ou cinco anos e não sabia falar africânder. O irmão ainda era

bebê e ficava dentro de casa, protegido do sol; não tinha ninguém para brincar além das crianças de cor. Com elas fazia barcos de casca de vagens que punham a flutuar nos canais de irrigação. Mas ele parecia uma criatura muda: tudo era dito em mímica; às vezes achava que fosse explodir com as coisas que não podia dizer. Mas um dia, subitamente, abriu a boca e descobriu que podia falar com facilidade e fluência, sem parar para pensar. Ainda se lembra de como irrompeu sobre sua mãe, dizendo “Veja, eu sei falar africânder!”

Quando fala africânder, todas as complicações da vida parecem desaparecer rapidamente. O africânder é como um invólucro espiritual que o acompanha por toda parte, em que ele pode entrar e tornar-se imediatamente outra pessoa, mais simples, alegre e suave.

Uma coisa que o decepciona nos ingleses, e que não poderia imitar, é o desprezo pela língua africânder. Quando eles levantam a sobrancelha e pronunciam errado palavras em africânder, como se *veld* — savana — pronunciada com *v* indicasse a fala de um cavalheiro, ele recua: estão errados, e, pior ainda, são ridículos. Da parte dele, não faz concessões, mesmo entre os ingleses: pronuncia como se deve as palavras em africânder, com todas as consoantes duras e as vogais difíceis.

Além dele, há vários meninos na classe com sobrenomes africânderes. Por outro lado, nas turmas africânderes não há meninos com sobrenome inglês. No segundo grau, ele sabe de um Smith africânder que bem poderia ser Smit; e é só. Uma pena, mas é compreensível: qual inglês desejaria se casar com uma mulher africânder e ter uma família africânder, se elas são grandes e gordas, com seios volumosos e pescoços de sapo ou então ossudas e disformes?

Ele agradece a Deus por sua mãe falar inglês. Mas continua desconfiado do pai, apesar de Shakespeare, de Wordsworth e das palavras cruzadas do *Cape Times*. Não entende por que o pai continua se esforçando para ser inglês ali em Worcester, onde seria mais fácil deslizar de volta para a situação de africânder. A infância em Prince Albert, sobre a qual escuta o pai brincar com os irmãos, não lhe parece diferente da vida dos africânderes em Worcester. Concentra-se da mesma forma em levar surras ou ficar nu, em realizar as funções

corporais na frente de outros meninos, e na indiferença animal pela privacidade.

A ideia de ser transformado num menino africânder, de cabeça raspada e descalço, o faz tremer. É como ser mandado para a prisão, para uma vida sem privacidade. Ele não consegue viver sem privacidade. Se fosse africânder, teria de viver cada minuto de cada dia em companhia de outros. É uma perspectiva insuportável.

Ele se lembra dos três dias no acampamento dos escoteiros, lembra-se da sua tristeza, a vontade constantemente frustrada de se esgueirar de volta para a tenda e ler um livro sozinho.

Num sábado, o pai o manda comprar cigarros. Ele pode escolher entre pedalar até o centro da cidade, onde há lojas de verdade, com vitrines e caixas registradoras, ou ir até a lojinha africânder perto do cruzamento da ferrovia, que não passa de um quarto no fundo de uma casa, com um balcão pintado de marrom escuro e quase nada nas prateleiras. Ele prefere a mais próxima.

É uma tarde quente. A loja tem tiras de carne-seca penduradas no teto e moscas por toda parte. Ele está prestes a dizer ao menino atrás do balcão — um africânder mais velho que ele — que quer vinte Springbok simples, quando uma mosca entra em sua boca. Ele a cospe, enojado. A mosca fica no balcão a sua frente, debatendo-se numa poça de saliva.

“*Sies!*”, exclama um dos fregueses.

Ele quer protestar: “O que eu deveria fazer? Não posso cuspir? Preciso engolir a mosca? Sou apenas uma criança!”. Mas explicações de nada valem entre aquela gente impiedosa. Ele enxuga com a mão o cuspe e, num silêncio recriminador, paga os cigarros.

Lembrando-se dos velhos tempos na fazenda, o pai e os tios mais uma vez tocam no assunto do pai deles. “*n Ware ou jintlman!*”, dizem: “um verdadeiro cavalheiro”, repetindo a fórmula para ele, e riem: “*Dis wat by op sy grafsteen sou gewens het*”, um fazendeiro e cavalheiro — é o que ele gostaria que fosse gravado em sua lápide. Eles riem do fato de o pai ter continuado a usar botas de montaria quando todos os outros na fazenda usavam *velskoen*.

A mãe, escutando-os, funga com desdém.

“Não se esqueçam do medo que vocês tinham dele”, diz. “Tinham medo de acender um cigarro na frente dele, mesmo quando já eram adultos.”

Eles ficam intimidados, sem resposta: ela, claramente, tocou num nervo.

O avô, aquele com pretensões cavalheirescas, chegou a possuir não apenas a fazenda e a metade do hotel e da loja de ferragens em Fraserburg Road, como também uma casa em Merweville, com um mastro onde ele hasteava a *Union Jack* nos aniversários do rei.

“‘*n Ware ou jintlman en ‘n ware ou jingo!*’”, continuam os irmãos: “um verdadeiro jingo!”. E riem de novo.

A mãe tem razão. Eles parecem crianças dizendo besteiras pelas costas dos pais. De qualquer forma, com que direito caçoam do próprio pai? Se não fosse por ele, não falaria inglês: seriam como seus vizinhos, os Bote e os Nigrini, estúpidos e pesados, sem assunto a não ser os carneiros e o tempo. Pelo menos, quando a família se reúne, há tagarelice, piadas e risos, numa mistura de línguas; quando os Nigrini ou os Bote vêm visitá-los, o ar fica sombrio, carregado, aborrecido. “*Ja-nee*”, dizem os Bote, suspirando. “*Ja-nee*”, dizem os Coetzee, e rezam para as visitas irem embora depressa.

E quanto a ele? Se o avô que venera foi um jingo, será ele também um jingo? Uma criança pode ser um jingo? Ele faz posição de sentido quando tocam *God Save the King* no cinema e a *Union Jack* tremula na tela. O som da gaita de foles lhe causa calafrios na espinha, e também algumas palavras como *stalwart* e *valorous* — persistente, valoroso. Deveria manter em segredo esse apego dele à Inglaterra?

Não entende por que tanta gente a seu redor despreza a Inglaterra. A Inglaterra é Dunquerque e a Batalha da Inglaterra. É cumprir o dever e aceitar o destino de modo tranquilo e compenetrado. A Inglaterra é o menino da Batalha da Jutlândia, que ficou junto ao canhão enquanto o convés queimava. A Inglaterra é *sir* Lancelote do Lago, Ricardo Coração de Leão, e Robin Hood com o possante arco e a roupa verde. Em comparação, o que têm os africânderes? Dirkie Uys, que cavalgou até seu cavalo morrer. Piet Retiet, que foi enganado por Dingaan. E depois

os Voortrekkers, que se vingaram fuzilando milhares de zulus desarmados e se orgulham disso.

Existe um templo da Igreja Anglicana em Worcester, e um clérigo grisalho sempre com um cachimbo; ele também é o chefe dos escoteiros e alguns meninos ingleses da classe — os verdadeiros, com nomes ingleses e que moram na parte antiga e arborizada de Worcester — o chamam de padre. Quando os ingleses falam assim, ele se cala. E há a língua inglesa, que ele domina com facilidade. Há a Inglaterra e tudo o que ela representa, e ele dedica-lhe sua lealdade. Porém, é necessário mais do que isso, certamente, para que alguém seja aceito como um verdadeiro inglês: há provas a enfrentar, e ele sabe que não passará em algumas delas.

ALGUMA COISA foi combinada ao telefone, ele não sabe o que, mas o deixa inquieto. Não gosta do sorriso contente e dissimulado da mãe, o sorriso que significa que ela se intrometeu em seus negócios.

Faltam poucos dias para deixarem Worcester. São também os melhores dias do ano letivo, depois das provas e sem nada a fazer além de ajudar o professor a preencher o livro de notas.

O sr. Gouws lê a lista de notas; os meninos as somam, matéria por matéria, depois calculam as porcentagens depressa, cada um tentando ser o primeiro a levantar a mão. O jogo é descobrir a quem pertencem as notas. Geralmente, ele reconhece as próprias notas como uma sequência encabeçada por nove e dez em aritmética e encerrada por sete em história e geografia.

Ele não vai muito bem em história ou geografia porque detesta decorar. E tanto detesta que adia o estudo para as provas dessas matérias até o último minuto, até a noite da véspera ou mesmo a manhã da prova. Detesta a própria visão do livro de história, com a capa dura marrom chocolate e as longas e tediosas listas das causas das coisas (as causas das Guerras Napoleônicas, as causas da Grande Marcha). Os autores são Taljaard e Schoeman. Ele imagina Taljaard magro e seco, Schoeman gordo, careca e de óculos; Taljaard e Schoeman sentam-se um de frente para o outro numa sala em Paarl, escrevendo páginas mal-humoradas e trocando-as entre si. Ele não consegue imaginar por que decidiram escrever aquele livro em inglês, a não ser para dar uma lição às crianças *Engelse* [inglesas].

Geografia não é melhor — listas de cidades, listas de rios, listas de matérias-primas. Quando lhe mandam citar os produtos de um país, ele sempre termina a lista com peles e couros, e espera ter acertado. Não sabe a diferença entre uma pele e um couro; ninguém sabe.

Quanto ao resto das provas, não anseia por elas, mas quando chega a época, mergulha no assunto de bom grado. Ele é bom de provas; se não existissem provas para ir bem, ele não teria nada de muito especial. As provas lhe provocam uma excitação inebriada, trêmula, durante a qual escreve com rapidez e segurança. Não gosta desse estado em si, mas é reconfortante saber que existe e pode ser útil.

Às vezes, ao bater uma pedra na outra e inalar, ele consegue provocar aquele estado, aquele cheiro, aquele gosto: pólvora, ferro, calor, um latejar constante nas veias.

O segredo por trás do telefonema e do sorriso da mãe é revelado no recreio da manhã, quando o sr. Gouws lhe pede para esperar. Há uma certa falsidade no sr. Gouws, um jeito amistoso no qual ele não confia.

O sr. Gouws o convida para tomar chá em sua casa. Atônito, ele assente e decora o endereço.

Ele não quer ir. Não que desgoste do sr. Gouws. Se não confia nele tanto quanto na sra. Sanderson, da quarta série, é apenas porque o sr. Gouws é homem, o primeiro professor homem que teve, e ele desconfia de uma coisa que transpira de todo homem: uma inquietação, uma grosseria mal disfarçada, um toque de prazer na crueldade. Ele não sabe como se comportar com o sr. Gouws ou com os homens em geral: se não deve oferecer resistência e buscar a aprovação deles ou manter uma barreira de rigidez. Com as mulheres é mais fácil, pois são mais gentis. Mas o sr. Gouws — ele não pode negar — não poderia ser mais razoável. Tem um bom domínio do inglês e não parece ter ressalvas contra os ingleses ou contra meninos de famílias africânderes que preferem ser ingleses. Durante uma das várias vezes que faltou na escola, o sr. Gouws ensinou a análise dos complementos do predicado. Ele teve dificuldade para alcançar a classe nos complementos do predicado. Se eles não fazem sentido, assim como as expressões idiomáticas, os outros meninos também devem sentir dificuldade. Mas os outros, ou a maioria deles, parecem perfeitamente à vontade com os complementos do predicado. A conclusão é inevitável: o sr. Gouws sabe algo sobre a gramática inglesa que ele não sabe.

O sr. Gouws usa a vara tanto quanto qualquer outro professor. Mas seu castigo favorito, quando a classe faz barulho durante muito tempo, é

mandar que todos pousem as canetas, fechem os cadernos, cruzem as mãos atrás da cabeça, fechem os olhos e fiquem absolutamente imóveis.

Fora os passos do sr. Gouws enquanto patrulha as fileiras, há um silêncio absoluto na sala. Dos eucaliptos que cercam o recreio chega o arrulho tranquilo dos pombos. É um castigo que ele suportaria para sempre com serenidade: os pombos, a respiração suave dos meninos a sua volta.

Disa Road, onde o sr. Gouws mora, também fica em Reunion Park, na nova ampliação ao norte do bairro, lugar que ele nunca explorou. Não apenas o sr. Gouws vive em Reunion Park e vai para a escola de bicicleta com pneus balão, como tem uma esposa, uma mulher simples e morena, e, o mais surpreendente, dois filhos pequenos. Ele descobre isso na sala de estar da Disa Road número 11, onde o esperam bolinhos e um bule de chá sobre a mesa, e, como imaginava, ele fica a sós com o sr. Gouws, precisando inventar uma conversa desesperada e falsa.

A coisa piora. O sr. Gouws — que trocou a gravata e o paletó por short e meias cáqui — tenta fingir que, agora que o ano escolar terminou, agora que ele vai embora de Worcester, os dois podem ser amigos. Na verdade, ele tenta sugerir que os dois foram amigos durante o ano todo: o professor e o aluno mais inteligente, o líder da classe.

Ele fica desconcertado e se retrai. O sr. Gouws lhe oferece o segundo bolinho, que ele recusa.

“Ora, vamos lá!”, oferece o sr. Gouws, sorrindo, e põe o doce em seu prato. Ele só quer sair dali.

Queria deixar Worcester com tudo em ordem. Estava preparado para dar ao sr. Gouws um lugar na memória ao lado da sra. Sanderson: não junto com ela, mas próximo. Agora o sr. Gouws está estragando tudo. Ele gostaria que isso não acontecesse.

O segundo bolinho continua intocado no prato. Ele não quer mais fingir: fica mudo e emburrado. “Você precisa ir embora?”, o sr. Gouws pergunta. Ele assente. O sr. Gouws levanta-se e o acompanha até o portão, que é idêntico ao da avenida dos Choupos número 12; as dobradiças rangem exatamente com a mesma nota aguda.

Pelo menos o sr. Gouws tem o bom-senso de não obrigá-lo a dar um aperto de mão ou fazer alguma outra coisa idiota.

A decisão de deixar Worcester está ligada à Conservas Standard. O pai dele decidiu que não há mais futuro na Conservas Standard, que, segundo ele, se encontra em decadência. Vai retomar a advocacia.

Fazem uma festa de despedida no escritório, da qual o pai volta com um relógio novo. Pouco depois ele viaja sozinho para a Cidade do Cabo, deixando a mãe para organizar a mudança. Ela contrata um homem chamado Retief, e fecha negócio por quinze libras, para que leve não somente os móveis, mas também eles três em seu caminhão.

Os homens de Retief carregam o caminhão, e a mãe e o irmão sobem na cabina. Ele dá uma última corrida pela casa vazia, para se despedir. Atrás da porta da frente está o porta-guarda-chuva que normalmente contém dois tacos de golfe e uma bengala, vazio.

“Deixaram o porta-guarda-chuva!”, ele grita.

“Venha!”, grita a mãe. “Esqueça essa velharia.”

“Não!”, ele retruca, e não sai enquanto os homens não vêm buscar a peça.

“*Dis net ‘n ou stuk pyp*”, resmunga Retief. “É só um pedaço de cano velho.”

Então ele percebe que o que considerava um porta-guarda-chuva não passa de um pedaço de manilha de esgoto que a mãe tinha levado para casa e pintado de verde. É isso que eles estão levando para a Cidade do Cabo, junto com a almofada coberta de pelos onde Cossaco costumava dormir, a tela de arame do galinheiro, a máquina que lança bolas de críquete e a lasca de madeira com o código Morse. Esfalfando-se para subir o caminho do Bain’s Kloof, o caminhão de Retief parece a Arca de Noé, salvando os paus e as pedras da antiga vida deles.

Eles pagavam doze libras por mês pela casa em Reunion Park. A que seu pai alugou em Plumstead custa vinte e cinco libras. Fica bem nos limites de Plumstead, de frente para um areal com moitas de vime onde, apenas uma semana depois de eles chegarem, foi encontrado um bebê morto num saco de papel. A meia hora de caminhada na outra direção fica a estação ferroviária de Plumstead. A casa em si é nova, como todas

as de Evremonde Road, com janelas amplas e assoalho de parquet. As portas são empenadas, as fechaduras não trancam, há um monte de entulho no quintal dos fundos.

Ao lado mora um casal recém-chegado da Inglaterra. O homem está sempre lavando o carro; a mulher, de short vermelho e óculos escuros, passa o dia numa espreguiçadeira bronzeando as pernas brancas e compridas.

A primeira tarefa é encontrar escola para ele e o irmão. A Cidade do Cabo não é igual a Worcester, onde todos os meninos vão à escola masculina e todas as meninas, à feminina. Na Cidade do Cabo existem muitas escolas para escolher. Mas para entrar numa boa escola é preciso ter contatos, e eles têm poucos.

Mediante a influência de Lance, irmão da mãe, eles conseguem uma entrevista na Escola Secundária para Meninos Rondebosch. Vestido com esmero, de calça curta, gravata e o paletó azul-marinho com o emblema da Escola Primária de Worcester bordado no bolso, ele e a mãe sentam-se num banco perto da sala do diretor. Quando chega a vez deles, são encaminhados para o escritório forrado de lambris de madeira, cheio de fotografias de times de rúgbi e críquete. As perguntas do diretor são todas dirigidas à mãe: onde moram, o que faz o pai. Então chega o momento que ele esperava. Sua mãe tira da bolsa o boletim, comprovando que ele era o melhor da classe, o que deveria abrir-lhe todas as portas.

O diretor coloca os óculos de leitura.

“Então você era o primeiro da classe?”, diz. “Bom, bom! Mas aqui não será tão fácil.”

Ele esperava que lhe fizessem um teste: qual a data da batalha de Blood River, ou, melhor ainda, que o mandassem fazer cálculos aritméticos de cabeça. Mas foi só aquilo, a entrevista acabou.

“Não posso prometer nada”, diz o diretor. “O nome dele ficará na lista de espera, devemos torcer por uma desistência.”

Seu nome fica na lista de espera de três escolas, sem sucesso. Ser o primeiro em Worcester evidentemente não é o bastante para a Cidade do Cabo.

O último recurso é a escola católica, St Josephs's. A St Joseph's não tem lista de espera: aceita qualquer um disposto a pagar a mensalidade,

que para os não católicos é de doze libras por trimestre.

O que estão percebendo, ele e a mãe, é que na Cidade do Cabo pessoas de classes diferentes frequentam escolas diferentes. A St Joseph's atende a uma classe que, se não é a inferior, é a segunda de baixo para cima. Ele não tem certeza a que classe pertencem, onde se encaixam. Por enquanto se contenta apenas em ter passado. O medo de ir para uma escola africânder e ser condenado a uma vida africânder ficou para trás — isso é o que importa. Ele pode ficar tranquilo. Nem precisa continuar fingindo que é católico.

Os verdadeiros ingleses não vão a escolas como a St Joseph's. Mas ele os vê todos os dias pelas ruas de Rondebosch, indo e voltando de suas escolas; admira os cabelos louros e lisos e a pele dourada, as roupas que nunca são grandes ou pequenas demais, sua segurança tranquila. Eles se provocam (uma palavra que conhece das histórias sobre escolas públicas que já leu) de modo delicado, sem a aspereza e a falta de jeito a que está habituado. Não tem pretensões de se juntar a eles, mas os observa e tenta aprender.

Os meninos do Colégio Diocesano, que são os mais ingleses de todos e nem mesmo se dignam a jogar rúgbi ou críquete contra a St Joseph's, moram em áreas secretas, afastadas da linha férrea, das quais ele ouve falar mas nunca vê: Bishopscourt, Fernwood, Constantia. Eles têm irmãs que frequentam escolas como a Herschel e a St Cyprian's, que eles vigiam e protegem discretamente. Em Worcester, raras vezes ele observou uma garota: seus amigos pareciam só ter irmãos, nunca irmãs. Agora ele vislumbra pela primeira vez as irmãs dos ingleses, louras tão douradas, tão lindas que ele não acredita que sejam deste mundo.

Para chegar à escola a tempo, às oito e meia, precisa sair de casa às sete e meia: meia hora andando até a estação, quinze minutos de trajeto de trem, cinco minutos a pé da estação até a escola, e dez minutos de folga — no caso de acontecer algum atraso. Mas como ele tem medo de se atrasar, sai de casa às sete e chega à escola às oito. Lá, na classe que o zelador acabou de destrancar, senta-se na carteira com a cabeça pousada nos braços e espera.

Tem pesadelos de ler errado o mostrador do relógio, perder o trem, errar o caminho. Nos pesadelos ele chora totalmente desesperado.

Os únicos meninos que chegam à escola antes dele são os irmãos De Freitas, cujo pai, um verdureiro, os deixa de madrugada com seu velho caminhão azul, a caminho do mercado de Salt River.

Os professores de St Joseph's pertencem à ordem dos maristas. Para ele, esses frades de severos hábitos pretos e meias brancas são pessoas especiais. O ar misterioso deles o impressiona: o mistério de onde eles vêm, o mistério dos nomes que escolheram. Ele não gosta quando o irmão Agostinho, o treinador de críquete, vem para o treino de camisa branca, calça preta e botas de críquete como uma pessoa comum. Particularmente, não gosta quando irmão Agostinho, na sua vez de rebater, enfia um protetor embaixo da calça.

Ele não sabe o que fazem os irmãos quando não estão dando aulas. A ala do prédio onde eles dormem, comem e vivem sua vida privada é isolada; ele não tem vontade de entrar lá. Gosta de pensar que ali eles levam vidas austeras, levantam-se às quatro da manhã, passam horas rezando, comem frugalmente, alvejam as próprias meias. Quando se comportam mal, ele faz o possível para desculpá-los. Quando o irmão Alexis, por exemplo, que é gordo e com a barba por fazer, solta gases e dorme na aula de africânder, ele diz a si mesmo que o irmão Alexis é um homem inteligente que acha que ser professor não está à altura dele. Quando o irmão Jean-Pierre é transferido repentinamente de sua função no dormitório dos menores, e se ouve histórias de que fez certas coisas com os meninos pequenos, ele simplesmente apaga as histórias de sua cabeça. Acha inconcebível que os irmãos tenham desejos sexuais e não os reforcem.

Uma vez que poucos frades falam o inglês como língua materna, contrataram um leigo católico para as aulas de inglês. O sr. Whelan é irlandês: odeia os ingleses e mal esconde a aversão aos protestantes. Tampouco se esforça para pronunciar corretamente os nomes africânderes, dizendo-os com os lábios franzidos de nojo como se fossem palavras.

A maior parte das aulas de inglês é dedicada a Júlio César, de Shakespeare. O método do sr. Whelan é dividir os papéis entre os alunos e mandá-los ler os diálogos. Também fazem exercícios do livro de

gramática e, uma vez por semana, escrevem uma redação. Têm trinta minutos para redigir e entregar; nos dez minutos restantes o sr. Whelan lê e dá nota a todas as redações, pois não acredita em levar trabalho para casa. Suas sessões de notas de dez minutos tornaram-se uma de suas *pièces de résistance*, a que os meninos assistem com sorrisos de admiração. Com um lápis azul no ar, o sr. Whelan folheia a pilha de redações. Quando, no final da apresentação, ele arranja os cadernos e os passa ao monitor para distribuir, há uma leva de aplausos discretos e irônicos.

O primeiro nome do sr. Whelan é Terence. Ele usa uma jaqueta marrom de motociclista e chapéu. Quando faz frio, fica de chapéu dentro da sala. Esfrega as mãos pálidas para se aquecer; tem o rosto exangue de um cadáver. O que está fazendo na África do Sul, por que não está na Irlanda, ninguém sabe. Ele parece desaprovar o país e tudo o que acontece ali.

Ele compõe para o sr. Whelan redações sobre “O caráter de Marco Antônio” ou “O caráter de Brutus”, sobre segurança no trânsito, sobre esporte, a natureza. A maioria das redações é exercício insosso e mecânico; mas de vez em quando ele sente um ímpeto de excitação ao escrever, e a caneta começa a voar sobre a página. Numa de suas redações, um patrulheiro rodoviário aguarda escondido no acostamento. O cavalo resfolega baixo, sua respiração se transforma em vapor no ar frio da noite. Um raio de luar atravessa o rosto do patrulheiro, como um corte; ele segura o revólver sob a aba do casaco para não umedecer a pólvora.

O patrulheiro não impressiona o sr. Whelan. Os olhos pálidos do sr. Whelan tremulam através da página, e o lápis desce: seis e meio. Seis e meio é a nota que quase sempre recebe nas redações; nunca acima de sete. Os meninos com nomes ingleses tiram sete e meio ou oito. Apesar do sobrenome engraçado, um menino chamado Theo Stavropoulos tira oito, porque se veste bem e tem aulas de locução. Theo também ganha sempre o papel de Marco Antônio, o que significa que pode ler “Amigos, romanos, compatriotas, prestai-me atenção”, o discurso mais conhecido da peça.

Em Worcester, ele ia para a escola num estado de apreensão mas também de excitação. É claro, a qualquer momento poderia ser

desmascarado como mentiroso, com consequências terríveis. Mas a escola era fascinante: cada dia parecia trazer novas revelações sobre a crueldade, a dor e o ódio que jaziam sob a superfície das coisas. O que acontecia era errado, ele sabia, não deveriam permitir que acontecesse; e ele era muito jovem, muito bebê e vulnerável, para ser exposto àquilo. Mas a paixão e a fúria daqueles dias o dominavam; ele ficava chocado, porém ávido para ver mais, para ver tudo o que havia para ver.

Na Cidade do Cabo, ao contrário, logo sente que está desperdiçando tempo. A escola não é mais um lugar onde se ventilam as grandes paixões. É um pequeno mundo encolhido, uma prisão mais ou menos benigna em que ele tanto poderia tecer cestos como cumprir a rotina escolar. A Cidade do Cabo não o está deixando mais inteligente, e sim mais imbecil. Essa percepção lhe causa pânico. Quem quer que ele seja realmente, quem quer que seja o verdadeiro “eu” que deveria estar se erguendo das cinzas de sua infância, não está conseguindo nascer, está sendo mantido abafado e obtuso.

Ele tem essa sensação de quase desespero nas aulas do sr. Whelan. Existem muitos assuntos sobre os quais poderia escrever, mas o sr. Whelan jamais permitirá. Escrever para o sr. Whelan não é como abrir as asas; ao contrário, é como enrolar-se virando uma bola, tornando-se o mais reduzido e inofensivo possível.

Ele não tem vontade de escrever sobre esporte (*mens sana in corpore sano*) ou segurança de trânsito, coisas tão entediadas que ele precisa forçar as palavras a sair. Nem quer escrever sobre patrulheiros rodoviários: tem a sensação de que os raios de luar que cortam seus rostos e os nós dos dedos brancos apertando as pistolas, embora possam dar uma impressão momentânea, não lhe pertencem, vêm de outro lugar e já estão murchos. O que ele escreveria se pudesse, se o leitor não fosse o sr. Whelan, seria algo mais grave, algo que, uma vez que começasse a fluir de sua pena, se espalharia sem controle pela página, como tinta derramada. Como tinta derramada, como sombras correndo pela superfície da água imóvel, como o relâmpago estalando no céu.

Cabe também ao sr. Whelan a tarefa de manter ocupados os meninos não católicos da sexta série enquanto os católicos vão ao catecismo. Ele deveria ler o Evangelho de São Lucas. Mas o escutam falar diversas

vezes sobre Parnell e Roger Casement e a perfídia dos ingleses. Em certos dias, porém, o sr. Whelan chega à classe com o *Cape Times* na mão, fervendo de raiva com as novas afrontas dos russos nos países satélites.

“Eles criaram aulas de ateísmo nas escolas, nas quais as crianças são obrigadas a cuspir na cruz!”, ele troveja. “Os que continuam fiéis a seu credo são mandados para campos de prisioneiros medonhos. Essa é a realidade do comunismo, que tem o atrevimento de chamar a si mesmo de religião do homem.”

Pelo irmão Otto, ficam sabendo da perseguição aos cristãos na China. O irmão Otto não é como o sr. Whelan: é tranquilo, enrubesce com facilidade, precisa ser incentivado para contar histórias. Mas suas histórias têm mais autoridade, porque ele realmente esteve na China.

“Sim, eu vi com os meus próprios olhos”, diz num inglês titubeante. “As pessoas trancadas numa cela minúscula, tantas que não conseguiam mais respirar e morriam. Eu vi.”

“Ching-Chong-Chinês” é como os meninos chamam o irmão Otto pelas costas. Para eles, o que o irmão Otto conta sobre a China ou o sr. Whelan sobre a Rússia não é mais real que Jan van Riebeeck ou a Grande Marcha. Na verdade, já que Jan van Riebeeck e a Marcha estão no currículo da sexta série e o comunismo não, o que acontece na China e na Rússia pode ser ignorado. A China e a Rússia são apenas pretextos para fazer o irmão Otto ou o sr. Whelan falarem.

Mas ele fica indeciso. Sabe que as histórias de seus professores devem ser mentiras, mas não tem como provar. Desagrada-lhe ter de ficar sentado escutando passivamente, mas é precavido demais para protestar ou fazer objeções. Ele leu o *Cape Times* e sabe o que acontece com os simpatizantes. Não deseja ser denunciado e cair no ostracismo.

Embora o sr. Whelan não se entusiasme com o ensino das Escrituras aos não católicos, não pode negligenciar totalmente os Evangelhos. “Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra”, lê em Lucas. “O que Jesus quis dizer com isso? Que devemos nos recusar a nos defender? Que devemos ser maricas? É claro que não. Mas se um valentão se aproxima de você, louco para brigar, Jesus diz: ‘Não se deixe provocar. Há formas melhores de resolver as diferenças do que dando socos’.”

“Ao que tem, se lhe dará e terá em abundância, mas ao que não tem será tirado até mesmo o que não tem.’ O que Jesus quis dizer? Que a única forma de conquistar a salvação é dar tudo o que temos? Não. Se Jesus quisesse que andássemos vestidos de farrapos, teria dito isso. Jesus fala com parábolas. Ele nos diz que os que realmente creem serão recompensados com o paraíso, e os que não têm fé serão eternamente castigados no inferno.”

Ele se pergunta se o sr. Whelan consulta os irmãos — especialmente o irmão Odilo, que é o tesoureiro e recebe as mensalidades escolares — antes de pregar essas doutrinas aos não católicos. O sr. Whelan, o professor leigo, claramente acredita que os não católicos são pagãos, condenados. Os irmãos, por outro lado, são bem tolerantes.

A resistência dele às aulas de Escrituras do sr. Whelan é profunda. Ele tem certeza de que o sr. Whelan não entende realmente o que as parábolas de Jesus querem dizer. Embora ele mesmo sempre tenha sido um ateu, acha que compreende Jesus melhor que o sr. Whelan. Ele não gosta de Jesus — Jesus se enfurece com muita facilidade —, mas está disposto a enfrentá-lo. Pelo menos Jesus não fingia ser Deus, e morreu antes que pudesse ser pai. É essa a força de Jesus; é assim que ele mantém seu poder.

Mas há um trecho no Evangelho de Lucas que ele não gosta de escutar. Quando chegam a ele, fica tenso e tapa os ouvidos. As mulheres vão ao sepulcro para untar o corpo de Jesus. Jesus não está lá. No lugar dele, elas encontram dois anjos. “Por que buscais entre os mortos aquele que vive?”, dizem os anjos. “Ele não está aqui, pois ressurgiu.” Ele sabe que, se destapasse os ouvidos e deixasse as palavras penetrá-lo, precisaria ficar em pé no banco e gritar triunfante. Precisaria fazer um papel de bobo para sempre.

Ele não acha que o sr. Whelan lhe queira mal pessoalmente. No entanto, a nota mais alta que consegue nos exames de inglês é sete. Com sete não poderá ser o primeiro em inglês: meninos mais favorecidos o superam de longe. Tampouco vai bem em história ou geografia, que o entediam mais do que nunca. São apenas as boas notas que consegue em matemática e latim que o aproximam do topo da lista, à frente de Oliver Matter, o menino suíço que era o mais inteligente da classe antes que ele chegasse.

Agora que, com Oliver, ele tem um adversário digno, seu antigo juramento de sempre levar para casa um boletim de primeiro lugar torna-se uma pesada questão de honra. Embora nada diga a sua mãe, ele está se preparando para o dia em que não poderá suportar, o dia em que terá de lhe dizer que ficou em segundo.

Oliver Matter é um garoto simpático, sorridente, com cara de lua, que não parece se importar tanto quanto ele em ser o segundo. Todos os dias, ele e Oliver disputam o concurso de respostas rápidas feito pelo irmão Gabriel; os meninos são enfileirados, e o frade percorre as filas fazendo perguntas que precisam ser respondidas em cinco segundos, e quem errar é mandado para o fim da fila. No final da rodada, sempre ele ou Oliver estão na frente.

Certo dia Oliver para de vir à escola. Depois de um mês sem explicação, o irmão Gabriel dá um aviso. Oliver está no hospital com leucemia, e todos devem orar por ele. Os meninos rezam de cabeça baixa. Como ele não acredita em Deus, não reza, apenas move os lábios. Pensa: todos devem estar achando que quero que Oliver morra, para ser o primeiro da classe.

Oliver nunca volta. Morre no hospital. Os meninos católicos participam de uma missa especial pelo descanso de sua alma.

A ameaça recuou. Ele respira com mais facilidade; mas o antigo prazer de ser primeiro perde a graça.

A VIDA NA CIDADE DO CABO é mais monótona que em Worcester. Nos fins de semana, principalmente, não há o que fazer além de ler o *Reader's Digest*, escutar o rádio ou ficar batendo uma bola de críquete. Ele não sai mais de bicicleta: não há para onde ir em Plumstead, que não passa de quilômetros de casas em todas as direções, e de qualquer modo está grande demais para a Smiths, que começa a parecer uma bicicleta de criança.

Pedalar pelas ruas, na verdade, começa a parecer uma idiotice. Outras coisas que antes o absorviam também perderam o encanto: construir maquetes com o Pequeno Mecânico, colecionar selos. Ele não compreende mais por que perdia tempo com isso. Passa horas no banheiro, examinando-se ao espelho, e não gosta do que vê. Para de sorrir e pratica uma careta.

A única paixão que não diminuiu é a que nutre pelo críquete. Não conhece ninguém tão apaixonado por críquete quanto ele mesmo. Joga críquete na escola, mas nunca é o bastante. A casa em Plumstead tem na frente uma varanda com piso de ardósia. Ali, ele joga sozinho: segura o taco com a mão esquerda, atira a bola contra a parede com a direita e a rebate, imaginando que está num campo. Horas a fio ele atira a bola na parede. Os vizinhos reclamam para sua mãe do ruído, mas ele não se incomoda.

Já devorou livros sobre o esporte, conhece de cor os diversos lances, sabe executá-los com os pés na posição correta. Porém, na verdade, ele prefere o jogo solitário na varanda ao verdadeiro críquete. A perspectiva de dar tacadas num campo de verdade o excita, mas também o enche de medo. Teme especialmente os arremessadores velozes: teme ser atingido, teme a dor. Quando joga críquete de verdade, precisa concentrar toda sua energia para não vacilar, não se entregar.

Quase nunca faz uma volta completa. Quando não é eliminado na primeira bola, às vezes fica rebatendo por meia hora sem marcar, o que irrita todo mundo, incluindo seus companheiros de time. Parece entrar num transe de passividade em que bastaria, quase bastaria, simplesmente devolver a bola. Revendo esses erros ele se consola com histórias sobre os jogos de teste nos quais uma figura solitária, geralmente um homem de Yorkshire, obstinado, estoico, de lábios cerrados, bate durante toda a volta, mantendo seu gol de pé enquanto todos os outros ao redor caem.

Iniciando as tacadas contra o juvenil de Pinelands, numa tarde de sexta-feira, ele se vê diante de um garoto alto e forte que, incentivado pelo time, lança a bola o mais rápida e furiosamente possível. A bola voa por toda parte, escapando-lhe, às vezes escapando até o goleiro: ele mal consegue usar o taco.

No terceiro arremesso a bola quica na terra ao lado da base, ricocheteia e o atinge na têmpora. “Isto já é demais!”, ele pensa. “Ele foi longe demais!” Está consciente dos jogadores externos que o olham com curiosidade. Ainda escuta o impacto da bola em seu osso: um estalido abafado, sem eco. Então a mente fica escura e ele cai.

Está deitado ao lado do campo. O rosto e os cabelos estão molhados. Ele procura o taco ao redor, mas não encontra.

“Fique deitado e descanse um pouco”, diz irmão Agostinho. A voz dele é alegre. “Você levou uma pancada.”

“Quero rebater”, ele murmura, sentando-se. É a coisa certa a dizer, ele sabe: prova que não é covarde. Mas não pode rebater; perdeu a vez, outro já está rebatendo em seu lugar.

Esperava que dessem mais importância ao caso. Esperava uma revolta contra o arremessador perigoso. Mas o jogo continua, e seu time está se saindo bem.

“Você está bem? Dói?”, pergunta um companheiro de equipe, que mal escuta a resposta. Ele se senta fora do campo e assiste ao resto da partida. Mais tarde, joga no campo externo. Gostaria de sentir dor de cabeça; gostaria de perder a visão, desmaiar ou alguma coisa dramática. Mas se sente bem. Toca a têmpora. Há um ponto dolorido. Ele espera que inche e fique azulado até amanhã, para provar que realmente foi atingido.

Como todos na escola, ele também precisa jogar rúgbi. Até um menino chamado Shepherd, que tem o braço esquerdo prejudicado pela pólio, precisa jogar. As posições em campo são distribuídas arbitrariamente. Jogam nas manhãs de sábado, e sempre chove nas manhãs de sábado. Sentindo-se frio, úmido e humilhado, ele se arrasta pelo campo, encharcado, sendo empurrado pelos maiores. Como joga na defesa, ninguém lhe passa a bola, o que ele agradece, pois tem medo de ser derrubado. E a bola, encerada com sebo para proteger o couro, é escorregadia demais para segurar.

Poderia fingir que está doente aos sábados, não fosse pelo fato de que aí o time ficaria só com catorze jogadores. Não aparecer para o jogo de rúgbi é muito pior do que faltar às aulas.

O time Juvenil B perde todas as partidas. O Juvenil A também perde a maioria. Na verdade, quase todos os times da St Joseph's perdem a maioria das vezes. Ele não entende por que a escola ainda joga rúgbi. Os irmãos, que são austríacos ou irlandeses, certamente não apoiam isso. Nas poucas vezes em que vêm assistir, parecem distantes, sem entender o que está acontecendo.

A mãe guarda um livro de capa preta chamado *O casamento ideal* na última gaveta. É sobre sexo; ele já o conhece há quatro anos. Um dia ele o subtrai da gaveta e leva para a escola. Provoca um frenesi entre os amigos; ele parece ser o único cujos pais têm um livro desses.

Embora seja decepcionante ler o livro — as ilustrações dos órgãos parecem diagramas de livros de ciência, e nem no capítulo sobre posições há algo excitante (inserir o órgão masculino na vagina soa como um enema) —, os outros meninos se debruçam sobre ele com avidez, suplicam para que o empreste.

Durante a aula de química, ele deixa o livro na carteira. Quando volta, o irmão Gabriel, que geralmente é muito alegre, tem uma expressão gélida e reprovadora. Tem certeza de que o irmão Gabriel abriu a escrivaninha dele e viu o livro; seu coração dispara enquanto ele espera o aviso e a vergonha que se seguirá. O aviso não vem; mas em cada comentário casual do irmão Gabriel, vê uma referência velada ao mal

que ele, um não católico, trouxe para a escola. Tudo foi estragado entre o irmão Gabriel e ele. Arrepende-se amargamente de ter trazido o livro; leva-o de volta para casa, devolve-o à gaveta e nunca mais o abre.

Durante algum tempo, ele e os colegas continuam a se reunir num canto do campo de esportes, no recreio, para conversar sobre sexo. Ele contribui para essas discussões com elementos esparsos que aprendeu no livro. Mas, evidentemente, essas coisas não são suficientemente interessantes: os meninos mais velhos começam a se isolar para ter conversas próprias, em que há repentinas diminuições de tom, cochichos, explosões de riso. No centro dessas conversas está Billy Owens, que tem catorze anos e uma irmã de dezesseis, conhece garotas, tem uma jaqueta de couro que usa nos bailes e, possivelmente, já teve relação sexual.

Ele faz amizade com Theo Stavropoulos. Correm boatos de que Theo é um *moffie*, uma bicha, mas ele não está pronto para acreditar nisso. Aprecia a aparência de Theo, a pele clara e corada, o corte de cabelo impecável e seu modo discreto de se vestir. Até o paletó do uniforme, com suas ridículas listras verticais, cai bem nele.

O pai de Theo tem uma fábrica. O que exatamente ela fabrica ninguém sabe, mas tem algo a ver com peixe. A família mora numa casa grande na parte mais rica de Rondebosch. Eles têm tanto dinheiro que os meninos poderiam frequentar o Colégio Diocesano, não fosse pelo fato de serem gregos. Porque são gregos e têm um nome estrangeiro, precisam ir à St Joseph's, que, agora ele percebe, é uma espécie de cesto que recebe meninos que não se encaixam em nenhum outro lugar.

Ele vê apenas uma vez o pai de Theo: um homem alto, vestido com elegância, de óculos escuros. Vê a mãe do amigo com mais frequência. Ela é baixa, magra e morena; fuma e dirige um Buick azul, que tem fama de ser o único carro na Cidade do Cabo — e talvez na África do Sul — com câmbio automático. Também há uma irmã mais velha, tão linda, educada com tanto requinte, tão casadoura, que não lhe permitem se expor aos olhares dos amigos de Theo.

Os meninos Stavropoulos são trazidos à escola de manhã no Buick azul, às vezes dirigido pela mãe, mas geralmente por um chofer de uniforme preto e quepe. O Buick desliza majestosamente no pátio da

escola, Theo e o irmão descem, o Buick sai deslizando. Ele não entende por que Theo aceita isso. Se estivesse em seu lugar, pediria para ser deixado a uma quadra da escola. Mas Theo aceita as piadas e ri sem se intimidar.

Um dia Theo o convida para ir a sua casa depois das aulas. Quando chegam lá, ele vê que os esperam para almoçar. Então sentam-se às três da tarde à mesa de jantar, com talheres de prata e guardanapos limpos e lhes servem filé com fritas; uma empregada de uniforme branco fica atrás da cadeira de Theo enquanto comem, aguardando ordens.

Ele faz o possível para esconder seu espanto. Sabe que algumas pessoas são servidas por empregados; mas não sabia que crianças também podiam ter empregados.

E um dia os pais e a irmã de Theo viajam para o exterior — há rumores de que a irmã vai se casar com um baronete inglês — e Theo e o irmão passam a ser internos. Ele imagina que Theo será esmagado pela experiência: pela inveja e a malícia dos outros internos, pela comida ruim, pelas afrontas de uma vida sem privacidade. Ele também imagina que Theo será submetido ao mesmo tipo de corte de cabelo dos outros. Mas, de alguma forma, Theo consegue manter o corte elegante; de alguma forma, apesar de seu nome, apesar da inaptidão para esportes, apesar de ser considerado um *moffie*, ele mantém o sorriso suave, nunca se queixa, nunca permite que o humilhem.

Theo senta-se debruçado sobre a carteira na frente dele, embaixo da imagem de Jesus abrindo o peito e mostrando um reluzente coração vermelho. Eles deveriam estar repassando a aula de história; na verdade, eles têm a sua frente um livrinho de gramática, com o qual Theo lhe ensina grego antigo. Grego antigo com pronúncia de grego moderno: ele adora essa excentricidade. *Aftós*, Theo sussurra; *evdhemonía*. *Evdhemonía*, ele repete sussurrando.

O irmão Gabriel aguça os ouvidos.

“O que está fazendo, Stavropoulos?”, indaga.

“Estou ensinando grego a ele, irmão”, Theo diz com sua maneira dócil e confiante.

“Vá se sentar em sua carteira.”

Theo sorri e volta a seu lugar.

Os irmãos não gostam de Theo. A arrogância dele os incomoda; eles compartilham o preconceito dos meninos contra seu dinheiro. A injustiça disso o enraivece; ele gostaria de lutar por Theo.

PARA MANTÊ-LOS ATÉ que o novo escritório de advocacia do pai comece a dar dinheiro, a mãe volta a dar aulas. Contrata uma empregada para o serviço doméstico, uma mulher magra quase sem dentes chamada Celia. Às vezes Celia traz a irmã para lhe fazer companhia. Ao chegar em casa certa tarde, ele encontra as duas sentadas na cozinha, tomando chá. A irmã mais moça, mais bonita que Celia, sorri para ele. Há algo em seu sorriso que o perturba; não sabe para onde olhar e se retira para o quarto. Escuta-as rir e sabe que estão rindo dele.

Alguma coisa está mudando. Ele parece estar o tempo todo envergonhado. Não sabe para onde dirigir os olhos, o que fazer com as mãos, como posicionar o corpo, que expressão assumir no rosto. Todo mundo o observa, o avalia, acha-o imperfeito. Ele se sente como um caranguejo retirado da casca, rosado, ferido e obscuro.

Antigamente, ele era cheio de ideias, ideias de lugares para ir, coisas para conversar, coisas para fazer. Estava sempre um passo à frente de todos: era o líder, os outros o seguiam. Agora a energia que sentia fluir de si desaparecera. Aos treze anos está se tornando ensimesmado, mordaz, sombrio. Não gosta dessa nova e feia personalidade, quer ser arrancado dela, porém não pode fazer isso sozinho. Quem o faria por ele, então?

Vão conhecer o novo escritório do pai. Fica em Goodwood, que pertence à série de subúrbios africânderes Goodwood-Parow-Bellville. As janelas são pintadas de verde-escuro; sobre o verde, em letras douradas, estão as palavras PROCURADOR — Z. COETZEE — ADVOGADO, em africânder e inglês. O interior é obscuro, com móveis pesados de estofado de crina de cavalo e forro de couro vermelho. Os livros de direito que viajaram com eles por toda a África do Sul desde a última vez que o pai advogou, em 1937, saíram das caixas e estão na

estante. Aleatoriamente ele procura “Estupro”. Os nativos às vezes inserem o órgão masculino entre as coxas da mulher sem penetração, diz uma nota de rodapé. A prática recai no direito consuetudinário, a lei costumeira. Não constitui estupro.

É esse tipo de coisa que fazem nos tribunais?, ele se pergunta. Discutir sobre onde estava o pênis?

O escritório do pai parece estar prosperando. Ele contrata não apenas uma datilógrafa, mas um estagiário chamado Eksteen. Delega a Eksteen os casos rotineiros de heranças e testamentos; dedica os próprios esforços ao excitante trabalho de *inocentar as pessoas* nos tribunais. Todo dia chega em casa com novas histórias de pessoas que livrou, e como elas lhe são gratas.

A mãe está menos interessada nas pessoas que ele libertou do que na crescente lista de devedores. Um nome em especial aparece várias vezes: Le Roux, o vendedor de carros. Ela o pressiona: ele é advogado, com certeza pode fazer Le Roux pagar. Le Roux acertará sua dívida sem falta, até o fim do mês, o pai retruca; ele prometeu. Mas no fim do mês, mais uma vez, Le Roux não paga.

Le Roux não paga, mas tampouco desaparece. Ao contrário, convida seu pai para beber, promete-lhe mais trabalho, pinta imagens cor-de-rosa do dinheiro que se pode ganhar retomando a posse de carros.

As discussões em casa tornam-se mais iradas, mas ao mesmo tempo mais disfarçadas. Ele pergunta à mãe o que está acontecendo. Ela diz com mágoa:

“Jack está emprestando dinheiro a Le Roux.”

Ele não precisa escutar mais. Conhece o pai, sabe o que está acontecendo. O pai precisa de aprovação, fará qualquer coisa para que gostem dele. Nos círculos em que se move, há apenas duas maneiras de se ser apreciado: pagando bebida para as pessoas ou lhes emprestando dinheiro.

As crianças não devem entrar nos bares. Mas no bar do hotel de Fraserburg Road, ele e o irmão se sentaram a uma mesa de canto e beberam suco de laranja, vendo o pai pagar rodadas de conhaque com água para desconhecidos, tomando consciência desse outro lado dele.

Por isso, conhece o humor cordial expansivo que o conhaque cria nele, o desprendimento, os grandes gestos extravagantes.

Avidamente, tristemente, ele escuta os monólogos de reclamação da mãe. Embora os artifícios do pai não o enganem mais, não confia que ela consiga resistir: já viu o pai a enrolar muitas vezes.

“Não lhe dê ouvidos”, ele a adverte. “Ele mente para você o tempo todo.”

O problema com Le Roux se agrava. Há longos telefonemas. Um novo nome começa a surgir: Bensusan. Bensusan é confiável, diz a mãe. Bensusan é judeu e não bebe. Bensusan vai salvar Jack, colocá-lo de volta nos trilhos.

Mas acontece que não há somente Le Roux. Há outros companheiros de bebida a quem o pai vem emprestando dinheiro. Ele não consegue acreditar, não compreende. De onde vem todo esse dinheiro, se o pai só possui um terno e um par de sapatos e precisa ir para o trabalho de trem? É possível ganhar tanto dinheiro tão depressa, libertando as pessoas?

Ele nunca viu Le Roux, mas pode imaginá-lo com facilidade. Le Roux deve ser um africânder rude de bigode louro; usa um terno azul e gravata preta; é ligeiramente gordo, sua muito e conta piadas sujas em voz alta.

Le Roux bebe com seu pai no bar em Goodwood. Quando o pai não está olhando, Le Roux pisca para os outros fregueses do bar. Le Roux escolheu seu pai como um imbecil. Ele arde de vergonha por o pai ser tão estúpido.

O dinheiro, afinal, não é realmente do pai. Por isso Bensusan se envolveu pessoalmente. Bensusan está atuando em nome da Ordem dos Advogados. A questão é séria: o dinheiro é do fundo de investimentos administrado pelo pai. “O que é fundo de investimentos?”, ele pergunta à mãe. “É dinheiro de outras pessoas que ele investe num fundo.”

“Por que as pessoas lhe dão dinheiro para investir?”, ele diz. “Elas devem ser loucas.”

A mãe balança a cabeça. Os advogados têm fundos de investimento, ela explica, só Deus sabe por quê.

“Jack parece uma criança quando se trata de dinheiro.”

Bensusan e a Ordem dos Advogados entraram em cena porque algumas pessoas querem salvar seu pai, pessoas dos velhos tempos, quando ele era fiscal de aluguéis, antes de os nacionalistas tomarem o poder. Eles querem bem a seu pai, não querem que seja preso. Em nome dos velhos tempos, e porque ele tem mulher e filhos, fecham os olhos para certas coisas, fazem alguns acordos. Ele poderá reembolsá-las em cinco anos; então o livro será fechado, o assunto esquecido.

A mãe procura aconselhamento jurídico. Gostaria que os próprios bens fossem separados dos do marido, antes que um novo desastre aconteça: a mesa de jantar, por exemplo; a cômoda com espelho; a mesinha de madeira de lei que tia Annie lhe deu. Gostaria de retificar o contrato de casamento deles, que torna cada um responsável pelas dívidas do outro. Mas descobre que os contratos de casamento são imutáveis. Se o pai falir, a mãe também falirá, ela e seus filhos.

Eksteen e a datilógrafa se demitem, e o escritório em Goodwood é fechado. Ele não sabe o que aconteceu com a janela verde com letras douradas. A mãe continua dando aulas. O pai começa a procurar emprego. Toda manhã, pontualmente às sete, ele parte para a cidade. Mas uma ou duas horas depois — é esse seu segredo —, quando todos saíram de casa, ele volta. Veste o pijama e deita na cama com as palavras cruzadas do *Cape Times*, uma garrafinha de conhaque e uma jarra de água. Às duas da tarde, antes que os demais voltem, ele se veste e vai para o clube.

O clube se chama Wynberg Club, mas na verdade é apenas uma parte do Wynberg Hotel. Ali, o pai passa a tarde bebendo e janta. Às vezes passa de meia-noite — o barulho o acorda, tem sono leve — quando um carro para diante da casa, a porta se abre, o pai entra e vai até o banheiro. Então sai do quarto de seus pais um rumor de sussurros esquentados. De manhã, ele vê manchas amarelas no chão do banheiro e no assento da privada, e um odor doce e enjoativo.

Ele escreve um aviso e coloca no banheiro: POR FAVOR, LEVANTE O ASSENTO. O aviso é ignorado. Urinar no assento da privada torna-se o último ato de rebeldia do pai contra a mulher e os filhos, que pararam de falar com ele.

Ele descobre o segredo do pai num dia em que falta à escola, por estar doente ou fingindo. Da cama escuta o ruído da chave na porta da frente, escuta o pai se ajeitando no quarto ao lado. Depois, culpados e nervosos, eles se cruzam no corredor.

Antes de sair à tarde, o pai esvazia a caixa de correio e tira certas cartas, que esconde no fundo do guarda-roupa, embaixo do forro de papel. Quando, finalmente, a barragem arrebenta, são essas cartas escondidas — do tempo de Goodwood, cartas de cobrança, de advogados — o que mais irrita sua mãe.

“Se eu soubesse, poderia ter feito um plano”, ela diz. “Agora está tudo arruinado.”

As dívidas se estendem por toda parte. Cobradores chegam a qualquer hora do dia e da noite, gente que ele não vê. Toda vez que alguém bate à porta da frente, o pai se tranca no quarto. A mãe cumprimenta os visitantes em voz baixa, os faz entrar na sala, fecha a porta. Depois ele a escuta murmurar com raiva para si mesma na cozinha.

Há uma conversa sobre os Alcoólicos Anônimos, de que o pai deveria ir lá para provar sua sinceridade. O pai promete mas não vai.

Dois oficiais de justiça vêm para fazer um inventário do conteúdo da casa. É uma manhã ensolarada de sábado. Ele se refugia no quarto e tenta ler, mas não adianta: os homens pedem para entrar no quarto, em todos os quartos. Ele vai para o quintal. Até lá eles o seguem, olhando ao redor e tomando notas num bloco.

Ele sente raiva o tempo todo. *Aquele homem*, é como se refere ao pai quando fala com a mãe, com ódio demais para lhe chamar por um nome: por que temos alguma coisa a ver com *aquele homem*? Por que você não deixa *aquele homem* ir para a prisão?

Ele tem vinte e cinco libras na caderneta de poupança dos Correios. A mãe lhe jura que ninguém tirará suas vinte e cinco libras.

Então, há uma visita do sr. Golding. Embora o sr. Golding seja negro, de certa forma ocupa uma posição de poder sobre o pai. Fazem-se cuidadosos preparativos para a visita. O sr. Golding será recebido na sala de estar, como os outros cobradores, e lhe oferecerão chá na mesma louça. Por tratar o sr. Golding tão bem, se espera que ele não entre com um processo.

O sr. Golding chega. Usa terno jaquetão, não sorri. Toma o chá que sua mãe serve, mas não promete nada. Quer o dinheiro dele.

Depois que ele sai, há uma discussão sobre o que fazer com a xícara de chá. O costume, ao que parece, é que quando uma pessoa de cor bebe numa xícara, ela tem de ser quebrada. Ele fica surpreso que a família da mãe, que não acredita em nada, acredite nisso. No entanto, afinal, a mãe apenas lava a xícara com alvejante.

No último minuto, tia Girlie chega de Williston para socorrê-los, pela honra da família. Ela impõe certas condições, sendo uma delas que Jack nunca mais exerça a advocacia.

O pai concorda com as condições, concorda em assinar um documento. Mas quando chega a hora, é preciso insistir muito para que saia da cama. Afinal, ele aparece de calça cinza, com a blusa do pijama e descalço. Assina sem dizer uma palavra e volta para a cama.

Mais tarde naquele dia, ele se veste e sai. Onde passa a noite, ninguém sabe; só volta no dia seguinte.

“De que adianta fazê-lo assinar?”, ele se queixa à mãe. “Nunca pagou as outras dívidas, por que pagaria a Girlie?”

“Não importa, eu pagarei”, ela responde.

“Como?”

“Com meu trabalho.”

Há alguma coisa no comportamento dela que ele não pode mais negar, algo extraordinário. A cada nova revelação, ela parece ficar mais forte e decidida. É como se atraísse as calamidades com o único objetivo de mostrar ao mundo quanto pode suportar.

“Pagarei todas as dívidas dele”, ela afirma. “Pagarei em prestações. Vou trabalhar.”

Sua determinação de formiga o enraivece tanto que sente vontade de agredi-la. É evidente o que está por trás disso. Ela quer se sacrificar pelos filhos. Um sacrifício infinito: ele conhece bem essa mentalidade. Mas quando tiver se sacrificado totalmente, quando tiver vendido as próprias roupas e os próprios sapatos, e andar descalço com pés ensanguentados, como ele ficará? É uma ideia insuportável.

Chegam as férias de dezembro, e o pai continua desempregado. Os quatro ficam dentro de casa como ratos enjaulados, evitando-se, escondendo-se em quartos separados. O irmão se absorve nas revistas de quadrinhos: a *Eagle*, a *Beano*. A preferida dele é a *Rover*, com as histórias de Alf Tupper, o campeão de corrida que trabalha numa fábrica em Manchester e vive de peixe com batatas. Ele tenta esquecer, mas não pode deixar de aguçar os ouvidos a cada sussurro e rangido na casa.

Certa manhã, há um estranho silêncio. A mãe saiu, mas existe alguma coisa no ar, um odor, uma aura, um peso, e ele sabe que *aquele homem* continua lá. Com certeza não pode continuar dormindo. Seria possível que, maravilha das maravilhas, ele tenha cometido suicídio?

Mas se ele houver se suicidado, não será melhor fingir que não percebeu, para que os comprimidos para dormir ou seja lá o que for tenham tempo de agir? E como impedir que o irmão dê o alarme?

Na guerra que ele declarou ao pai, nunca teve certeza absoluta de ter o apoio do irmão. Desde que pode se lembrar, as pessoas notaram que, enquanto ele puxou mais à mãe, o irmão se parece mais com o pai. Ele desconfia de que o irmão tenha pena do pai; suspeita que o irmão, com seu rosto pálido e preocupado e o tique na pálpebra, seja um molengão.

Com certeza seria melhor evitar o quarto *dele*, para que, se houver perguntas mais tarde, possa dizer: “Eu estava conversando com meu irmão”, ou “Eu estava lendo no meu quarto”. Mas ele não pode conter a curiosidade. Vai pé ante pé até à porta do quarto, abre-a e espia.

É uma manhã quente de verão. O ar está parado, tão parado que se pode escutar os pardais pipilando lá fora, suas asas abanando. As venezianas estão fechadas, as cortinas baixas. Há um cheiro de suor de homem. Na obscuridade ele enxerga o pai deitado na cama. Do fundo de sua garganta sai um ronco suave quando ele respira.

Ele se aproxima. Seus olhos estão se habituando à luz. O pai está com a calça do pijama e uma camiseta de algodão. Não se barbeou. Há um “V” avermelhado no pescoço dele onde o bronzeado dá lugar à brancura do peito. Ao lado da cama há um penico onde pontas de cigarro boiam na urina amarronzada. Ele nunca viu nada mais feio em toda a vida.

Não há comprimidos. O homem não está morrendo, simplesmente dorme. Ele não tem coragem de tomar os comprimidos, assim como não

tem coragem de sair e procurar trabalho.

Desde o dia em que o pai voltou da guerra eles brigaram, numa segunda guerra que o pai não tinha chance alguma de vencer porque jamais teria imaginado um inimigo tão impiedoso e tenaz. Durante sete anos aquela guerra se intensificou; hoje ele triunfou. Sente-se como o soldado russo no Portão de Brandemburgo, erguendo a bandeira vermelha sobre as ruínas de Berlim.

Mas ao mesmo tempo ele gostaria de não estar ali, testemunhando aquela vergonha. Não é justo!, ele tem vontade de gritar. Sou apenas uma criança! Gostaria que alguém, uma mulher, o tomasse nos braços e curasse suas feridas, o reconfortasse, lhe dissesse que fora apenas um pesadelo. Pensa no rosto da avó, macio e fresco, seco como seda, oferecendo-se para que ele o beije. Gostaria que a avó pudesse chegar e consertar tudo.

Uma bola de catarro se forma na garganta do pai. Ele tosse e vira-se de lado. Seus olhos se abrem, os olhos de um homem totalmente consciente, que sabe exatamente onde está. Os olhos o fixam, parado ali onde não deveria estar, espionando. Os olhos não emitem julgamento, mas tampouco bondade.

As mãos do homem descem preguiçosamente e arrumam a calça do pijama.

Ele espera que o homem diga alguma coisa, “Que horas são?”, para facilitar as coisas. Mas o homem nada diz. Os olhos continuam a fitá-lo, pacificamente, distantes. Então se fecham, e ele adormece novamente.

Ele volta para o quarto e fecha a porta.

Às vezes a tristeza se dissipa. O céu, que costuma pairar fechado sobre sua cabeça, não perto o suficiente para que possa tocá-lo, mas tampouco muito distante, abre uma fresta, e, durante um instante, ele pode ver o mundo como realmente é. Vê a si mesmo de camisa branca com mangas enroladas, a calça curta que quase não serve mais: não uma criança, não o que um transeunte chamaria de criança, está crescido demais para isso, crescido demais para essa desculpa, mas ainda tão idiota e fechado em si mesmo quanto uma criança: infantil, tolo, ignorante, retardado. Nesses momentos ele também pode ver o pai e a mãe, de cima, sem raiva: não como dois pesos cinzentos e amorfos sentados em seus ombros, conspirando dia e noite a desgraça dele, mas como um homem e uma

mulher vivendo suas próprias vidas cheias de problemas e de tédio. O céu se abre, e ele vê o mundo como é; depois, quando o céu se fecha, volta a ser ele mesmo vivendo a única história que admite, a sua própria história.

A mãe está junto da pia, no canto mais escuro da cozinha. Está de costas para ele, os braços salpicados de espuma, esfregando uma panela sem pressa. Ele anda em volta falando sobre alguma coisa, não sabe o que, falando com sua veemência habitual, queixando-se.

Ela interrompe a tarefa; seu olhar tremula sobre ele. É um olhar pensado, sem nenhum carinho. Pela primeira vez, ela não o vê. Aliás, ela o vê como sempre foi e como ela sempre soube que ele era quando não estava imersa em ilusão. Ela o vê, o avalia e não fica satisfeita. Perde a paciência.

É isso que ele teme nela, na pessoa que mais o conhece no mundo, que tem a enorme vantagem de saber tudo sobre seus primeiros anos de vida, os mais desprotegidos e íntimos, anos dos quais ele nada lembra, apesar dos esforços. É ela quem provavelmente também sabe, já que é inquisitiva e tem suas próprias fontes, dos segredos corriqueiros da vida escolar dele. Ele teme seu julgamento. Teme os pensamentos frios que devem passar pela cabeça dela em momentos como este, quando não há paixão para lhes dar cor, nem motivo para que o julgamento não seja absolutamente claro; sobretudo, ele teme o momento, que ainda não chegou, em que ela irá proferir seu julgamento. Será como um relâmpago; ele não poderá suportar. Ele não quer saber. Tanto não quer saber que sente uma mão subir por dentro da própria cabeça e bloquear seus ouvidos, bloquear sua visão. Preferia ser cego e surdo a saber o que ela pensa dele. Preferia viver como uma tartaruga dentro do casco.

Essa mulher não foi trazida ao mundo com o único objetivo de amá-lo e protegê-lo e satisfazer as necessidades dele. Ao contrário, ela teve uma vida antes de ele existir, uma vida em que não havia a exigência de lhe dar atenção. Em certa época da vida ela o pariu; ela o pariu e decidiu amá-lo; talvez tenha decidido amá-lo antes mesmo de dar à luz; mas ela decidiu amá-lo e, portanto, pode decidir deixar de amá-lo.

“Espere até ter seus próprios filhos”, ela diz num de seus dias amargos. “Então entenderá.” O que ele entenderá? É um chavão que ela usa, um chavão que parece vir dos velhos tempos. Talvez seja o que cada

geração diz à seguinte, como um aviso, uma ameaça. Mas ele não quer ouvir. “Espere até ter seus próprios filhos!” Que absurdo, que contradição! Como pode uma criança ter filhos? De qualquer modo, o que ele saberia se fosse pai, se fosse o próprio pai, é exatamente o que ele não quer saber. Não aceitará a visão que ela quer lhe impor: sóbria, decepcionada, desiludida.

TIA ANNIE MORREU. Apesar das promessas dos médicos, nunca voltou a andar depois do tombo, nem com bengala. De seu leito no Volkshospitaal foi transferida para um leito no lar para idosos em Stikland, no fim do mundo, onde ninguém tinha tempo para visitá-la e onde morreu só. Agora será enterrada no cemitério da Woltemade número 3.

Primeiro ele se recusa a ir. Já tem orações suficientes na escola, diz, não quer ouvir mais. Ele exprime verbalmente o escárnio pelas lágrimas que serão derramadas. Dar a tia Annie um enterro decente é apenas uma forma para que os parentes se sintam bem. Ela deveria ser enterrada num buraco no jardim do lar de idosos. Seria mais econômico.

No fundo, ele não quer dizer aquilo. Mas precisa dizer coisas desse tipo para a mãe, precisa ver o rosto dela se contrair de tristeza e revolta. Quanto ainda terá de dizer antes que ela finalmente revide e lhe diga para se calar?

Ele não gosta de pensar na morte. Seria melhor se as pessoas velhas e doentes simplesmente parassem de existir e desaparecessem. Ele não gosta de corpos velhos e feios; a ideia de velhos tirando a roupa lhe causa arrepios. Espera que nenhum velho tenha entrado no banheiro de sua casa em Plumstead.

A própria morte é uma questão diferente. De alguma forma, ele está sempre presente após sua morte, flutuando acima do espetáculo, se divertindo com a dor dos que a provocaram e que, agora que é tarde demais, desejam que ele estivesse vivo.

No entanto, ele acaba indo ao enterro de tia Annie com a mãe. Vai porque ela lhe suplica, e ele gosta que lhe supliquem, gosta da sensação de poder que isso lhe dá; e também porque nunca foi a um funeral e quer ver a profundidade da cova, como o caixão é posto dentro dela.

De modo algum é um grande enterro. Estão presentes apenas cinco pessoas da família e um jovem clérigo da Igreja Reformista Holandesa, cheio de espinhas. Os cinco são tio Albert com a mulher e o filho, a mãe e ele. Faz anos que não vê o tio Albert. Está quase dobrado em dois sobre a bengala; escorrem lágrimas de seus olhos azuis-claros; as pontas do colarinho estão viradas para fora como se outra pessoa houvesse atado a gravata.

Chega o carro funerário. O agente e seu auxiliar usam roupas pretas formais, mais bem vestidos que qualquer um deles (ele usa o uniforme da escola St Joseph's: não possui um terno). O clérigo diz em africânder uma oração pela irmã que partiu; então o caixão é retirado do carro em direção ao túmulo e o posicionam sobre alguns paus que cobrem a cova. Para a decepção dele, não o baixam para dentro da cova — isso deve esperar, ao que parece, pelos coveiros —, mas o agente funerário indica discretamente que eles podem atirar punhados de terra sobre o caixão.

Começa uma chuva fina. Acabou-se o assunto; eles podem ir, podem voltar a suas próprias vidas.

No caminho até o portão, atravessando hectares de túmulos antigos e novos, ele anda atrás da mãe e do primo dela, o filho de Albert, que conversam em voz baixa. Eles têm o mesmo jeito de andar, ele nota, o mesmo jeito de erguer as pernas e pousá-las pesadamente, esquerda, direita, como camponeses usando tamancos. Os Du Biel da Pomerânia: gente do campo, lentos e pesados demais para a cidade; deslocados.

Pensa na tia Annie, a quem largaram ali na chuva na abandonada Woltemade, pensa nas longas garras negras que a enfermeira lhe cortou no hospital, que ninguém mais cortará.

“Você sabe tanta coisa”, tia Annie lhe disse um dia. Não era um elogio: embora seus lábios estivessem repuxados num sorriso, ela balançava a cabeça ao mesmo tempo. “Tão jovem e já sabe tanto. Como vai guardar tudo isso na cabeça?” E ela se inclinou e bateu no crânio dele com um dedo ossudo.

O menino é especial, tia Annie disse a sua mãe, e ela lhe contou depois. Mas especial em que sentido? Ninguém diz.

Chegam ao portão. Chove mais forte. Antes de pegar os dois trens, um até Salt River e o outro até Plumstead, terão de andar debaixo de chuva até a estação de Woltemade.

O carro funerário passa por eles. A mãe estende a mão para detê-lo e conversa com o agente funerário.

“Eles vão nos dar carona até a cidade”, diz.

Então ele precisa subir no carro e sentar-se espremido entre a mãe e o agente, e passam lentamente pela Voortrekker Road. Ele a odeia por isso, e espera que ninguém da escola o veja.

“A senhora era professora, acredito”, diz o agente. Ele fala com sotaque escocês. É um imigrante: o que pode saber sobre a África do Sul, sobre gente como tia Annie?

Ele nunca viu homem mais peludo. Pelos negros brotam do nariz e dos ouvidos, espetam-se em tufos pelos punhos engomados.

“Sim”, responde a mãe. “Deu aulas durante quarenta anos.”

“Então deve ter deixado coisas boas”, diz o agente funerário. “Nobre profissão, a de ensinar.”

“O que aconteceu com os livros de tia Annie?”, ele pergunta à mãe depois, quando estão novamente a sós. Ele diz “livros”, mas quer dizer apenas o *Ewige Genesing* com seus vários exemplares.

A mãe não sabe ou não quer dizer. Do apartamento onde ela quebrou a bacia, para o hospital e para o lar de idosos em Stikland e para Woltemade número 3, ninguém lembrou dos livros, com exceção talvez da própria tia Annie, os livros que ninguém jamais lerá; e agora tia Annie está deitada sob a chuva esperando que alguém tenha tempo para enterrá-la. Cabe somente a ele pensar. Como guardará todos em sua cabeça, todos os livros, todas as pessoas, todas as histórias? E se ele não lembrar, quem o fará?

J. M. COETZEE nasceu em 1940 na Cidade do Cabo, África do Sul, e desde 2002 é professor visitante na Universidade de Adelaide, Austrália. Um dos mais importantes escritores contemporâneos, produziu romances, memórias, traduções e crítica literária. Depois de premiado duas vezes com o Booker Prize, recebeu em 2003 o Nobel de literatura. A Companhia das Letras publicou diversas obras suas, dentre as quais *Vida e época de Michael K*, *Desonra*, *A vida dos animais*, *Juventude* e *Diário de um ano ruim*.

copyright © by J. M. Coetzee, 1997

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com Peter Lampack Agency, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Boyhood — Scenes from Provincial Life

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Julia Bussius

Revisão

Adriana Moretto

Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0261-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

Sobre o autor

Créditos